



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXXI – N.º 1397 • 1 de OUTUBRO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

**IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO**

MELGAÇO MONÇÃO VALENÇA P. COURA

CERVEIRA CAMINHA MOLEDO ÁNCORA

**Calvolima** Imobiliária

**VENDE ARRENDA TRESPASSA**

**T. 251 654 924**

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA

Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

## No Centenário de Nascimento do P.º Júlio Vaz

“Actualização”

«Actualização» é o novo livro do nosso Director, com o qual celebra as suas bodas de prata de sacerdote e de professor do Seminário. É um estudo sobre os Seminários em ordem a uma actualização a fim de que os futuros sacerdotes sejam formados de maneira a que a sua excelsa dignidade não caia na mediocridade, e para que os seminários sejam alfobres de apóstolos com preparação adequada aos tempos que vivemos.

Escrito antes que o Concílio Euménico Vaticano II votasse o Decreto sobre a Formação Sacerdotal, «Actualização» está na linha do Concílio.

Todos os que se interessam pelo momentoso problema da formação do padre — santo, apóstolo e missionário — encontram neste livro matéria de estudo, e um auxiliar oportuno para colaborar na preparação dos futuros sacerdotes.

POR JULIO VAZ

P.º Júlio Vaz

**O HOMEM** que dirigiu este jornal durante 60 Anos, com Visão de Futuro e que teve na obra “Actualização” o ponto alto da sua intervenção como sacerdote e educador durante 25 Anos, cujo lema era “Sempre Mais e Melhor” ao serviço dos outros com verdadeiro Amor.



Semanário a Cruzada de 9 de Janeiro de 1966

págs. 29-32

Do Cristo Redentor (Corcovado - Brasil)

Onze presidentes de junta apoiam recandidatura de Manoel Batista

pág. 3

Política de ilusões

pág. 10

Repensar a Festa da Cultura de Melgaço

pág. 11

A misteriosa aparição de Nossa Senhora de Numão - Castro Laboreiro

pág. 13

25.000 hectares ardidos no Alto Minho neste verão

pág. 14-15

Melgaço a Sorrir apresentou-se à Escola Superior de Desporto e Lazer (ESDL)

pág. 16

Potencialidade das Termas na área da saúde

pág. 19

As Cordilheiras do Cáucaso

pág. 24

Viagem à Noruega

pág. 26

Diferenciação do Alvarinho da Sub-Região está em estudo

pág. 28

## Dr. Carlos Lemos em visita ao Bom Jesus, em Setembro



pág. 25

14 de Outubro, lançamento do Livro “História de uma Vida”, no Salão Nobre da Câmara Municipal, às 18h

## Raça de Castro Laboreiro mostra-se nas Termas do Peso

pág. 8



## OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

**Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.**

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:  
**Doutor José António Marquês Magalhães**  
ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA  
UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



**CALLE POLICARPO SANZ - 9 - 1º ANDAR**  
**VIGO - ESPANHA - Tlm: 0034 652 469 433**



ALVARINHO  
**Casa do Cerdedo**  
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Poís em qualquer atributo  
Casa do Cerdedo é rei.*

casadocerdedo@gmail.com  
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695  
Tel: 251 825 341 / 251 402 138

# Voltar à Escola | CAPÍTULO 1



As próximas crónicas serão dedicadas ao regresso às aulas. E a este primeiro capítulo daremos o nome de "Além dos manuais e materiais", porque antes de as aulas iniciarem de facto, importa aproveitar o período de preparação do regresso à escola, de modo a que essa preparação não se circunscreva apenas a materiais e manuais.

Importa então:

– Refletir sobre o ano anterior; sobre os sucessos escolares conseguidos e sobre o que correu menos bem. Pensar, em conjunto com a criança/adolescente, sobre as causas, os fatores dos sucessos e insucessos e dar forma a estas reflexões num suporte escrito, que esteja presente no local de estudo, em casa.

– Com base na reflexão anterior, definir objetivos, por disciplina, objetivos esses a curto prazo (ex: classificações para os primeiros testes); reais, não utópicos (subir de um 48% para um 90% será pouco provável e causará desmotivação) e promover,

de igual modo, suporte escrito para estes objetivos, no local de estudo, em casa.

– Se houve motivos de ansiedade face ao contexto escolar, perceber, em primeiro lugar qual o foco de origem da ansiedade e analisar o grau de comprometimento do funcionamento quotidiano que a ansiedade traz à criança /adolescente, uma vez que os quadros clínicos de ansiedade são uma das causas principais das dificuldades de atenção /focalização na tarefa, em contexto escolar e de estudo autónomo.

– Se houve histórico de dificuldades de atenção/focalização na tarefa globais, comprometedoras da aprendizagem e do funcionamento quotidiano equilibrado, é importante perceber que poderão tratar-se de patamares clínicos individuais que "não passam com a idade", sendo produtivo encará-los como algo mais do que "feitos ou maneiras de ser". Os desvios de atenção comprometedores, quando não são alvo de intervenção, condicionam um

percurso pela aprendizagem escolar distante daquilo que a criança poderia conseguir.

– Analisar os hábitos de leitura diários, uma vez que um grau de eficiência individual na leitura é um fator crucial para o sucesso na aprendizagem e para a capacidade de funcionamento global autónomo.

– Aproveitar a necessidade de compra do material escolar, para desenvolver patamares de educação financeira. As competências a desenvolver, por idade, foram abordadas, ao pormenor, em crónicas anteriores. A título de exemplo, a partir dos 8 anos, a criança deve conhecer o montante concreto que os pais disponibilizam para a aquisição do material e manuais escolares; perceber como é que esse montante foi conseguido pelos pais (esquemas de poupança implementados para o efeito); após a aquisição dos manuais, subtrair o valor dos mesmos ao valor inicial e aferir a parcela disponível para o restante material; treinar com um folheto

publicitário de material escolar, diferentes opções de compra para o material que necessita, comparando preços e ajustando escolhas; e já com esta preparação anterior, acompanhar os pais na compra efetiva do material.

– Envolver a criança na preparação do material, de modo a promover autonomia individual. Ajustando tarefas por idade, a criança deve ser envolvida, por exemplo, na etiquetagem do material; triagem e melhoria/tratamento do material a aproveitar do ano anterior; colocação e distribuição do material nos suportes adequados (folhas nos dossiers, marcadores no estojo, etc). A atribuição de tarefas como estas, aumenta a probabilidade de responsabilização pelos materiais e, mesmo representando tempo acrescido na preparação global do material escolar, diria que esse mesmo tempo acrescido é bem-vindo, porque aumentamos a probabilidade de que também acresça a autonomia individual global, tão necessária.

– E porque a reflexão não envolve só a criança/adolescente, perguntar-lhe (s), com abertura de escuta e de avaliação individual também, de que modo vêm a participação dos pais no acompanhamento no seu quotidiano escolar; o que mais valorizam; o que gostariam de mudar; em que aspetos consideram que mais precisam de ajuda.

Sónia Vaz  
Psicóloga Infantil  
Revista SIM

## Ser deficiente é privilégio?

Muitas vezes ouvimos que um deficiente não trabalha, recebe uma pensão, não precisa gastar dinheiro porque tem tudo ou quase tudo....

Será privilégio não conseguir ver o sol? Será privilégio chegar a uma sala lotada e ter sempre cadeira para estarmos sentados (até levamos a cadeira de casa), mas o Estado muitas vezes nada participou na sua aquisição, e poderemos estar a falar de mais de uma dezena de milhares de euros.

Todas as pessoas têm o Direito de ir e vir. Têm o Direito a terem igualdade de oportunidades. Está na lei fundamental do país, a Constituição da República Portuguesa. Mas bastará tais direitos estarem plasmados em forma de Lei? Todos nós deficientes sabemos que não.

Há poucos dias foi notícia na imprensa nacional, que o Governo mexeu no imposto que um deficiente não pagava na compra de um carro. Vai passar a pagar se o carro for de alta cilindrada. Mas qual o carro pequeno em que uma cadeira de rodas cabe?

A recente decisão da CP de alterar a chamada tarifa 2 por 1,

ou seja o deficiente paga 25% e o acompanhante paga os restantes 75%, parece um benefício, mas só aparentemente. Durante anos nenhum governo investiu na ferrovia. Não há rampas, não há elevadores portáteis, não há sinalética em Braille, não há sinais sonoros... de que adianta pagar pouco, num bilhete de comboio, se não os podemos apanhar, porque eles ou não existem ou não são acessíveis?

Mas sim, verdadeiramente há um privilégio: Nas viagens de avião, pagamos o mesmo que qualquer outro passageiro, mas poderemos ter todo o conforto do Mundo, porque o pessoal de cabine tudo faz para nos proporcionar o melhor voo possível.

Mas há outros privilégios também. Fazermos algumas dezenas de cirurgias, faz de um hospital a nossa segunda casa, temos na classe médica e de enfermagem, uma segunda família. E imaginem que até sabemos aqueles nomes esquisitos que às vezes os médicos dizem.

Mas como em tudo na vida, a sorte é feita de muito trabalho, de muita perseverança. Ninguém nasce ensinado a andar de ca-

deira. Felizmente tive a sorte de haver em Portugal, um centro de Medicina Física e Reabilitação, (ainda hoje um dos melhores da Europa) e, eu ter sido um dos que por lá aprenderam tudo ou quase tudo o que precisamos saber para ser cidadãos integrados e ativos na sociedade. A sorte faz suar!

Mas não digam que somos iguais. A igualdade não existe e fisicamente tenho mesmo algumas limitações. Há que aceitá-las, superá-las e sair para a rua, mesmo com maus passeios, com buracos, sem rampas... Porque a vida é para ser vivida na ajuda ao nosso irmão, que mesmo não sendo deficiente, pode precisar de alguém que no mínimo o ouça e, isso eu posso fazer.

Numa cadeira, de canadianas, cego, mudo, ou com qualquer outra deficiência, somos apenas seres humanos. A diferença, mais do que nos separar será a nossa grande marca para este Mundo.

Parafraseando um livro escrito no Brasil, vamos todos ser felizes: "Na minha cadeira ou na tua?"

José Senra  
Viana do Castelo,  
5 de setembro de 2016

### PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»

Largo da Senhora-a-Branca, 105;  
4710-926 BRAGA

jornal.vozmelgaco@gmail.com

Telef. 253 214 284

Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

#### Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

#### Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

#### PRÉ-IMPRESSÃO:

Amigos de "A Voz de Melgaço"

#### IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. - Braga  
Telef. 253 303 170

#### Assinatura anual:

Portugal - 20 Euros  
Estrangeiro - 25 Euros

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Site: www.vozdemelgaco.pt.la  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

#### Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

#### Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

#### Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

#### Correspondentes

João Martinho Silva - Melgaço  
Moisés Costa - Melgaço

#### Colaboradores:

Abílio Francisco Conde - Melgaço  
Alberto Magno P. Castro - Valença  
Alcídio Silva Figueiredo - Porto  
Álvaro Carvalho - Braga  
Ana Cristina Costa - Braga  
António Jorge Tavares - Açores  
Armanda Urze - Melgaço  
Arménio Augusto de Melo - Braga  
Armindo Vaz (Dr.) - Macau  
Arturo Diaz (Dr.) - Barcelos  
Gaspar Caldas - Melgaço  
Helena Matos - Braga  
José Afonso Marques - Orense  
José Armando Monteiro (Dr.) - Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) - Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) - Viana  
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) - Monção  
Manuel Félix Igrejas - Brasil  
Manuel Fernandes (Dr.) - Braga  
Manuel José Pereira - Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) - Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) - Brasil  
Maria Ester Taveira (Dra.) - Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) - Lisboa  
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) - Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) - Leiria  
P.º Manuel Domingues - Chaviães  
Olinda Carvalho (Dra.) - Lisboa  
Ramiro Lima Cerqueira - Melgaço

#### Membro da:

AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

# Onze presidentes de Junta querem Manoel Batista e o PS novamente **na mesma corrida pela presidência da Câmara em 2017**

A cerca de um ano das eleições Autárquicas, onze dos treze presidentes de Junta e Uniões de Freguesias do concelho de Melgaço já manifestaram o apoio a Manoel Batista para que seja reconduzido enquanto cabeça de lista pelo Partido Socialista na corrida à presidência da Câmara.



Este marcar de posição da esmagadora maioria dos autarcas esclarece que a decisão, tomada em reunião, realizada na penúltima semana de Setembro, será a do apoio ao actual presidente da Câmara de Melgaço, a cumprir o seu primeiro mandato.

Num momento em que ainda não foi formalmente anunciado

qualquer outro candidato à presidência da Câmara melgacense, os onze subscritores da missiva justificam a sua escolha, considerando o actual líder do executivo "o melhor candidato porque (...), desenvolveu um trabalho de excelência que merece ter continuidade".

Os autarcas das freguesias consideram ainda que Manoel Batista foi equitativo no tratamento de todas as freguesias e "um presidente atento e sempre disponível para os problemas" de cada uma das autarquias locais.

João Martinho

# CHAVIÃES Os **100 Anos** da senhora Izaura do Pinto



No passado dia 31 de Agosto, a conhecida senhora Izaura do Pinto, residente no lugar da Igreja, freguesia de Chaviães, completou a linda idade de 100 anos. Jovial e lúcida, perita no jogo da sueca, quis que a efeméride fosse celebrada com festa e convívio. Para isso, deslocaram-se de França e do Canadá, filhos, familiares e amigos. Na "Capela da Quinta", celebrou-se a Eucaristia, muito participada e jubilosa. Depois, num restaurante da nossa terra de Melgaço, o almoço que congregou umas 50 pessoas e que teve animação musical. A senhora Izaura sempre disse: quando fizer os 100, quero banda de música! Pois, foi a banda típica dos gaiteiros da Gave!...

Parabéns, senhora Izaura, um beijinho. E venha mais um e depois outro, por aí fora. Com esta qualidade de vida, vale a pena!

Parabéns, senhora Izaura, um beijinho. E venha mais um e depois outro, por aí fora. Com esta qualidade de vida, vale a pena!

NOTA: Apesar das distâncias e dos problemas de saúde, quer o filho, no Canadá, quer a filha, em França, nunca deixam de, alternadamente, fazerem companhia a sua mãe. **Lindo de se ver!**





**ESTHETIC SMILE**  
HEALTH CARE

CARTÃO CONSULTA

**CUSTA MENOS**

**SORRIR MELHOR**



**MELGAÇO**  
**A SORRIR**

ESTABELECIMENTO ADERENTE

**MEDICINA DENTÁRIA**

Implantes com Cirurgia Guiada  
Sedação Consciente  
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)  
DSD (Dental Smile Design)  
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónica)  
Ozonoterapia  
Plasma e Fatores de Crescimento  
Banco de Ossos  
Tratamentos Convencionais

Dr. João António Dias Gomes  
Dr.ª Hebe Maria Zamagna

**+351 251 404 002**  
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!

Travessa de Santiago nº 67  
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço):  
<https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaço>

INFORME-SE E ADQUIRA PARA  
BENEFICIAR DE PREÇOS ESPECIAIS  
E VANTAGENS EXCLUSIVAS  
DURANTE TODO O ANO

# Olivença - Um "Rincón" de Portugal em Terras de Espanha



*Tive como destino de férias, depois da estada em Vila Nova de Cerveira e Moledo, uma ida até ao alto Alentejo, mais precisamente para uma concentração automobilística a nível nacional, dos "2 CV", a qual teve lugar em Castelo de Vide.*

Não queria perder a oportunidade de visitar Olivença, essa pequena e simpática cidade que em tempos foi do nosso domínio.

Sabendo que o meu amigo Abílio, de Vilar de Mouros, já lá tinha estado a apreciar os seus valores arquitectónicos, procurei-o para me dar algumas "dicas" sempre úteis. Curiosamente, ele próprio já tinha falado com alguns dos habitantes, procurando pormenores sobre a presença portuguesa, um habitante relatou-lhe que quando, ele próprio, se portava mal em criança, a sua mãe ainda lhe ralhava em português!

O viajante deixa para trás o imponente aqueduto de Elvas, e depois de tomado um café e umas águas frescas, retoma o caminho para visitar a cidade espanhola de Olivença, seguindo por uma bonita estrada de paisagem alentejana, até encontrar a placa que lhe indica que está em terras de Espanha.

Seguindo essa estrada com uma paisagem típica do alto Alentejo, onde a nota mais saliente é uma central de energia solar com painéis a perder de vista, num claro aproveitamento natural da luz solar, que naquela zona é de grande intensidade.

Passados os quilómetros que nos separa de Elvas para Olivença, encontrámos uma cidade bem

arrumada, com um interessante centro histórico, a qual esteve 504 anos, debaixo do domínio português.

Recuando um pouco na história, Olivença, surge na história nos princípios do séc. XIII, quando Afonso IX de Léon, expulsa os árabes da cidade de Badajoz, com a ajuda de ordens militares, a quem depois entrega alguns dos castelos que ao seu redor se encontram vazios, mormente aos Templários. Estes construíram a primeira igreja e castelo, em Alconchel, a qual se manteve na sua posse durante 28 anos, até que Afonso X, as reclamou como suas.

Mantém-se como aldeia de Badajoz, até ao Tratado de Alcanices, em 1297. Com a morte do rei Sancho IV, aliado à debilidade de Castela com as guerras civis pela sucessão ao trono, o rei D. Dinis, aproveitou para rectificar as fronteiras, e esteve mais de 500 anos no domínio português, apesar de alguns períodos bélicos.

A coroa lusa, recebeu uma declaração de guerra de Carlos IV, a qual ficou conhecida como a guerra das laranjas, a qual acabou com o Tratado de Badajoz, que estipulou como fronteira entre os dois países o rio Guadiana.

Mas, deixemos a história antiga, para recordar que Olivença se converteu em cidade espanhola, título concedido por Isabel II, em 1858.

Resta-nos a nós portugueses, que no Conjunto Histórico Artístico de Olivença, desde 1964, e dado o carácter eminentemente

militar da cidade, a mesma mantenha os vestígios da nossa presença.

Deste modo, Olivença teve quatro muralhas, conservando-se no momento a primeira e a última, e um torreão da terceira. A primeira foi mandada construir por D. Dinis, e conserva no momento mais de dois terços, com as suas quatro portas: Alconchel, Ángeles, São Sebastião e a Graça. No interior desta cidadela, encontra-se o Alcácer, mandado construir pelo rei Afonso IV, conhecido em Olivença como o castelo, o qual foi ampliado com a construção da magnífica Torre de Menagem. Esta torre é a mais alta de todas as existentes na fronteira medieval, traçadas nos reinos de Castela e Portugal, com 37 metros de altura e 17 rampas de acesso ao seu terraço. Do seu fosso inundável que rodeava esta muralha, encontra-se recuperado o lado noroeste.

Olivença tem uma particularidade muito interessante. Encontrámos no seu centro histórico, os principais monumentos e igrejas, todos muito próximos, os quais merecem ser visitadas pelo seu valor artístico e arquitectónico, onde a presença portuguesa está bem presente.

No período em que Portugal e Espanha, compartilharam o reinado com os Filipes, temos a Igreja de Santa Maria del Castillo, a Igreja do Espírito Santo, A Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena e na Casa da Misericórdia, onde podemos ver o bonito portal manuelino, o qual é a imagem de marca da cidade, vista nos pros-



pectos turísticos e nas viaturas oficiais da cidade, pois é a fachada da própria Câmara Municipal.

Como já referi a presença portuguesa é significativa, já não só nas armas representadas na Torre de Menagem, em mármore branco, como noutros monumentos, como o interior da Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena, considerada uma obra prima do estilo manuelino português, onde oito colunas torsas de mármore apoiam as suas três naves. A igreja matriz de Santa Maria del Castillo, em estilo classicista, tem no seu interior interessantes mostras do renascimento; tem três naves cobertas com abóbadas de aresta, apoiadas em belas colunas de estilo jónico; o altar-mor é de estilo barroco, tendo de ambos os lados bonitos azulejos, também do mesmo estilo.

Também é digno de visita a visita ao Museu Etnográfico, instalado no castelo e na Pada-

ria do Rei, esta do século XVIII, de estilo pombalino neoclássico português, já que se julga que foi construído, na altura da reconstrução da baixa lisboeta, depois do terramoto de 1755, impulsionada pelo Marquês de Pombal. É interessante o seu acervo, já não só pelos instrumentos musicais e de arte sacra, mas pela colecção arqueológica de peças do Calcolítico da época árabe e medieval.

Olivença, é uma cidade que encanta já não só pela nossa antiga presença, o que se pode verificar em cada esquina, onde na sua toponímia, encontrámos o nome das praças e ruas, em castelhano e em português. E podemos encontrar até um café em estilo árabe, já que é uma cidade aberta a várias culturas.

*António Jorge Tavares*

*Jornalista*

*(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)*

# A produção escrita de António Luís Vaz

## CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo V

### A Grande Aventura (3ª parte)



Ponhamos de lado as restantes actividades para ver o que representa de grandioso, no domínio das ciências, o esforço português.

Os valores abundam num meio onde os habitantes não passam do milhão. O ensino levanta-se a um nível igual – superior, ia a dizer... – ao do resto da Europa<sup>(1)</sup>. Portugueses ensinam lá fora; estrangeiros vêm até nós para dizer à juventude estudiosa o que de mais notável se passa no campo das letras por essas nações da Europa.

Lembre-se o Colégio das Artes, a reforma da universidade de Coimbra em 1537, Aires Barbosa, Diogo de Murça, Diogo de Teive, Damião de Góis, Diogo de Gouveia, Clenardo e Vazeu, os lentes portugueses das universidades inglesas, italianas, francesas, alemãs, espanholas, tchecoslovacas e até – pasmai, ó gentes!... – polacas, em Vilna, posto avançado contra o bárbaro da Ásia, ainda sonolento, amodorrado, num alheamento de interesse pelas bulhas da Europa, que ele mais tarde vai cobiçar... – lembre-se tudo isso e faremos uma ideia aproximada do valor cultural, do heroísmo intransigente dessa plêiade formosíssima dos «Seiscentos».

Releve-se-nos o esquema, o simples esboço do «Século de Ouro» que permitiu ao nosso país brilhar no mundo pela cultura, pela inteligência e pelo arrojo das suas concepções.

Em todos os ramos do saber – Teologia, Sagrada Escritura, Direito, Filosofia, Humanidades, Matemática, Medicina – se apresentam valores europeus. Évora e Coimbra, simples conventos, rivalizam com o estrangeiro em ciências e no gosto pela cultura.

Nomes ao acaso: D. Jerónimo Osório, Diogo Paiva de Andrade, Luiz de Camões, Frei Jerónimo de Azambuja, D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Aires Barbosa, António de Gouveia, Francisco Sanches, Leão Hebreu, Garcia da Orta, Pedro Nunes, Aquiles Estação, Frei Francisco Foreiro, D. Frei Gaspar Casal, Heitor Pinto, Diogo Contreiras, Pedro da Fonseca, Pedro Margalho, Brás de Braga, P. Cristóvão Gil, Afonso de Prado, e tantos, tantos...

A Renascença em Portugal atira para os meios cultos da Europa com brigadas sobre brigadas de jovens ardorosos, ávidos de saber, cheios de audácia, elementos providenciais que não de filtrar o humanismo de erros pagãos e, mais tarde, rebater os desvios doutrinários do protestantismo.

A Itália primeiro, a Espanha logo, a França de pois, a Bélgica, a Inglaterra, a Alemanha, todas as nações cultas da Europa recebem com entusiasmo o adolescente português, que eu imagino audacioso, talhado em mármore, sabendo-se predestinado para grandes empreendimentos...

Não lhes tinha oferecido a Divina Providência milhões de quilómetros quadrados de superfície, com novos povos, diferentes civilizações, outros graus de cultura, aos quais era mister influenciar, plasmar, de sorte a pô-los ao serviço de Roma e da verdadeira fé?

Não eclodiu em seguida, a revolta protestante e, com ela, o receio de ver Portugal entretido no continente, quando novos mundos exigiam a sua presença?

Pois era necessário cortar de vez as raízes da heresia, para depois concluir a missão gloriosa de evangelizar os novos milhões de infieis.

Eu tenho a certeza de que os estudantes portugueses de Salamanca, Paris, Oxónia, Lovaina, Bordeus, Pisa, Bolonha e de tantas outras universidades da Europa, deviam sentir-se orgulhosos da Pátria, que os estremecia, e portadores dum sentido de existência, que os europeus de então meio gafados pelo protestantismo ou pelos erros pagãos da Renascença já não compreendiam.

A Península era bem a Torre de Marfim onde se refugiava a civilização ocidental.

Os estrangeiros cobiçavam a amizade portuguesa. Os talentos mais em destaque da época privam com portugueses e têm como suprema honra corresponder-se com eles.

Ângelo Policiano, em Florença, crisol de arte, santuário do platonismo, ensinava rapazes novos e escrevia em termos elogiosos para D. João II. Luiz Teixeira Lobo, aluno de Policiano, teve com Erasmo na Itália «relações não menos amigáveis que amistosas»<sup>(2)</sup> Henrique Caiado, em Pádua, vivia com a roda de amigos de Copérnico, que Erasmo louvou em termos encomiásticos pois os considerava como os melhores poetas latinos da época, na Itália.

Aires Barbosa, aluno de Policiano, foi condiscípulo de Leão X, em Florença. O que ele vale e o que representa na cultura portuguesa e espanhola todos o sabem. Garcia de Menezes, arcebispo de Évora, houve-se com tão raro poder oratório, com tanta beleza de estilo, perante Sisto IV, que Pom-

pónio Leto exclamou, deslumbrado: “Santo Padre, quem é este bárbaro que disserta com tanta veemência?”

Não vamos recordar D. Jaime, filho do Infante D. Pedro, o Cardeal Alpedrinha, o lente da universidade de Pádua, Gomes Hispano, Juda Abarbanel, Aquiles Estação, secretário de S. Pio V, o Cardeal D. Miguel da Silva, a quem Baldassare Castiglione dedicou o *Corrigiano*.

De Lovaina, onde pontificavam Luiz Vives e Erasmo, Aquiles Estação, Brás de Braga, André de Rezende, Damião de Góis e Diogo de Murça trouxeram a ânsia de renovação espiritual, logo traduzida em profundas reformas científico-literárias em Santa Cruz de Coimbra e em Santa Marinha da Costa, mais tarde, na ordem religiosa dos Jerónimos.

De Paris nem falemos. Os portugueses aí sentem-se como na própria casa. O Colégio de Santa Bárbara é um formigueiro de rapazes inquietos, rebeldes alguns, aos cânones medievos, ansiosos por vir a terreiro defrontar-se com os erros de Além-Reno.

Nele instituíra D. João III 50 bolsas de estudo e não o adquirira devido a circunstâncias alheias à sua vontade, aliás seria português. Quase o era, no entanto, desde o reitor, Diogo de Gouveia, aos alunos, em número de 50, – a maioria, se nos lembrarmos de que o Colégio de Navarra, sendo dos maiores, não ia além das 70 bolsas<sup>(3)</sup>.

Em França, estiveram alguns dos mais ilustres filhos deste século. Basta lembrar a dinastia dos Gouveias, com Diogo o Velho, reitor da universidade de Paris, e André de Gouveia, da de Bordeus, que tiveram como alunos S. Inácio de Loiola, Calvino, Rabelais e Montaigne!...

A história dum século dependente dum português, sem dúvida o homem que gozou de mais influência no meio escolar do tempo, segundo o testemunho do historiador francês Quicherat<sup>(4)</sup>.

No Colégio Montaigne, onde estiveram Erasmo e Rabelais, aprendeu Francisco de Melo e D. Martinho de Portugal, dois nomes que honram o país. O primeiro arranca um elogio a Luiz Vives, o mesmo sucedendo com D. Martinho de Portugal. Gaspar Lax dedica-lhe a *Arithmetica Speculativa* e Pierre Brissot, médico célebre, acompanha-o a Évora, onde fixou residência...

Diogo de Teive mantém relações epistolares e íntima amiza-

de com Buchaman, Turnébe, P. Galland. António de Gouveia é apreciadíssimo por Calvino, Rabelais, Briand Vallé, Cujácio, João Boyssoné, Minut, Ferreti etc..

André de Rezende corresponde-se com Ponciano, Erasmo, Conrado Goclénio, Rutgero Rescio, Nicolau Clenardo, João Vazeu, João Second, João Campense, Pedro Bembo, Ambrósio de Morales.

Para que falar de Damião de Góis, o caminheiro entusiasta da ciência através da Itália, Bélgica, França e Alemanha, o amigo de Erasmo, Melanchton, Pedro Bembo, Sandoletto, Paulo III, Luiz Vives, Conrado Goclénio, Pedro Nannink, Bonifácio Amerbac e tantos e tantos?

Como esquecer Jerónimo Cardoso, que foi íntimo de Álvaro Gomes, António Saliceto, Pedro Sanches, Bartolomeu Filipe e outros?

E D. Jerónimo Osório, o bispo de Silves, dos teólogos mais famosos da época, historiador primoroso, filósofo profundo, apologeta que não receou defrontar-se com os melhores espíritos do seu tempo?

É das figuras mais representativas dos renascentistas católicos, “certamente o mais célebre na Europa, não exceptuando mesmo nem Damião de Góis, nem André de Rezende”<sup>(5)</sup>.

Corre as universidades de Salamanca (aos 13 anos), Paris e Bolonha. Aí tomou conhecimento com os cardeais Sadolletto, Bembo e tornou-se íntimo do futuro bispo de Tarragona, António Agustín.

Os seus amigos disseminavam-se pela Europa: o Cardeal inglês Reginal Pole, o Cardeal Hosius, Arias Montano, Roger Ascham, inglês, Montaigne, em França. Este elogia-lhe as obras e Rogério Bacon também as conhece e aprecia.

Apreende com toda a facilidade os problemas mais difíceis do tempo, assenhoreia-se das disputas teológicas com todo o fulgor do seu espírito sereno: rebate Lutero, dirige-se em carta à rainha Isabel de Inglaterra, o que faz grande celeuma naquele país, ataca as doutrinas de Machiavel, pulveriza os erros antigos e modernos, homem do passado e do presente, situa-se no ambiente revolto da época, volta-se em mentor da Europa...

As levas de estudantes que tinham subido a Paris, Lovaina, Bolonha, Pisa, Oxónia, Bordeus, Salamanca, Alcalá de Henares etc. etc., onde quer que houvesse o fulgor duma disputa científica mais acesa, aí brilharam com entusiasmo, analisando as matérias

a ponto de serem convidados para reger cadeiras da maior reputação e distinguidas por luminares das ciências e das letras.

Hás mais de 100 professores que repartem lá fora, generosamente, o brilho da sua inteligência pelos milhares de alunos que avidamente os escutam.

Quem não lembra Aires Barbosa, Gaspar Álvaro da Veiga, Pedro Margalho, Henrique Jorge Henriques (também professor em Granada e Córdova), Francisco Martins, Luiz de Lemos, Tomé Rodrigues da Veiga, Henrique Fernandes, Manuel Mendes de Carvalho, Aires Pinhel, Frei Diogo Fernandes, Álvaro Gomes (também professor em Paris), Baltazar Limpo, Manuel Soares da Ribeira, Francisco de Araújo, Miguel da Costa, D. João Altamirano, Fernão Aires de Mesa, Vasco Rodrigues, Frei Luiz de S. Francisco, Manuel da Costa, Belchior Cornejo, Ascenso Gomes, Nunes da Costa, D. Francisco de Puga, António Gomes, Amador Rodrigues, Francisco Caldeira Febo, Duarte Fernandes, Jerónimo de Milão Frago, Agostinho Nunes, Ambrósio Nunes, Sebastião Gomes de Figueiredo, Rafael Nogueira, Gabriel Gomes, Francisco Homem de Abreu, Manuel de Oliveira e Manuel de Azevedo, todos professores em Salamanca?

Não podemos esquecer os lentes de Alcalá: Frei António de Seabra, Frei João de S. Tomás, Paulo Correia, Frei Luiz de Sotomaior, João Fernandes (também de Salamanca), Manuel Miona e Tomás de Aguiar.

Em Oxónia brilharam Frei António de Lisboa, Frei Luiz de Sotomaior, Filipe Elias Montalto, também professor em Praga e Gand; em Cantuária, Frei Tomé de Portugal; na de Athena, Frei João Sobrinho; em Gand, o P. Manuel de Sá, que também ensinou em Praga, na Tchecoslováquia e em Vilna.

<sup>(1)</sup> Bell, Aubrey F. G., *O Humanista D. Jerónimo Osório*, trad. port., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1934, pgs. CXIII e sgs.

<sup>(2)</sup> *Hist. da Lit. Port. Ilustrada*, idem, pg. 292.

<sup>(3)</sup> *Hist. da Lit. Port. Ilustrada*, idem, pg. 300.

<sup>(4)</sup> Idem, pg. 300.

<sup>(5)</sup> *O Humanista D. Jerónimo Osório*, idem, pg. 1.

# O livro de Saraiva e a hipocrisia dos jornalistas

***O livro de Saraiva tem pouco valor histórico e comete pecados graves, mas se queremos falar de jornalismo não devíamos estar antes a discutir como o DN, o JN e a TSF são hoje usados por José Sócrates?***

Não faço parte daquele grupo de activistas das redes sociais (e de colunistas de jornal) que não se envergonha de escrever “não li esse livro, mas...”, desatando a seguir a proferir as maiores inanidades sobre o que não se conhece. Tratei por isso de ler *Eu e os Políticos*, de José António Saraiva (com quem trabalhei nos anos em que estive no Expresso, já lá vão três décadas), antes de escrever fosse o que fosse. E devo dizer desde já que não alinhavo com a turba ululante. Passo a explicar.

*Eu e os Políticos* é um livro de memórias. Na verdade, é o terceiro livro de memórias do antigo director do Expresso e do Sol. Antes escreveu *Confissões de um Diretor de Jornal* [2003] e *Confissões – Os Últimos Anos no Expresso, o Nascer do Sol e as Conversas com Políticos à Mesa* [2006]. Também li esses dois livros. E, por isso, só posso ficar espantado pelo escândalo que agora se levantou em torno de José António Saraiva ter revelado conversas privadas, pois já o tinha feito nesses dois livros anteriores. Não o desculpo por isso, mas interrogo-me: será que a turba de indignados só agora o descobriu? Por outro lado, será que os políticos, que continuaram a almoçar com ele, não estavam avisados?

Matéria diferente são as passagens sobre a vida privada, até íntima, de alguns dos protagonistas. Nalguns casos, são inúteis e de evidente mau gosto – que adiante para a História, que Saraiva diz querer servir, saber que uma antiga secretária viu o rabo de Medina Carreira quando este levava uma injeção ou que um antigo namorado de Fernanda Cândio gostava de fotografias supostamente eróticas? Noutros são muito discutíveis, e quando digo discutíveis não o faço gratuitamente. Por exemplo: a orientação sexual de um dirigente partidário deve continuar a ser um tabu em Portugal, como é na generalidade dos países latinos, ou deve ser re-

velada (como Saraiva faz) como sucede na generalidade dos países anglo-saxónicos? Onde está a hipocrisia? E onde está o voyeurismo?

De resto, não se aprende muito com este livro, sobretudo para quem leu os anteriores, até porque alguns dos episódios são apenas contados de novo. Aprende-se sim com a indignação selectiva que ele suscitou. Por exemplo: ao lê-lo fiquei a saber que o jornalista do Expresso que cobria a Câmara de Lisboa era, numa determinada fase, quase íntimo do então presidente da autarquia; assim como soube que um outro jornalista do mesmo Expresso tinha relações de grande cumplicidade com um dos mais controversos políticos portugueses. Nada disso parece ter excitado os nossos “indignados”, porventura por esses dois jornalistas já se terem reformado. Ou talvez não, pois infelizmente conheço demasiado bem o corporativismo da minha classe para saber que também nela uma mão costuma lavar a outra.

Expurgado de uma dúzia das suas mais de 200 páginas o livro de Saraiva não teria levantado ondas e serviria apenas, como ainda serve, para acrescentar pormenores ao retrato de alguns políticos e da sua forma de actuar. Aí mantém algum interesse, nomeadamente quando recorda a forma como há quem minta com a mesma tranquilidade com que respira.

Mas adiante, que a onda de indignação suscitada pela obra tem uma vantagem: revela como a hipocrisia é moeda corrente entre nós. E como é fácil fazer tiro ao alvo contra alguém que já não tem poder e ficar calado quando as coisas são muito mais graves mas pode-se incomodar colegas e amigos.

Um bom exemplo daquilo a que me refiro é o que se passa no grupo Global Media, um dos maiores do país e proprietário do Diário de Notícias, Jornal de Notícias e TSF. A “indignação” de alguns dos jornalistas-colunistas desse grupo com o livro de Saraiva foi imensa. O que dá para ficar espantado, por causa dos telhados de vidros daquela casa. Por isso desculpem-se ser desmancha-prazeres, mas num fim-de-semana marcada pelo protagonismo político de José Sócrates não é possível continuar a ignorar a passadeira vermelha de que continua a beneficiar naquele grupo de comunicação. Mas vamos a factos.

Primeiro facto. Sabemos hoje, graças à Operação Marquês, que José Sócrates teve um papel determinante na transferência de propriedade daquele grupo em 2014, poucos meses antes da prisão do ex-primeiro-ministro. A sua preocupação era controlar as direcções dos dois jornais, tendo, através do seu amigo e advogado Proença de Carvalho, defendido a nomeação de Afonso Camões para esses lugares. Esse jornalista, amigo de Sócrates, chegou mesmo a definir-se como um “general prussiano” que “não se amotina”, podendo ser um “joker” em qualquer posição de direcção. O actual director do Jornal de Notícias é, de resto, um amigo de longa data de José Sócrates, que o colocou em lugares tão importantes como a direcção da Lusa e que contou com a sua colaboração noutras “operações” (aí, refira-se, o livro de Saraiva revela alguns episódios curiosos sobre a acção de Camões que eu desconhecia).

Mas sabemos mais. Sabemos que Proença de Carvalho é hoje o homem forte da administração do grupo e que os órgãos de informação da Global Media têm sido utilizados, com pouco ou nenhum escrutínio, por José Sócrates para difundir as suas mensagens. Correndo o risco de me falhar alguma intervenção, fiz um pequeno levantamento – pequeno mas significativo:

– **27 de Novembro de 2014:** Primeira mensagem de Sócrates depois da prisão, divulgada pela TSF (e pelo Público);

– **4 de Dezembro de 2014:** Carta publicada no Diário de Notícias;

– **5 de Março de 2015:** Carta escrita a partir do estabelecimento prisional de Évora e entregue ao Diário de Notícias, Jornal de Notícias e TSF, com críticas a Passos Coelho;

– **4 de Abril de 2015:** Texto de opinião publicado no Jornal de Notícias;

– **8 de Junho de 2015:** Declaração exclusiva ao Jornal de Notícias sobre a recusa de pulseira electrónica;

– **12 de Junho de 2015:** Declarações enviadas por escrito à TSF e ao Diário de Notícias;

– **30 de Junho de 2015:** Entrevista conjunta ao Diário de Notícias e à TSF;

– **19 de Agosto de 2015:** Carta enviada ao Jornal de Notícias (e à SIC);

– **19 de Junho de 2016:** Texto de opinião publicado ao mesmo tempo no Jornal de Notícias e na TSF;

– **26 de Junho de 2016:** Texto de opinião na TSF (não se encontram no site da TSF textos de opinião de mais nenhum político);

– **10 de Setembro de 2016:** Texto de opinião no Diário de Notícias;

– **16 de Setembro de 2016:** Entrevista à TSF sobre o juiz Carlos Alexandre.

Se a consulta dos arquivos não me pregou nenhuma partida, para além destas intervenções José Sócrates só deu mais uma entrevista nestes quase dois anos, a famosa (e controversa) entrevista em duas partes à TVI.

No que diz respeito ainda ao grupo Global Media refira-se ainda que os órgãos de informação que o integram recusaram publicar a publicidade do Correio da Manhã em que se criticava uma decisão judicial que, durante alguns meses, impediu aquele jornal de publicar informação rele-

vante sobre a Operação Marquês.

Estes dados indicam que aquele grupo de comunicação tem servido ao ex-primeiro-ministro como plataforma para defender as suas posições, com privilégios de acesso únicos, quase absoluta ausência de escrutínio, tudo isto quando se sabe que ele interferiu, em 2014, na escolha das direcções editoriais e que tem o seu amigo e advogado como presidente do Conselho de Administração.

Contudo parece haver uma espécie de “conspiração do silêncio” que não questiona esta situação, isto enquanto fervem as indignações por causa de um livro que, na verdade, só põe por escrito aquilo que todos sabem sobre a vida privada de algumas figuras públicas. O povo pode gostar muito de mexericos (enquanto diz mal deles), mas certo, é que falar de mexericos é muito útil para não se falar de coisas realmente importantes. E para mascarar a hipocrisia reinante.

*José Manuel Fernandes  
in Observador de 27 setembro 2016*

## Os nossos amigos

**Agosto e Setembro foram bons meses para que mais de 300 assinantes pusessem em dia a sua assinatura, tendo muitos deles, sobretudo os residentes no estrangeiro, pago já adiantado o ano 2017.**

**Houve dois que quiseram ainda dar-nos o brinde de uma subscrição de assinatura e uma quantia a mais para ajuda nas despesas. Foram os amigos Henrique Augusto Alves, a trabalhar na Inglaterra, pai da nossa conhecida Melissa, e o senhor Valdemar de Jesus Alves. Outros já pagaram a assinatura do ano 2018, José Afonso, dos estados Unidos, e até 2019, o amigo António Manuel Pereira, do Brasil. Manuel João Lourenço, também do Brasil, deixou já pago o ano de 2018. Manuel José Faustino, de França, pagou já 2017 e 2018. O mesmo fez Ana Fernandes da Rocha, de França, e José Luís Lopes, de Lisboa. Como já referido, mais de uma centena, sobretudo a residir em França, fizeram já o pagamento da assinatura de 2017. Pedimos desculpa de não os mencionarmos a todos, pois são bastantes, e falta o tempo e o espaço para dar nota pública de todos eles. Mas estão bem guardados no meu coração, pois é essa uma das maneiras mais ágeis de colaborar com o jornal.**

**Aos que têm anos em atraso, aqui estamos a lembrar e a pedir, mais uma vez, a fineza e gentileza de tudo fazerem para terem a assinatura em dia.**

*Carlos Nuno*

# EsqueçoPapel multiplica serviços nas lojas de Monção e Melgaço e abre a oportunidade ao *franchising*



Com uma loja em Melgaço e duas em Monção, a EsqueçoPapel continua a marcar pela inovação e busca constante pela multiplicidade de serviços. É já enquanto marca aglutinadora de serviços diferenciadores, que primam pelo

atendimento pessoal, que lança, cinco anos após a instalação da primeira loja no concelho melgacense, a oportunidade de franchising. A oportunidade de negócio surge pelo interesse de investidores, num momento em que, com a abertura da terceira unidade no Rio Park, em Monção, a EsqueçoPapel soma algumas representações exclusivas no concelho e projectos pioneiros no conceito.

Além do habitual e já conhecido serviço de papelaria, venda de revistas e jornais da imprensa nacional e estrangeira, há surpresas no que respeita à venda de tabacos, somando às tradicionais marcas de cigarros convencionais o IQOS, o dispositivo electrónico que não pretende ser um equipamento vocacionado para quem quer deixar de fumar, mas para que o fumador comum possa disfrutar desse vício de forma mais saudável. O dispositivo inova pelo facto de aquecer o tabaco, produzindo um aerossol que permite ao fumador absorver apenas a nicotina. Por não haver combustível, dispensam-se assim as

substâncias mais aditivas e prejudiciais ao fumador regular.

O HeatStick – o aparelho que aquece o tabaco – assim como o restante pack, que inclui kit de limpeza e carregador, terá um valor de 70 euros e será vendido por um promotor, que fará a entrega e demonstração dos procedimentos para a correcta utilização do equipamento.

Os maços a utilizar neste sistema terão um preço de custo semelhante ao dos maços de tabaco das marcas habituais, com a diferença que estes cigarros, por serem compostos por tabaco prensado, são ligeiramente mais pequenos.

Os serviços de atendimento estendem-se ainda à celebração de contratos e de pagamentos de telecomunicações e de energia, um serviço que se diferencia por garantir um espaço físico a alguns operadores que tinham como tradição a contratualização por telefone.

Contudo, a possibilidade para este desdobrar de serviços começou com uma inesperada “opor-

tunidade” de alugar “a única loja” disponível para este ramo de negócio na nova área comercial em contexto retail, inaugurada em Julho de 2016 no concelho de Monção.

*“Vi nesta loja a potencialidade para poder trabalhar outras áreas que não conseguiria implementar nas outras que já tinha. São serviços que, além de ter pouca oferta, são geralmente feitos por telefone e as não entendem nem confiam nos serviços propostos por telefone. O atendimento personalizado é muito importante e faz mais sentido, eu própria prefiro ir a uma loja do que ser atendida por telefone”*, refere Ana Pires, proprietária das lojas EsqueçoPapel.

A localização privilegiada, no “único shopping” de dimensão no território fronteiriço do

Vale do Minho, é também um ponto de partida para explorar outra vertente do negócio. Pres-tes a dar início a um projecto de elaboração e venda de pacotes de viagens, em parceria com uma empresa de expressão nacional, a nova loja do Rio Park funcionará também como agência para um tipo de oferta turística que promete fazer a diferença. “Os espanhóis viajam muito mais, mas espero que os portugueses passem a viajar mais, e viajarão, com os nossos serviços. Teremos várias ofertas, mas procuramos criar soluções no distrito e para o distrito. Estão a ser criadas associações a que os comerciantes estão mais atentos. Procuraremos atrair gente, fazer pacotes promocionais, porque é isso que traz mais turismo. O turismo não é só vender viagens, é criar programa que as pessoas queiram realmente fazer”.

No que respeita ao franchising da marca EsqueçoPapel, Ana Pires esclarece que, neste caso, não são cobrados royalties.

João Martinho



# EsqueçoPapel



iQOS



## Turismo

BREVEMENTE



EsqueçoPapel

Parceria com:



RNAVT: 2802

Site: [www.esquecopapel.com](http://www.esquecopapel.com)  
E-mail: [turismo\\_viagens360@esquecopapel.com](mailto:turismo_viagens360@esquecopapel.com)

# Cão de raça Castro Laboreiro desceu à vila e mostrou-se nas Termas 100 anos depois

*A Associação Portuguesa do Cão de Castro Laboreiro (APCCL), com a colaboração da Licrase – Liga dos Criadores e Amigos do Cão da Serra da Estrela, levou a efeito, nos dias 3 e 4 de Setembro, a 1ª Cãominhada e Acãopamento Entre “Serras”, um evento que pretendeu recordar e homenagear aquela que terá sido uma das primeiras campanhas de promoção e exibição do cão de raça Castro Laboreiro junto do turismo que visita o concelho, realizada há cem anos.*

Segundo a acta, que Américo Rodrigues, membro da direcção da APCCL, diz existir e ser uma importante passagem histórica da raça que tem nas serras castrejas o seu solar, a 10 de Setembro de 1916, as gentes de Castro Laboreiro, acompanhadas pelos seus cães, vieram até às Termas de Melgaço pelo caminho antigo que ligava Castro Laboreiro a Melgaço. “Vieram por Fiães, pelo Outeiro da Loba, pela Costa da Rolha, desceram a Melgaço, ao Peso, porque aqui havia um grande número de turistas, as Termas estavam em alta, por isso fizeram aqui uma mostra para que os visitantes pudessem observar os exemplares”, conta.

Ligeiramente antecipado para os primeiros dias de Setembro por dificuldades de agenda dos elementos da associação convidada a partilhar a comemoração, a ‘cãominhada’ levada a efeito cem anos depois visitou alguns dos pontos de passagem da rota percorrida pelos criadores de outrora.

Não tendo feito parte da primeira iniciativa, o convite aos criadores de outra das raças portuguesas tradicionalmente ligadas ao pastoreio e à guarda não foi aleatória, como esclarece Américo Rodrigues. “São as duas raças mais antigas de Portugal com estalão. O cão Serra da Estrela obteve-o em 1934 e o de Castro Laboreiro em 1935, foi feito pelo mesmo homem, o veterinário e professor Manuel Marques”, que esteve em Castro Laboreiro em 1935.

“Queríamos marcar a data, lembrá-la e de alguma forma chamar a atenção para as dificuldades que a raça tem. Faço o apelo aos melgacenses para que, em vez de optar por uma raça de moda, op-

tem por um castro laboreiro. Há muitas raças excelentes, mas porque não uma raça nossa, que é do nosso concelho, do nosso povo? É um contributo para a sobrevivência desta raça”, apela o criador.

O estalão [conjunto de características que definem a raça, detalhando proporções do corpo, cabeça, cor do pêlo, etc] tem sido motivo de algumas discordâncias, mas o representante da associação de criadores assume que já foram feitas algumas cedências neste aspecto. No entanto, reconhece que validar um exemplar acima dos 70 centímetros “é complicado” e poderia desvirtuar as capacidades características do animal. “Queremos que seja leve, que tenha agilidade”, indica.

Sobre o encontro, que juntou cerca de duas dezenas de pessoas e exemplares das duas raças, Américo Rodrigues manifestou o desejo para que “daqui a cem anos haja alguém que faça novamente este evento, com ou sem a colaboração do Serra da Estrela. Já que abrimos este precedente, pode ser com ele. Vamos fazer uma acta do dia de hoje (3 de Setembro), como existe a acta de 1916, e espero que alguém um dia ver e organizar algo do género. O nome das pessoas que fizeram o primeiro evento ficaram para a posteridade. Eram apaixonados pela raça, fizeram muitos quilómetros por caminhos difíceis, isso mostra o carinho que tinham pelo animal”.

Com um registo anual de apenas 150 a 200 animais por ano, o cão de Castro Laboreiro é, pelo número verificado, uma raça em vias de extinção. O cão Serra da Estrela, parceiro de actividades neste evento, gozam no entanto de uma estabilidade maior, registando por sua vez um número superior a 2000 novos animais por ano.

Destas cerca de duas centenas de cães registados a cada ano, “para reproduzir ficam meia dúzia. A maior parte desses cães ficam em quintas, mas não reproduzem a raça”, esclarece o elemento da direcção. “Vai chegar ao mento em que haverá muito poucos, a criação ficará apenas em quem queira defendê-la”.

Esperanoso de que os cuidados de hoje possam inverter alguns riscos de desaparecimento de espécies, Américo Rodrigues recorda que “o Serra da Estrela de pelo curto, com mais expressão do que o de pelo comprido



no início do século XX, também está em risco de extinção.

As mudanças na economia, que prescindiu na sua maioria da pastorícia, e o urbanismo das habitações, pouco favoráveis ao crescimento e adaptação da rusticidade do cão de Castro Laboreiro, relegam a escolha dos exemplares desta raça das principais razões para a escolha de um cão enquanto animal de companhia, no entanto, há potencialidades a serem consideradas.

As forças policiais, por exemplo, teriam aqui uma descoberta a trabalhar. “Seria uma questão de o trabalharem, perceber a vocação, mas sei que é mais fácil ir buscar já as raças trabalhadas do que estar com este processo” nota. “Seria muito bom que as nossas forças policiais pegassem nesta raça”.

Até lá, “a sobrevivência da raça será sempre o povo de Castro Laboreiro e o concelho de Melgaço, onde sempre houve, porque dantes não havia raças estrangeiras. As pessoas quando queriam um cão de raça para guarda, era a Castro Laboreiro que o iam buscar”.

## Candidaturas ao Portugal 2020 com acções para o cão de Castro Laboreiro

Por outro lado, Pedro Silva, presidente da Licrase, uma das associações vocacionadas para a preservação do cão Serra da Estrela, garante que aquela é “a raça portuguesa com os maiores números de registos e mais acarinhada pelos portugueses”.

Seia e Manteigas, no distrito da Guarda, são alguns dos concelhos solar da raça, mas a associação de criadores reconhece que a criação e preservação “está hoje mais representada fora da serra, a nível da criação, do que nas localidades do solar da raça”.

Sobre o convívio e a raça visitada, Pedro Silva diz que é “uma experiência a repetir” pelo reforço dos laços entre criadores e amigos da raça”.

O Quadro Comunitário, através das verbas a atribuir no contexto do programa Portugal 2020, poderá dar algumas oportunidades ao investimento na preservação.

Manoel Batista, presidente da Câmara Municipal de Melgaço, diz-se confiante de que será possível financiar alguns projectos. No plano conjunto para o Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG), a autarquia indicou já algumas acções a candidatar brevemente neste campo. Neste aspecto, o autarca melgacense considera ser importante “fazer um estudo científico mais sério” e assegurar a continuidade deste povoamento canino característico, “uma das seis raças portuguesas que deve ser acautelada”.

“Esta raça sofre da questão demográfica e da diferenciação sócio-económica. O cão de Castro Laboreiro era uma presença permanente no território e na economia. Hoje há menos gente e esta raça está pouco à vontade nos meios urbanos, mas a raça estará acautelada”, indica Manoel Batista.

João Martinho



# PS prefere chumbar uma proposta do PSD, a ajudar os **Bombeiros de Melgaço**

*Em Dezembro de 2015 o vereador do PSD, Manuel Rodrigues, apresentou uma série de propostas a serem contempladas no orçamento camarário e que iriam criar medidas de apoio aos membros da corporação de Bombeiros de Melgaço.*

*Tais medidas traduziam-se numa série de pontos que tentavam de alguma forma agradecer e compensar a dedicação que os membros dos Soldados da Paz dedicam a sociedade e ao bem comum.*

Parece ao PSD Melgaço que medidas deste cariz não serão nunca suficientes para devolver o que os bombeiros dão a nossa sociedade. Entre estas medidas propusemos:

1. Isenção no pagamento de taxas de licenças de construção, beneficiação e ampliação de casa para habitação própria e permanente;
2. Aplicação de um desconto de 30% na tarifa de água, saneamento e recolha de resíduos sólidos, em habitação permanente;
3. Acesso gratuito, pelo pe-

ríodo de uma hora, de três vezes por semana, à Piscina Municipal, uma medida extensiva aos filhos de Bombeiros;

4. Acesso gratuito ao Pavilhão Municipal e aos espectáculos culturais;

5. Prioridade, em igualdade de condições profissionais e sociais e de candidatura na com outros candidatos, ao emprego na Câmara Municipal e na atribuição habitação social promovida pela Câmara Municipal;

6. Três bolsas de estudo, no valor de 75 euros mensais, sendo uma para os Bombeiros, outra para os filhos de bombeiros no corpo activo e uma terceira para os filhos de falecidos em serviço, ou por motivo de doença contraída no desempenho das suas funções;

7. Atribuição de distinções honoríficas por serviços relevantes e extraordinários prestados à causa Humanitária, no concelho.

Com o argumento de que "na altura que se conversou sobre estas medidas, os benefícios fiscais

para 2016 já estavam definidos e assim não poderiam ser incluídas em 2016", ver notícia publicada na Voz de Melgaço de Dezembro de 2015 e apesar de o sr. Presidente da Camara concordar em que era uma boa proposta, não quis o executivo do PS incluir as mesmas no orçamento de 2016.

Dentro da logica democrática e perante a promessa de que para 2017 a nossa proposta seria atendida e aceite, esperamos um ano para que agora ,sim, o PS aceitasse a nossa "boa proposta" como na altura o sr. Presidente a identificou.

Esperamos um ano e somos agora confrontados, para nossa surpresa, com a apresentação na Assembleia Municipal da proposta de aprovação do PDSS - Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário, onde deveriam estar plasmados estes apoios.

Perante esta ausência questionamos o sr. Presidente e a resposta que obtivemos é a de que a proposta foi analisada, mas foi considerada ,agora, irrelevante e não será incluída para 2017.



Para além da falta de palavra do sr. Presidente, pois disse publicamente e em entrevista a Voz de Melgaço de Dezembro de 2015 que a proposta era boa e seria considerada para o ano seguinte, a maior falta de respeito é para com os membros do corpo de Bombeiros.

Num ano difícil, em que o combate aos fogos teve a relevância que todos sabemos em Portugal e também em Melgaço e no Alto Minho, em que diariamente os Bombeiros se confrontam com falta de recursos, com

falta de meios e de membros, estas medidas teriam para a Camara Municipal um impacto orçamental inócuo, mas seriam de grande ajuda para quem por nós dá tanto a sociedade, os Bombeiros

Só a cegueira do executivo PS, que não respeita as propostas da oposição, quando as mesmas são "boas propostas", quando tudo o que vem do PSD é para chumbar, leva a esta situação – prejudicar os Bombeiros para justificar o chumbo de uma proposta do PSD.

*PSD Melgaço*



**Farmácia  
Gonçalves**

Durante as vindimas podem surgir vários problemas no sistema músculo-esquelético.

**A SUA FARMÁCIA TEM A SOLUÇÃO!**

Consultas de **OSTEOPATIA** com o Prof. Dr. Carlos Salgado.

Rua de Galvão s/n - Vila, 4960-549 Melgaço  
251 418 183 | farmagoncalves@sapo.pt

**Horário das consultas:** 2ª feiras de manhã  
(das 8h30 até às 13h00), com marcação.

## Orçamento do Estado: O extraordinário mundo da política de ilusões

Os números mostram-nos uma realidade diferente da narrada pelo Governo. À medida que 2016 chega ao fim percebemos que a receita é irrepitível em 2017. Os alertas estão aí a começar pelo FMI.

"2016 e 2017 não são nem nunca poderão ser 2011". A declaração é do Presidente da República na abertura do terceiro Fórum do Turismo. Numa só frase, Marcelo Rebelo de Sousa resumiu aquilo que se receia que nos possa acontecer. Para não repetirmos 2011, agora como tragédia, parece óbvio que o Governo vai ter de alterar a combinação de políticas, que lhe garantiu o acordo com o Bloco de Esquerda e o PCP e a subida ao poder. As ilusões chegam ao fim, mesmo que a habilidade política de António Costa consiga manter alguma ilusão.

Um dos mais interessantes aspectos da governação de António Costa é sem dúvida o poder de criar ilusões, de fazer acreditar que a "austeridade" acabou. As mensagens políticas e especialmente as ferramentas económicas usadas são extraordinárias, e umas alimentam as outras, possibilitando a repetição da frase "prometemos e cumprimos".

Prometeu-se reduzir impostos e aumentar os rendimentos. É uma realidade. Prometeu-se e cumpriu-se, de facto. Mas quando se olha para os grandes números o que se descobre é uma interessante engenharia política. Os dados da receita fiscal de Janeiro a Agosto dão-nos uma fotografia, em números, do que se está a passar. A descida registada na receita dos impostos directos é praticamente igual à subida que se verifica na tributação indirecta (pouco mais de mil milhões de euros).

Ou seja, na economia como um todo, não existe uma descida nos impostos. Há uma alteração do perfil da tributação. O actual Governo reforçou a componente dos impostos "narcotizantes", aqueles que nem reparamos que estamos a pagar, e regressivos.

*Helena Garrido*

*in Observador de 30 de Outubro 2016*

# Novena de Nossa Senhora da Peneda



Como é habitual, e este ano não foi exceção, entre 31 de Agosto e 8 de Setembro celebrou-se a Novena de Nossa Senhora da Peneda, no Santuário a ela dedicado, na freguesia da Gavieira, Arcos de Valdevez. A capelania deste Santuário já há vários anos que propõe uma semana de intensa oração, sendo os romeiros convidados a celebrar a eucaristia diariamente, juntamente com a recitação conjunta diária da liturgia das horas, ao longo

do dia. Em dias mais específicos, ocorrem celebrações ligadas a essa mesma especificidade, como por exemplo na quinta-feira (este ano no dia 1 de Setembro), dia ligado à eucaristia, os romeiros puderam estar perante o Santíssimo Sacramento que foi exposto em adoração, e na sexta-feira (neste ano no dia 2 de Setembro) à noite puderam meditar no exercício piedoso da Via Sacra.

Como também é habitual, a capelania todos os anos propõe

aos romeiros e devotos de Nossa Senhora da Peneda um tema para refletir durante a novena, estando as reflexões efetuadas na eucaristia matinal ao cargo de algum presbítero, o vulgarmente apelidado de "pregador" pelos romeiros. Este ano os romeiros puderam escutar e refletir com a ajuda do Reverendo Capelão, Padre César Maciel, que além de orientar as celebrações igualmente ajudou os peregrinos e romeiros a refletir sobre as Obras de Misericórdia, tema proposto para a novena deste ano.

Este ano também se destacam duas novas atividades inseridas no quadro da novena: uma exposição de fotografias antigas, que permitiu aos visitantes reviverem e relembrem as celebrações da novena ocorridas no passado; uma celebração da Bênção das Concertinas, no dia 6, dia famoso pela abundante concentração de concertinas no terreiro do Santuário. Juntando um grande número de tocadores munidos das suas concertinas, a bênção ocorreu dentro do Santuário, formando-se depois uma procissão de concertinas pelo escadório abaixo até ao recinto, tocando um cântico mariano proposto em específico.

Aproveitando um clima que se manteve solarengo e quente durante toda a semana de novena, foram imensos os peregrinos que se deslocaram até este Santuário, das mais diversas formas e maneiras, podendo-se afirmar que o número de romeiros, peregrinos e visitantes tem timidamente vindo a aumentar.

*Rogério Rodrigues*

**RESTAURANTE** "O Adérito"

*Adérito Pires da Costa*

**ESPECIALIDADES:**  
Bacalhau à Casa  
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa  
Lampreia na época ou por encomenda

**ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES**  
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES  
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO  
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt  
[www.oaderito.com](http://www.oaderito.com)

**HB**  
HOTÉIS BOAVISTA  
★★★

**Peso Paderne Melgaço**

**Alojamento e Restauração**

Quarto de banho privativo, mini-bar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com

# Urge repensar a Festa da cultura de Melgaço

Há uns anos atrás, a festa da cultura de Melgaço integrava um dos cartazes turísticos do Alto Minho. Este evento, com duração de três dias, organizado durante o início do mês de agosto, mobilizava não só os residentes como os familiares destes espalhados pelo país que acorriam à terra, os emigrantes que regressavam para um merecido e confortável descanso, bem como os forasteiros que a visitavam, nomeadamente oriundos da vizinha Galiza. Não podemos esquecer, também, os turistas que palmilhavam os caminhos e participavam das nossas tradições.

J. Marques Rocha, numa conhecida monografia, nas páginas relativas à festa da Cultura de Melgaço, destacou que a vila de Melgaço durante três dias assistia a diversas *atividades de cariz cultural e artístico*: desde a fotografia, a pintura, a arte sacra, a escultura, a numismática, o artesanato e a divulgação do vinho alvarinho. A festa da Cultura de Melgaço ainda persiste no calendário, todavia, na nossa modesta opinião, já não é o que era, dadas as alterações que sofreu, não só em termos de calendarização como no que respeita à oferta cultural e lúdica que proporciona.

Com este texto, pretendemos refletir democraticamente em torno de algumas questões que julgamos pertinentes. Não conhecemos inteiramente o processo da organização da festa, todavia valorizamos muito as nossas raízes e acompanhamos o que por cá se passa, apesar da distância insular. Neste sentido, debruçar-nos-emos em torno de dois pontos que corporizavam a supracitada festividade e desapareceram, apesar de interligados.

O primeiro assunto da reflexão está relacionado com a feira medieval, atividade que se efetuava no casco histórico da vila. Numa recente entrevista a este jornal, o Presidente da Câmara, Manoel Batista, que aproveitou para saudar cordialmente, confrontado com esta problemática, manifestou uma completa discordância relativamente ao eventual regresso do evento, alegando *"que não se deve fazer o que os outros já fazem"*. Respeitando as tradições e as políticas públicas dos outros concelhos, haverá certamente razões cabais para esta tomada de posição. Achámos, no entanto, que é uma posição discutível pela riqueza patrimonial que Melgaço encerra, contrariando até as últimas iniciativas culturais promovidas pela câmara, nomeadamente a organização, desde 2014, do

Festival de Cinema de Melgaço - *Festival Internacional de Documentário de Melgaço Filmes do Homem*, a publicação recente do *Boletim Cultural nº 9* e a apresentação solene do Cartulário do Mosteiro de Fiães, obra do padre e distinto professor José Marques, que dignificará ainda mais o passado histórico e cultural da nossa terra, entre outras que se poderiam enunciar neste espaço.

Exmo. Presidente da Câmara de Melgaço, Manoel Batista, numa época de dificuldades sociais, económicas e financeiras, o poder local deve afirmar-se através da mobilização dos recursos humanos e técnicos no intuito de potenciar o que de mais intrínseco e singular a terra tem para oferecer. A autarquia deverá empreender uma política transversal que facilite a fixação dos jovens e das famílias, evitando, por essa via, a crescente desertificação do município, promover a captação e atratividade de investimento para o parque industrial, agilizar a criação de pequenas e médias empresas que acrescentem valor ao concelho, com a consequente criação de postos de trabalho, desenvolver o turismo rural e a certificação dos produtos locais característicos (enchidos, broa, artesanato, queijo, mel, etc.), defender intransigentemente a marca alvarinho e os agricultores que o labutam, e no domínio específico que dá origem a estas palavras, instituir uma dinâmica empreendedora que diferencie histórica e culturalmente o nosso concelho.

Exmo. Presidente, com esta despreziosa reflexão, pretendemos que a Câmara Municipal, enquanto principal instituição político-administrativa local, no âmbito das competências inerentes aos órgãos autárquicos eleitos, coloque na ordem de trabalhos a recuperação/recriação da feira medieval, como antigamente se fazia, pelas razões a seguir aludidas.

Em primeiro lugar, realçamos as razões histórico-patrimoniais, pois, como sabemos, a vila de Melgaço está indissociavelmente ligada a um passado histórico que urge conhecer e preservar. Podemos relembrar, a título ilustrativo, alguns desses momentos que nos transportam para a História local, nomeadamente, os forais outorgados a Melgaço, em diferentes períodos da consolidação do Reino. Em 1183, por D. Afonso Henriques, em 1258, por D. Afonso III e, finalmente, em 1513 por D. Manuel I, documento(s) régio(s) que concederam os direitos e as obrigações aos moradores ou vizi-



FIG. 1. Castelo de Melgaço, Torre de Menagem.

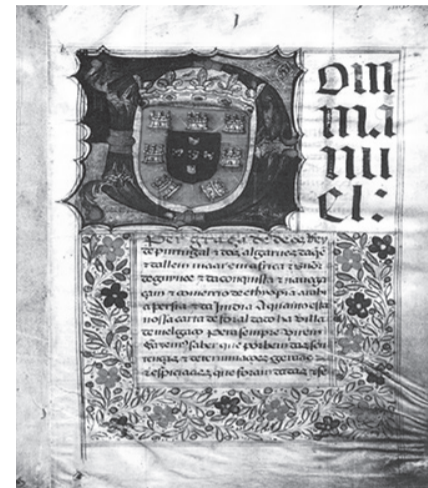


FIG. 2. Foral de Melgaço, 1513.

nhos do concelho. Estes aspetos, *per si*, poderiam constituir matéria documental para uma hipotética teatralização/dramatização da doação dos forais a Melgaço, ou ao contrário, poder-se-ia investir na representação/recriação da primeira feira, a qual se terá realizado no século XII, no contexto do reinado de D. Afonso Henriques. Virgínia Rau, uma das grandes medievalistas portuguesas e estudiosa das feiras medievais, na obra citada abaixo, no capítulo relativo a Melgaço, afirma que pouco se sabe *"desta feira de entre Cávado e Minho, considerando ser mesmo difícil determinar se a reunião mercantil a que se refere o primeiro foral de Melgaço, (...) é uma feira ou mercado"*. Posteriormente, no século XIV, no reinado de D. João I, a referida autora cita claramente à existência de uma feira, dado que nesse período, para que a vila se povoasse de novo, o concelho de Melgaço pediu ao Rei que *"concedesse segurança a todos que à feira viessem mercar as suas mercadorias, desde dois dias antes dela começar até dois dias depois de acabar"*, mercê que prontamente recebeu.

Além da componente histórica, urge apostar em diferentes atividades de defesa do património como forma de valorização cultural e como instrumento de desenvolvimento global e integrado das localidades e regiões do país, tendo em vista que a fruição cultural é parte condicionante da qualidade de vida das populações.

Em segundo lugar, mas não menos importante, emergem as razões de foro económico. A realização da feira medieval/recriação histórica concorreria para revitalizar e estimular o comércio tradicional, pelas entidades envolvidas que normalmente gravitam em torno dum evento desta natureza: feirantes, vendedores das iguarias locais, artesãos, restauração, pro-

dutores de vinho, padarias, exposição de artes e ofícios, oficinas de forja e fundição, exposição de armas e equipamentos medievais, grupos teatrais, animações de rua, além de outros intervenientes.

A organização de um projeto desta dimensão carecia, na nossa opinião, de uma planificação atempada, liderada pela autarquia. O estabelecimento de protocolos junto de instituições com experiência no campo do teatro, o envolvimento do agrupamento de escolas de Melgaço, a parceria com as associações recreativas locais, a mobilização da Santa Casa de Misericórdia através do serviço educativo, a participação das juntas de freguesia e de outras instituições que se quisessem associar, ajudariam, certamente, para reanimar a chamada *história ao vivo*.

Relativamente à ceia medieval, que se realizava no recinto do castelo, outrora a principal defesa raiana do Alto Minho, durante o século XII, o autarca de Melgaço, Manoel Batista, manifestou alguma abertura. Somos da opinião que esta atividade, a integrar-se no calendário da festa da Cultura, deverá ser acompanhada pela realização da feira medieval.

Exmo. Presidente, Manoel Batista, considerámos que o executivo camarário de Melgaço, apesar dos constrangimentos orçamentais que esteja a enfrentar, deveria repensar a inclusão da Feira Medieval e da Ceia Medieval no cartaz da organização da *Festa da Cultura*, porque:

- proporcionariam as condições para que se transformassem num produto turístico de relevância para a dinamização da economia local, numa conjuntura marcada por algumas carências socioeconómicas;
- potenciariam a divulgação do património material e imaterial;

- constituiriam ferramentas ao serviço de uma política integrada de promoção do património cultural do concelho, *facultando às populações a possibilidade de o conhecer e usufruir*;

- contribuiriam para a defesa do património histórico-cultural local, em termos de futuro, pela educação e pela sensibilização das jovens gerações para a preservação dos bens patrimoniais e da memória coletiva;

Em resumo, Exmo. Presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, dado constituir um projeto com uma dimensão específica, para que se concretize no terreno, exigir-se-á a mobilização de todas as forças políticas, através dos autarcas eleitos e a união das forças vivas da terra em torno das atividades sugeridas, no sentido de diligenciarem uma estratégia tendente à divulgação e ao conhecimento da memória histórica do concelho.

*Filipe José Marcelino Meleiro*  
(Carta dirigida ao Presidente da Câmara de Melgaço)

## Bibliografia consultada

- MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. *Didática da História Património e História Local*. Lisboa. Texto Editora.1994
- RAU, Virgínia. *Feiras Medievais Portuguesas*: subsídios para o seu estudo. Editorial Presença.1992
- ROCHA, J. Rocha. *Melgaço da pré-história ao século XXI*: caracterização dos fatores de desenvolvimento: social, económico, cultural, turístico e histórico de Melgaço. Edição: Município de Melgaço. 2002

[www.patrimoniocultural.pt](http://www.patrimoniocultural.pt)  
[bloguedominho.blogs.sapo.pt](http://bloguedominho.blogs.sapo.pt)

# GAZETILHA

## Tricas & Dicas

As "Universidades de Verão", quando terminam, parecem ser um fartote para alguns políticos e para as politiquices!... Um fartote de fanfarronices!... desenterram-se esperanças e amon-toam-se "vitupérios"!

Que interessa se a "reentré" se faz por terras do Algarve, na capital, ou noutra sítio qualquer?!... Mas devia interessar!... "Coitados dos cordeiros, quando os lobos querem ter razão"!

As palavras não enchem barriga!...

Os discursos deixam as algibeiras vazias!...

Os hinos já não arrebatam multidões!...

Já não há brindes nem ofertas que demovam a postura de quem tudo sente na pele e no dia a dia de seu viver!...

O protagonismo de meia dúzia inflama a credence de alguns e entorpece a chama dos que querem acreditar!...

O imposto de selo cheira a mofo!...

O IMI desemboca na patifaria dum erário público que tudo quer sacar!...

Será que pagar a décima não chegava para os trocados que a Fazenda Pública faz circular?!...

Há funcionários zelosos no fisco. Uns mais que outros!... E às vezes até há quem se esqueça que da porta para fora é um contribuinte como outro qualquer que conta os tostões para comer!...

Portugal precisa renascer das cinzas fiscais em que nos enfiaram.

A política fiscal e económica escraviza os que trabalham e penaliza os que trabalharam e pouparam!...

"Porca miséria de vida" para quem durante o mês dá 60% do que ganha ao Estado e tem que sobreviver com os míseros 40% que escapam!...

Se não há quem nos governe (a não ser para nos comerem vivos...) temos que nos governar nós próprios com o que temos em mãos!...

Arre burro que amanhã já é tarde!...

A um ano das autárquicas sentimos que a procissão já não vai no adro!...

Que País é este onde temos de mendigar a própria sobrevivência?!...

Quem nos acode neste vale de miséria instalada e pobreza constatada?!...

Certo e sabido é que "quem porfia, mata caça"!

Álvaro Carvalho

# Como vai este Pobre País!

Estaremos a regressar aos tempos do PREC, conforme foi dito pelo líder da oposição Pedro Passos Coelho?

Tudo parece indicar que sim, atendendo ao facto, de o primeiro-ministro em exercício, dar a ideia de estar refém dos partidos que o apoiam na governação – BE e PCP –, já que os líderes que o apoiam dizem que é necessário aumentar impostos sobre o mobiliário, no caso do PCP, enquanto Mariana Mortágua, diz que é necessário taxar mais os ricos.

Enquanto isso, o governo continua a ter nos combustíveis um suporte para taxar ainda mais impostos, embora diga que não está nos seus planos mais próximos, socorrer-se dos combustíveis para ir arrecadar mais dinheiro de impostos.

O ambiente, parece não estar a ficar pacífico, entre os três partidos da "chamada geringonça", conforme é noticiado pelos jornais, sempre que é necessário saber onde ir buscar dinheiro taxando ainda mais os impostos já criados, como o IRS e o IMI, dando azo a vozes discordantes, tais como alguns presidentes de autarquias que dizem que não aumentarão o IMI, na cidade a que presidem.

Como é possível, o BE, vir agora dizer que é necessário taxar

ainda mais, todos aqueles que tiveram nos últimos tempos, a preocupação de poupar, investindo as economias no imobiliário, de modo a poderem ter depois uma garantia para a velhice, é um factor desmobilizador para todos aqueles que procuram investir ou poupar economias.

É por sinais evidentes desta política que as remessas dos emigrantes, têm vindo a diminuir, e cada vez mais, e o crescimento económico está paralisado junto dos pequenos investidores. Também gostaria de saber se com estas declarações, não acontecem fugas de capitais para fora.

A banca, encontra-se numa situação de quase falência, enquanto os investigadores do DCIAP, e o Ministério Público, investigam os últimos anos (até ao 2000), para apurar os negócios ruinosos da Caixa Geral de Depósitos, assim como investimentos e empréstimos que estão ainda por liquidar.

Segundo dados saídos na imprensa esta semana, o principal alvo dos investigadores, é o período entre 2005 e 2010, quando José Sócrates era primeiro-ministro, e foram nomeados para a CGD, como administradores: Carlos Santos Ferreira e Armando Vara, ambos ligados ao PS. Estes dois

administradores, são arguidos na "Operação Marquês".

Estas investigações, prendem-se com a situação de créditos concedidos durante esse período, os quais agora se mostram incobráveis, ou em risco disso que, atinge dezenas ou milhões de euros, para além de outros empréstimos a empresas estrangeiras, mormente no Brasil e em Espanha, conforme notícia o "Expresso" de 24 de Setembro.

É por esta razão que o inquérito sobre a "Operação Marquês", teve um prolongamento de mais seis meses, onde José Sócrates é visado, o que leva este a disparar contra a justiça, e está a agitar os socialistas, mostrando discordância entre alguns dirigentes, conforme as últimas declarações da deputada europeia Ana Gomes, que levaram José Sócrates a reagir considerando-as impróprias.

Torna-se necessário que a Justiça actue, sem mais demoras, de modo a credibilizar-se ela própria, para o bem deste país e possa dar aos portugueses, aquele élan que está a faltar, de modo a acreditarem num país melhor, mais próspero, mais rico, e mais justo para todos.

António Jorge Tavares

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

# Até sempre Luís Miguel

Se o nascimento é um hino à vida porque é que morrer é um queixume de dor que despedaça o sentir de cada um?!...

**A morte não mete medo!... E é a morte, queiramos ou não, que dá sentido (?!) à existência!...**

A morte cria orfandade e dilacera o coração dos que amam!...

Assistir à partida da Mãe ou Pai, da Avó ou Avô, marca o percurso de filhos e netos!...

A "sentença" de morte de um filho tem peso e medida nas entranhas de quem o gerou. Carrega-se o peso da tempestade e fica-se sem um pingo de sangue nas veias e articulações!...

Sendo os olhos o espelho da alma, que esperar da companhia que fica sem esposo e sem o pai de seus filhos?!... Que palavras proferir na hora de despedida?!...

O Luís Miguel, nosso sobrinho, padecia de uma doença terrível!... Fez-se o possível e impossível para a combater!... A última vez que nos cruzámos, por motivos de força maior, as palavras foram poucas!... Mas a troca de cumprimentos valeu para uma despedida terrena!...

Este fim de Setembro inunda o coração de tristeza e pede à alma uma oração de consolo e uma prece de despedida.

Retenho agora aquele olhar sonhador deste Luís que imagino

à nossa maneira e semelhança!... Que alegria tinha em visitar a terra dos avós maternos. Não esqueço o zelo e respeito perante a memória destes mesmos avós.

Feliz de quem te conheceu e guarda na memória a delicadeza da tua maneira de ser.

Longe, mas perto, a morada de Deus é teu repouso eterno.

Sentidas condolências à Leonor, aos filhos, aos extremos pais e a todos quantos lhe queriam bem.

Nós ficamos com a última imagem, no final da missa nas exéquias do Nelo.

Paz à sua alma.

Helena Matos

## VENDE-SE Em Monção

### QUINTINHA:

Casa para restaurar,  
Eira e Canastro  
Terreno de cultivo/  
/alvarinho (± 7000 m<sup>2</sup>)  
Água e mina corrente,  
junto à ex-EN304

Contacto: 251 652 146

## ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais

ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM  
CONFECÇÃO E BORDADOS  
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril

PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado

4960-320 Melgaço

Tel.: 251 402 133

artres\_rosamaria@hotmail.com



## Agência Funerária ORQUÍDEA

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369

Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

# Fisális



## Uma planta a cultivar



Hoje escolhi a planta Fisális como tema do meu texto. Conheci e saboreei o seu fruto pela primeira vez em S. João da Madeira, no quintal do meu irmão, onde crescia como de uma erva daninha se tratasse. Como os frutos contêm elevada quantidade de sementes que, no caso de não serem colhidos, caem no solo e espalham as sementes ao redor da planta mãe, dando origem a novas plantinhas que podemos partilhar com vizinhos e amigos.

Tornando-me mais observadora, comecei a reparar que esta planta existe em muitos jardins e hortas na região de Leiria, onde vivo. Também arranjei uma planta que agora já se multiplicou pelo meu jardim e hortas de amigos, tendo levado uns pés para a escola onde praticamos agricultura biológica, na tentativa de incutir o gosto pela mesma a alunos, professores e funcionários.

O fruto desta planta é pequeno, originário dos Andes, amplamente conhecido pelos benefícios que traz para a saúde e pelas suas propriedades nutricionais, sendo considerado um dos mais completos alimentos de origem vegetal da atualidade.

A moda, nos mais variados aspetos do nosso dia-a-dia, cada vez mais influencia também aquilo consumimos e que produzimos. Principalmente no período natalício, o fruto da planta *Physalis* encontra-se no mercado a elevados preços e faz parte da tendência dos "novos sabores".

Originária dos Andes, a espécie *Physalis peruviana L.*, conhecida em Portugal por tomate-capucho, é a mais difundida.

Possui um ciclo curto e pode ser plantada em qualquer época do ano, adaptando-se bem a climas quentes e manifestando tolerância ao frio. Não gosta de excesso de humidade nem de geadas, sendo fundamental ter estes aspetos em conta aquando da escolha do local para a sua colocação. Nas regiões onde é habitual a ocorrência de geadas, como na zona onde vivo, costume proteger as plantas durante os períodos mais críticos.

Este fruto pode ser comido cru, em saladas, sobremesas, doces ou geleias. Também acompanha muito bem as carnes e outros alimentos salgados e pode ser consumido em seco à semelhança dos figos e das uvas.

Trata-se de uma planta fácil de cultivar a partir de sementes. Prefere um clima temperado, com exposição média ao sol e solos leves, mas ricos em matéria orgânica. Não deve ser regada excessivamente.

Já ouvi um engenheiro agrónomo afirmar que este pequeno fruto possui tanta vitamina C como uma laranja.

"Pequena, redonda e amarela, a *Physalis* cresce dentro de um casulo de folhas fininhas, no formato de um cálice. Contém vitaminas A e C, fósforo e ferro e também flavonoides que é um grupo de substâncias que combatem os radicais livres responsáveis, entre outras coisas, pelo envelhecimento. **Estudos científicos permitiram comprovar os seus efeitos anti-inflamatórios, analgésico e antirreumático.** Estudos científicos recentes revelaram que esta planta apresenta forte atividade como estimulante imunológico e efeito antiviral contra os vírus da gripe e herpes.

Teresa Tábuas

# VIAGENS NESTA NOSSA TERRA A misteriosa aparição da imagem da Nossa Senhora do Numão (Castro Laboreiro)

Há mais de 300 anos, o livro Santuário Mariano, publicado em 1712, da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria, falava-nos de vários santuários dedicados a Nossa Senhora espalhados um pouco por todo o país. Em particular, dedica bastantes linhas à capela de Nossa Senhora de Numão, na freguesia de Castro Laboreiro (Melgaço) e na forma misteriosa como a santíssima imagem apareceu numa concavidade num rochedo.

Além disso, dá-nos alguns pormenores da descrição da área envolvente na época. Ora leia:

"Duas léguas e meia da vila de Melgaço entre o ocidente e o meio dia, se vê situada a Vila de Castro Laboreiro. É esta terra monstuosa, frigidíssima e de muita neve. A sua paróquia é dedicada a Nossa Senhora com o título de Castro. O seu castelo, que é inexpugnável, está fundado em rocha viva, que uns crêem que seja obra dos Mouros. É esta vila da casa de Bragança e ela pertence a apresentação da sua igreja.

Entre as mais ermidas que tem no seu distrito, uma delas é a de Nossa Senhora de Anumão, nome sem dúvida do lugar do seu aparecimento: esta santíssima imagem é buscada com grande devoção de todos aqueles povos circunvizinhos, pelas muitas e grandes maravilhas que obra.

Vê-se a sua casa situada em um humilde vale junto à raia do Reino da Galiza, metido entre umas serras de penhascos, aonde se manifestou. É tradição constante que apareceu numa concavidade, ou vácuo de um altíssimo penedo, que a natureza parece que formou para concha daquela preciosíssima pérola. Não consta já a quem a esta Senhora fez este favor, se foi a algum pastorinho, ou pastorinha, que por aquele sítio apascentasse



algum gado, que não seria muito. Este ditoso inventor vendo a sagrada imagem daria parte da sua felicidade e afim com as notícias, que deu, vieram os moradores daquela vila a ver e a examinar o que se referia. É tradição que por duas ou três vezes, levam a sagrada imagem para a sua paróquia e que outras tantas se ausentará dela e sempre repetirá o seu antigo domicílio: a concavidade da sua pedra. Os da vila, de tão repetidas fugas, entenderam que a Senhora gostava do deserto, pois fugia para ele, e dar-lhe-iam as asas da grande águia para voar para ele, e nisto mostrava a sua vontade.

A entrada para este santuário é numa veiga, ou vale muito plano, e tão grande e dilatado, que em sua circunferência terá cinco para seis léguas. Nele nasce um pequeno rio, que cria regaladas trutas, no qual há uma pequena ponte, que chamam da Pedrinha, que se afirma ser obra dos Mouros. E quando se vai do Porto dos Cavaleiros, se passa por outro limitado ribeiro, pelo qual foi a pé o Santo Arcebispo de Braga, Dom Frei Bartolomeu dos Mártires, a visitar aquela paróquia e Casa da Senhora. Tem a água deste ribeiro virtude para sa-

rar a boca lixosa às crianças e para outros mais achaques, virtude comunicada da presença daquela misericordiosa Senhora, de cujo sítio parece, procede o seu nascimento. Passando o Arcebispo e vendo a aspereza daqueles caminhos e as levantadas serras que cercam aquele vale da Senhora, referem que dissera que tarde tornaria ali outro Arcebispo. Dom Sebastião de Matos de Noronha não o conseguiu. E só em nossos tempos o fez o Eminentíssimo Cardeal D. Veríssimo de Alencastre, quando era Arcebispo de Braga. E para prova da frialdade da terra, baste que o vinho congelasse no Inverno, de modo que para a Missa é necessário aquecê-lo. Obra esta Senhora muitos milagres e prodígios e é buscada de todos aqueles povos e vilas circunvizinhas no tempo do Verão."

Extraído de: SANTA MARIA, Frei Agostinho de (1712) – Santuário Mariano e História das imagens milagrosas de Nossa Senhora. Tomo IV; Oficinas de António Pedrozo Galram; Lisboa.

Valter Alves  
(Blogue "Melgaço, entre o Minho e a Serra")

## MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO  
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS  
LINHAS DIREITAS - CLÁSSICOS  
MACIÇOS - E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92  
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO

## VENDE-SE EM MELGAÇO

CASA E TERRENO  
(com 2 artigos)

DÁ PARA  
CONSTRUÇÃO

RUA DA BARBOSA – VILA  
Contacto: 968 351 813

# Arderam 25 000 hectares de Alto Minho no último Verão

## Que soluções para a terra queimada?



é suficiente para minoar os riscos, já que, em tempo seco e condições propícias, o fogo consumirá também um carvalhal (esta sim, autóctone) ainda que mais lentamente pela resistência natural da árvore.

### Não plantar nada também é ajudar a floresta

Hugo Novo, Biólogo e criador de cabras em regime de baixa densidade em Sistelo, Arcos de Valdevez, sugere que por vezes o melhor é “não plantar nada” e deixar a natureza ganhar camadas que garantam a fertilização suficiente quando o surgimento do carvalhal volte à mancha afectada.

As cabras são no entanto o melhor agente de limpeza de matos, garante o criador, que tem feito experiências em alguns talhões de terreno naquela zona. Talvez mais do que o carvalhal, que tem mais

árvores em locais com poucas condições para a sua sobrevivência. Temos de deixar a natureza fluir e deixar passar as etapas da sucessão”, indica.

“O carvalhal maduro é resistente ao fogo, e uma mais-valia para a nossa identidade turística, mas até chegarmos aos carvalhal temos de rentabilizar o território e acelerar essa produção de solo que vai sustentar os carvalhos”, explica Hugo Novo. Mas de que forma preparar o terreno?

“Não plantar nada. Deixar vir o giestal, o tojal o urzal e gerir essas manchas de forma rentável para que ele próprio renda a sua limpeza. Há vários caminhos: o pastoreio, os biocombustíveis – que é complexo, pela questão de utilizar matos, há problemas no armazenamento e colheita, mas pode ser um caminho. Mas temos de conformar-nos com este longo caminho de gestão de matos. Devagarinho, o carvalhal vai implementar-se”.

*No último Verão, e em números relativos apenas ao Alto Minho, mais de 25 000 hectares foram consumidos pelas chamas, no período de 10 dias. 60 por cento da área ardida total foi em baldios e 17 por cento em áreas protegidas. As chamas consumiram ainda 17 por cento dos espaços florestais do Alto Minho e o Parque Nacional Peneda-Gerês viu desaparecer 4228 hectares da sua flora (e certamente também alguma fauna).*

O que fazer depois de minimizadas as perdas, contabilizados os prejuízos? Reflorestar? Desenvolver uma acção mediática e expressiva de plantação de árvores



autóctones poderá num primeiro entendimento parecer o procedimento correcto, mas veremos que nem sempre a natureza é assim tão linear na recuperação após um ataque.

O que temos presente até ao momento é que, na pior semana de

ocorrências, no início de Agosto, a área ardida no Alto Minho colocamos próximo dos números de 2005, que ainda mantém o record de pior ano de que há registos no território.

Os alertas contra a plantação de resinosas ou outras mais combustíveis é o mais eficaz, mas não



resistências, ou o vidoeiro, a “árvore bombeiro” (embora pouco expressiva), Hugo Novo considera mais eficaz um rebanho de cabras, numa distribuição monitorizada pelas áreas a controlar. “Tenho dúvidas em relação às políticas de plantação de três ou quatro mil

A presença de matéria orgânica no solo é determinante para o surgimento e maturação mais rápida do carvalhal, como assegura Hugo Novo pela experiência que a área outrora agrícola

*Continua na pág. seguinte*



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598

**hospital particular**  
viana do castelo  
258 808 030

www.clinicadeotorrino.com

Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756

**MIRACASTRO**  
ALBERGARIA

CASTRO LABOREIRO  
Tel. 251 460 020  
Fax 251 460 029

**Albergaria**  
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

**Restaurante**  
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

**Especialidades:**  
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

*Continuação da pág. anterior*

de Sistelo está a demonstrar em termos práticos. "Nas encostas de serra, o carvalho está a demorar a implantar-se, mas os socalcos, candidatos a património cultural, estão a ficar invadidos de carvalhos. Entre a Portela do Alvite e a Estrica, os socalcos dantes uniam uns aos outros, agora a única coisa que se vê é o carvalho. A fertilidade do solo é que permitiu que o carvalho se estabelecesse aqui em dez, quinze anos e de momento ainda é fragil, mas está a muito pouco tempo de se tornar um carvalho maduro".

A urze, a giesta ou o tojo, que naturalmente surgem nas áreas afectadas pelos incêndios, poderão assim ser uma mais valia para alguns sectores da economia e, ao mesmo tempo, gerar inclusive matéria orgânica e fertilização que proporcione o surgimento de uma nova mancha florestal mais robusta.

## "800 cabras num hectare tem o efeito de uma moto-roçadora"

O pastoreio planeado, de percurso, que cria descontinuidades verticais, poderá ser um complemento a outro tipo de prevenções, para que a acção das cabras não ponha em causa a diversidade da flora.

"Se eu pegar em quatro ou cinco mil cabras e as deixar pastorear pela área que estou a utilizar, eu vou prevenir incêndios, mas a tal sucessão ecológica se calhar em vez de evoluir positivamente para carvalho, ia evoluir negativamente e essas cabras iam provocar a erosão. É preciso planear, ver onde as cabras estão a cada momento – nós usamos o GPS para fazer isso – e tentar, mesmo sem cercas, mantê-las um determinado tempo numa área e depois mudá-las".

Os cinquenta animais que tem em pastoreio e que gere de forma ainda pouco convencional na região, através de alguns métodos implementados por si na Quinta Lógica, são considerados em regime de baixa densidade, com pastoreio planeado. A exemplo da organização de Hugo Novo existem outros de âmbito nacional, ligados à rede rural.

Os de maior dimensão, que implica também outro tipo de maneio, são distribuídas na ordem das 800 cabras por hectare, confinadas por uma cerca a essa área, onde terão de se alimentar. "Em três dias, o efeito do rebanho é semelhante ao de uma moto-roçadora, que há mesmo uma limpeza integral. Elas começam por desramar a giesta, tornam-na num género de árvore. Se forem obrigadas a continuar a comer aquela giesta vão descascá-la e ao fazê-lo a giesta quebra mas vai rebentar e criar uma moita mais baixa. Geralmente é um trabalho longo, passar de um giestal

alto para um giestal abaixo do joelho, mas em três dias elas fazem o trabalho mais rápido".

Não obstante deste trabalho de gestão das manchas de vegetação, limpeza de áreas, trilhos e controlo de espécies arbustivas, o biólogo e criador diz que tem de haver uma discriminação positiva para os animais de pequeno porte, para que a rentabilidade estimule mais gente a criar cabras. "As pessoas só vão começar a criar cabras se o cabrito finalmente modificar o seu preço. Estamos a vender o cabrito há trinta anos ao mesmo preço. A única forma de a tornar mais rentável é reconhecer o papel ambiental dessa actividade", reivindica.

A criação destes animais, mais susceptíveis ao ataque do lobo pela sua vulnerabilidade, continua a somar desvantagens caso o ataque se verifique, como indica Hugo Novo. "Nos animais de grande porte, quando há um ataque, ainda se encontra o animal. Nos de pequeno porte, sofremos os ataques, que não são poucos, e não conseguimos encontrar os animais".

Um cenário que nem no momento de ser indemnizado compensa: "As indemnizações compensatórias poderão ser uma medida errada logo à partida, porque, assumindo que é difícil comprovar um verdadeiro ataque, também é quase impossível saber se houve um ataque do lobo ou se não foi ataque. Há medidas mais interessantes para acabar com a fraude. No Inverno, há animais que morrem com parasitoses, mas as associações de produtores pecuários que vem fazer rastreios à Brucelose não aproveitam para fazer rastreios às parasitoses, dar aconselhamento veterinário sobre o assunto e tentar que haja uma desparasitação pensada dos animais. Se começássemos por aqui, reduzíamos a mortalidade natural e à partida reduzir algumas das fraudes", atira.

No entanto, o criador diz que, quer a rentabilidade quer as questões que afectam o rebanho ainda não são pontos essenciais nas discussões das associações de produtores, "muito preocupadas com questões da identidade da raça através da cor do pelo – o que pode levar a erros – e pouco preocupadas com a comercialização da carne".

Ainda sobre a importância das cabras na prevenção de incêndios, Hugo Novo considera que, para 50 hectares, um rebanho de 200 cabras "já fariam um trabalho muito bom em termos de prevenção de incêndios".

"Uma cabra consome cerca de 2 quilos de mato por dia. 100 cabras, 200 quilos. Por ano daria mais de 60 toneladas retiradas do mato, que neste caso são recicladas em adubo", nota Hugo Novo, referenciando uma mais-valia económica para o território, que seria a valorização do composto agrícola, que "seria ensacado e comercializado como marca de composto do PNP".

## Projecto que pretende utilizar drones na vigilância de incêndios ainda "sem resposta do ministério"

Para o autarca de Arcos de Valdevez, "é a quente" que se pensam estratégias para a floresta, mas defende que o plano a aplicar terá de ser em conjunto "Agora que temos estas questões bem presentes, temos de pensar o tipo de ordenamento e prevenção humana que queremos. Precisamos de ter um projecto que permita uma visão de conjunto sobre toda a área".

Para a área do Parque Nacional Peneda-Gerês, que teve no concelho de Arcos de Valdevez o ataque mais expressivo, o autarca pede mão firme e uma gestão mais próxima das autarquias. "Temos de definir, de acordo com as características do território, porque nem todo pode ser florestado, as áreas de floresta autóctone e não podemos admitir que haja mais do que a autóctone".

João Manuel Esteves pede ainda "um novo modelo de gestão, onde estivesse a figura de uma pessoa, director ou não, responsável por essa área protegida e a gestão se fizesse interligada com os municípios".

Em suspenso está ainda o projecto VIANA, que se propõe vigiar a floresta recorrendo à utilização de drones para o controlo das ocorrências em época propícia a incêndios, mas também analisar o território no que respeita à sua fauna e flora.

Pensado para ser operacionalizado a partir do Centro de Meios Aéreos de Arcos de Valdevez, onde estão sediadas equipas do Grupo de Intervenção de Protecção e Socorro e do Serviço da GNR, o autarca de Arcos de Valdevez assegura que "não há nenhuma resposta do Ministério relativamente a esse assunto", mas não se demove e considera este recurso aos meios tecnológicos "uma mais valia na prevenção, vigilância e combate". O sistema permitiria, mesmo durante a noite, acompanhar através das câmaras, os reacendimentos, a dimensão do incêndio e avaliar o combate com recurso a "meios menos dispendiosos e extremamente importantes".

"Temos de aproveitar o momento enquanto o assunto está quente. Há necessidade de discutir este assunto, em vez de actuarmos sempre atrás do acontecimento. Temos de ter uma perspectiva. Temos de reconhecer que alguma coisa está mal, não podemos estar ciclicamente sujeitos a estas situações, porque em determinadas áreas o risco de erosão é visível e de cada vez que acontece um incêndio, não há tempo suficiente para repor. A erosão aumenta e um dia destes, nem para mato, é pedras. Depois deixamos de nos preocupar com os incêndios porque não há nada para arder, e isto é um problema de todos, não diz respeito a este ou aquele".

*João Martinho*

# 36.º ARTIGO Turismo sustentável

O turismo é cada vez mais evidente, sobretudo o rural. Estará este crescimento associado também, a uma necessidade maior de ar puro e de contacto com o espaço natural? São várias as actividades que podemos usufruir nesta matéria, do ecoturismo, turismo de aventura, turismo científico, pedagógico, a eventos diversos.

O turismo rural oferece algo que nos deixa atentos, pela maravilha e pela beleza que a natureza nos transmite, e tudo o que podemos aprender com ela. O turismo rural não é concebido dentro dos padrões da hotelaria habitual. Ao contrário, tem um clima de informalidade e de familiaridade.

O turismo pedagógico é uma ferramenta de educação ambiental que, na prática, demonstra a teoria das aulas mais teóricas. Pode ser vivenciado junto à natureza e ao campo, onde os alunos entram em contacto com a comunidade local, sentem as dificuldades das populações locais e adquirem novos conhecimentos e informações sobre o espaço rural, interagindo com os atrativos/recursos turísticos visitados.

O turismo pedagógico pode ser planeado e desenvolvido por equipas multidisciplinares formadas por especialistas em turismo e por professores de diversas áreas, visando à elaboração de propostas de actividades que incluam algum tipo de deslocação do ambiente escolar, como por exemplo, uma visita aos atrativos naturais de um município, a uma quinta, a um parque ou participação num acampamento. O que se pretende com essa actividade é a organização de situações de aprendizagem relacionadas com os conteúdos curriculares, valores éticos e estéticos, além de atitudes formativas, tais como o desenvolvimento da capacidade de iniciativa; respeito pelos outros e fortalecimento da noção de pertença a um grupo ou a um ecossistema; experiência de autonomia; elaboração conjunta de regras de convivência, entre outras.

O ecoturismo é uma forma de turismo voltada para a apreciação de ecossistemas no seu

estado natural, com a sua vida selvagem e a sua população nativa intactos.

Embora o trânsito de pessoas e veículos seja agressivo para o estado natural desses ecossistemas, o ecoturismo contribui para a preservação dos mesmos e para o desenvolvimento sustentável das populações locais, melhorando a qualidade de vida das mesmas.

O ecoturismo é percebido pelos seus adeptos ou tende a ser promovido como:

- uma forma de praticar turismo, de pequena escala;
- uma prática mais ativa e intensa do que outras formas de turismo;
- uma modalidade de turismo na qual a oferta de uma infraestrutura de apoio sofisticada é um dado menos relevante;
- uma prática de pessoas esclarecidas e conscientes sobre questões relacionadas com a ecologia e o desenvolvimento sustentável, na busca do aprofundamento de conhecimentos e vivências sobre temas ambientais;
- uma prática menos agressiva da cultura e meio-ambiente locais do que formas tradicionais de turismo.

A International Ecotourism Society define ecoturismo como a viagem responsável para áreas naturais que conservam o ambiente e melhoram o bem-estar da população local.

É normalmente praticado em zonas protegidas pelo que os turistas são levados a cumprir um conjunto de regras predefinidas com vista à preservação dos ecossistemas no seu estado natural, da sua vida selvagem e da sua população nativa.

Os impactes são inevitáveis a partir do momento em que o ser humano, seja de que maneira for, intervém num habitat natural. A dificuldade está em conseguir conciliar desenvolvimento económico e preservação da natureza. Mas, quem gosta da natureza e reserva as suas férias ou fins-de-semana para a descobrir, respeita-a. Por isso, o termo Ecoturismo surge associado a uma filosofia de desenvolvimento equilibrado, a uma forma de utilizar o potencial turístico do local para gerar riqueza, a par da preservação e valorização das qualidades ambientais da região.

Este verão, se vai fazer turismo, faça-o preferencialmente cá dentro... e ecoturismo!

*Ana Cristina Costa*

# Campanha "Melgaço a Sorrir" apresentou-se aos estudantes da ESDL

*No dia 21 de Setembro, a Escola Superior de Desporto e Lazer, do IPVC, realizou a cerimónia de acolhimento aos novos alunos de licenciatura e mestrado.*

Os Comerciantes de Melgaço que integram a Rede ESTHETIC SMILE & OFAC fizeram-se representar pela coordenadora do programa da campanha, a doutora Hebe Marília Zamagna e a senhora Maria Cristina Besteiro.

A doutora Hebe, na sua intervenção deixou patente a necessidade da integração entre a escola e a comunidade e agradeceu a dedicação da Direção do IPVC neste sentido, e em nome dos comerciantes de Melgaço ofereceu a cada um dos alunos e professores um CARTÃO CONSULTA ESTHETIC SMILE, onde os



mesmos poderão ter descontos nos estabelecimentos do comércio local que estejam sinalizados com os dísticos da campanha MELGAÇO A SORRIR.

A doutora Hebe realçou ainda a verdadeira hospitalidade de Melgaço, pela maneira que há quase 30 anos foi recebida e acarinhada pelos melgacenses e que, através deste donativo do

Cartão todos possam comprovar o SORRISO acolhedor de nossa terra.

À Campanha MELGAÇO A SORRIR agrega cada dia mais comerciantes. Neste mês de Outubro será feito o mês de rastreio na Clínica Esthetic Smile Melgaço, onde os mais idosos poderão, mediante a realização de uma Ortopantomografia receber um



Cartão CONSULTA ESTHETIC SMILE.

Ao mesmo tempo que podem fazer um rastreio bucal podem obter os descontos no Comércio Local. Os Centros de Apoio Social da nossa terra já foram contactados para a comunicação aos utentes.

Toda a corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço

receberá gratuitamente um Cartão Consulta ESTHETIC SMILE ainda no mês de OUTUBRO. Acompanhe as novas etapas da campanha pela rede de apoio ao Comércio ESTHETIC SMILE & OFAC pelo jornal "A Voz de Melgaço" ou através do Facebook.

MELGAÇO A SORRIR.

João Martinho



Moradia em fase final de construção composta de rés-do-chão, 1º andar e águas furtadas com uma área de 170m2, anexos e terreno de cultivo de 2500m2. Localizada junto ao centro de estádios de Melgaço  
**Prado, Melgaço.**

[ Sob Consulta ] M029/2016



Excelente moradia em pedra para restauração. Lugar sossegado a beira rio e com ótimas paisagens.  
**Gastro Laboreiro, Melgaço**

isenção  
[ 45.000€ ] M031/2016



Moradia V4 de r/c e andar mobilada e equipada, possui terraço, garagem com capacidade para 4 carros, compartimentos amplos. Excelente localização.  
Moradia com três frentes.  
**Vila e Roussas, Melgaço**

[ Sob Consulta ] M023/2016



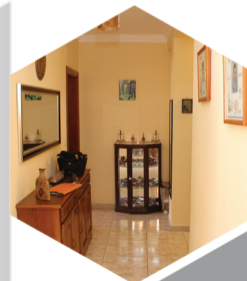
Lotes de terreno para construção em plena vila de Melgaço, em zona calma e fácil acesso.  
Lote 1 = 441 m2  
Lote 2 = 468 m2  
Lote 3 = 441 m2  
Lote 4 = 468 m2  
**Vila e Roussas, Melgaço**

[ Sob Consulta ] M030/2016



Excelente terreno para construção com 4000m2 de área, com possibilidade de construção de 4 lotes, com bom acesso. Boa localização e boa exposição solar. Bom investimento.  
**Vila e Roussas, Melgaço**

[ Sob Consulta ] M022/2016



Apartamento T3 no centro da Vila de Melgaço, com boas áreas e com garagem fechada.  
**Vila e Roussas, Melgaço**

[ Sob Consulta ] M040/2016



Moradia V2, para recuperação com área coberta de 153 m2. Localizada num local calmo, bom investimento.  
Área total de terreno 226m2.  
**Gastro Laboreiro, Melgaço**

[ 80.000€ ] M031/2016



Excelente moradia T4, mobilada e equipada, possui divisões amplas, aquecimento central, garagem e rossios. Detém 4 frentes, é uma propriedade fechada, a área útil é de 150m2, a área total é de 500m2.  
**Cristóval, Melgaço**

[ Sob Consulta ] M033/2016



Contabilidade

Informática

Administração de Condomínios

Imobiliária





# Pegada Zero traz a Melgaço o novo conceito de apresentar o **turismo de natureza**

*Melgaço realiza pela primeira vez um evento em volta do Turismo de Natureza. 'Pegada Zero - I Jornadas de Turismo de Natureza - PNPG - Melgaço 2016', acontece entre 20 e 23 de Outubro e contempla várias atividades que permitirão conhecer a região, as suas gentes e costumes.*

Situado na Área Protegida mais importante de Portugal, o Parque Nacional da Peneda-Gerês, e integrado na Reserva Mundial da Biosfera, Melgaço é uma terra que celebra a vida e tudo o que ela tem de bom para o corpo e para o espírito. Porta de Lamas de Mouro, pela sua contextualização, assim como pela existência de espaços, infraestruturas e

equipamentos de apoio (Parque de Merendas; Auditório; Salas para Workshops; Espaços expositivos; Centro de BTT, entre outros) que permitem a realização de múltiplas atividades, foi o local escolhido para o evento.

Pretende-se com esta iniciativa criar um evento em Melgaço sobre a temática do 'Turismo de Natureza', destacando as potencialidades do concelho nesta vertente e a envolvimento de todos os agentes que atuam na região: Empresas de Animação, Restauração, Alojamento, Comunidade local, entre outras; mas também com o objectivo de se desenvolverem ações de sensibilização sobre a conservação da natureza, junto das comunidades intervenientes, assim como criar ou reforçar a relação das mesmas com o serviço.

Do programa constam várias atividades e ações, tais como rafting, canyoning, percursos pedestres, provas de alvarinho, passeio de jipe, percursos de BTT, batismo hípico, primitive race, arborismo, slide, rappel, escalada e para os mais curiosos

a possibilidade de observarem as Cabras Montês, uma espécie rara em Portugal, existindo apenas na Serra do Gerês e na Serra Amarela. O evento oferece ainda a possibilidade de se participar em workshops: 'Plantas e sabores' (uso de plantas aromáticas/medicinais da região), 'Fotografia de Natureza'\* e 'Workshop de Pão Castrejo'; no colóquio 'Rios e Montanha, Aventura e Segurança\*'. Os mais novos (a partir dos seis anos) também serão contemplados, com diversas atividades educativas a decorrerem durante as oficinas temáticas.

**Os dias 20 e 21 de outubro são reservados a profissionais do sector, tendo os restantes dias um programa aberto ao público em geral. As inscrições podem ser feitas aqui, até ao dia 20 de outubro, onde também é possível saber os custos de participação nas diversas atividades.**

João Martinho





**MAJOTEC**

Construções Técnicas Lda

- \* Caldeiras a Pellets
- \* Aquecimento Central
- \* Ar Condicionado
- \* Energia Solar
- \* Aspiração Central
- \* Artigos Sanitários
- \* Electrodomésticos
- \* Fogões a Lenha
- \* Bombas de Calor
- \* Piscinas
- \* Sistemas de rega para vinha e jardins

**Reduza os seus custos**  
**PRODUZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA**



**Autoconsumo Residencial**



**Caldeira a Pellets**



**Fogão a Lenha**



**Recuperador de Calor**

**Urb. Quinta do Peixe Frio**  
**Loja 18**  
**4950 - 401 Monção**

**Tlf: 251 653 508**  
**Tlm: 966 503 669**  
**969 024 741**

**www.majotec.com**



Exma. Sra Doutora  
Ministra das Finanças  
Mariana Mortágua:

Dado que pelo cheiro V. Excia aparenta ter abandonado os cueiros há pouco, e o filho que tenho já ser suficientemente crescido para que me tenha esquecido como se explicam as coisas às crianças, não sei bem como lhe começar a explicar as particularidades da vida das pessoas normais. Mas tentarei e faço-o com a melhor das intenções. Creia que quero ajudá-la.

Sabe, alguns de nós na minha geração e mais velhos, por vicissitudes da realidade, tivemos que começar a trabalhar muito jovens ainda (no meu caso aos 11 anos). Aprendemos desde cedo a virtude do esforço e da poupança, aprendemos a adiar prazeres e a ter uma perspectiva de vida. Aprendemos que não seríamos sempre jovens e um dia iríamos precisar de algum suporte que só nós mesmos, com esforço, inteligência e foco no futuro poderíamos garantir. Depois fomos pais e esse foco cresceu, a nossa esperança de vida aumentou e o futuro prolongou-se. Creio que quando formos avós estas coisas tornar-se-ão ainda mais importantes.

Cara Doutora Ministra das Finanças, V. Excia diz que têm que "perder a vergonha de ir buscar a quem acumula dinheiro". Não sei o que o senhor seu pai lhe terá ensinado. A viver à custa de outrem? A aproveitar-se do esforço alheio? A fazer tábua rasa da vida de pessoas que não conhece e para cujo bem estar nunca contribuiu? Se o fez, lamento informá-la mas isso tem um nome e não é bonito.

Repare: não ando há décadas a trabalhar com honestidade e rigor para que V. Excia e os infelizes que a aplaudem venham após todo este tempo tirar-me o que me custou sangue, suor e lágrimas a acumular; não ando há décadas a fazer das tripas coração para que V. Excia e respectivo séquito me roubem o que já foi várias vezes tributado para a sustentar a si e a outros semelhantes. Note que se a Sra Doutora Ministra das Finanças algum dia provar o que eu e muitos outros provamos há décadas, terei todo o gosto em ganhar respeito pelas suas opiniões, até lá, perdoe mas oiço-a como ouvia o meu filho quando ele acabava de molhar a fralda. Somada alguma irritação que ele, pelo amor que lhe tenho, não me provocava, evidentemente.

Com cordialidade

**Helder Ferreira**  
Profissão: desgraçado

**P.S.:** Felizmente o Presidente Marcelo vetou o projetado diploma.

## Crónicas do Delfim

Tenho saudade da saudade.  
Saudade dos dias em que a saudade era apenas uma miragem.  
Saudade do que ficou na saudade.  
Saudade da cumplicidade única.  
Saudade dos disparates.  
Saudade de um sorriso.  
Saudade de pronunciar um nome.  
Saudade dos sonhos.  
Saudade das gargalhadas.  
Saudade do que foi.  
Saudade da ilusão.  
Saudade de emoções.  
Saudade do extremo.  
Saudade do deslimite.  
Saudade da construção.  
Saudade da paixão.  
Saudade do tempo em que eras uma ilusão e não uma desilusão de saudade.  
Saudade da imaginação.  
Saudade de tudo o que era sem ser.  
Saudade do que ficou por dizer.  
Saudade da soma.  
Saudade de tudo e de nada.  
Saudade de ser a tua saudade.  
Saudade de te imaginar.  
Saudade de quê?  
Saudade de quem?  
Saudade simplesmente.

**Ana Borges**

# Um dia teve Mãe (02) CONTO



David era o quinto filho, num grupo de sete irmãos, criados com as dificuldades inerentes a uma família grande, que, não sendo pobre, estava muito longe de ser rica. Sua mãe, Judith, esticava o orçamento familiar para terem o essencial e sempre disse aos filhos que não podendo, um dia, deixar-lhes fortuna, queria, pelo menos, apetrechá-los com conhecimentos e educação que fizessem deles pessoas respeitadas e respeitadas. Corrigia seus modos de estar à mesa, de se dirigirem aos outros, de serem solidários entre eles e entre eles e a comunidade. Ensinou-lhes valores: honestidade, lealdade, humildade, persistência, verdade, trabalho, solidariedade ...(aqui cabem todos os valores do teu jogo, organizados por ordem de importância). Tinha como lema "olhai para o que vos digo, olhai para o que eu faço". Sabia que os exemplos têm de vir dos mais sabedores e capacitados, normalmente dos mais velhos.

David era o mais novo dos rapazes, tímido por natureza, dotado de uma inteligência razoável,

afável na convivência, disciplinado e muito correcto.

Chegou o dia em que teve de procurar o seu primeiro emprego. Candidatou-se com mais nove concorrentes para prestar serviço numa fábrica de produtos alimentares.

Na sala de espera, enquanto todos os outros falavam e contavam experiências anteriores ou anedotas, ou comentavam a política do governo, David mantinha-se calado, inibido pela sua timidez, compondo o nó da gravata a cada dois minutos. Começou a achar-se em desvantagem!...

Nenhum dos candidatos sabia que estava sendo observado através de um daqueles vidros espelhados, pelo qual se vê sem se ser visto. O dono e director da fábrica, que tinha chamado a si a responsabilidade de escolher o candidato para o preenchimento da vaga, ficou atrás daquele vidro por uns bons quinze minutos. Depois abriu a porta e chamou um por um todos os candidatos.

Quando chegou a vez de David, ele entrou de mansinho, ficou em pé até ter sido convidado

a sentar-se. Falou em voz baixa, limitou as suas respostas ao que lhe era estritamente perguntado, sempre com a preocupação de não prometer mais do que aquilo que achava ser possível cumprir, mas de espírito aberto para aprender o que fosse necessário.

Passados três dias foi contactado para lhe dizerem que tinha sido o escolhido. Pela primeira vez na vida sentiu-se desinibido, deu um pulo de alegria, pois pensava que todos os outros concorrentes tão exuberantes e faladores lhe levariam vantagem.

No dia em que foi tomar posse do lugar, mais confiante, buscou a coragem que tinha, mas desconhecia tê-la e perguntou ao director:

– Senhor director, com o devido respeito, posso ser informado por que fui o escolhido?

A resposta foi curta e breve.

É fácil David, eu escolhi você, porque foi, de entre todos, aquele que melhor me demonstrou quer – um dia teve mãe.

*Cascais, Setembro de 2016*

*Maria Ivone*

# Carminé Coelho

Carminé Celestino Coelho (Cané). Filho de Júlio Celestino Coelho, natural de Cristóval, e de Maria Joaquina Gonçalves, natural de Fiães. Neto paterno de João Umbelino Coelho (dos Santos) e de Rosa Aires; neto materno de Manuel José Gonçalves e de Joaquina Alves. Nasceu em Cristóval a 10/4/1929 e teve por padrinho de batismo Carminé de Sá Marcelo de Magalhães. Foi proprietário de uma loja de comércio em São Gregório, no tempo em que tudo se vendia, sobretudo para a Galiza, apesar do dinheiro não circular como nestes tempos de agora. Casou com a sua conterrânea, Maria Amélia Monteiro, nascida em 1941, filha de Mário Máximo Monteiro e de Áurea Pereira, comerciantes em Cevide. Depois da aposentação, o casal fixou a sua residência em Braga. Passava quase todas as suas férias de verão em Moledo, onde possuíam um bonito apartamento junto à praia. Ali cavaqueava com os seus amigos, na esplanada

de um Café, ou junto ao mar, conversas interessantes, sempre bem-dispostos. Por volta de 2005 fez uma operação, num hospital do Porto, ao coração. Posteriormente, foi sujeito a outra operação, dessa vez ao estômago. Morreu em Braga a 18/9/2016 e na capital do Minho ficou sepultado, no cemitério de Gualtar, antecedido de uma celebração exequial muito concorrida e a que presidiu o novo pároco, cónego Avelino Amorim.

Pai de Adalgisa Coelho, professora em Braga e de Mário Coelho, Engenheiro na Simoldes, em Oliveira de Azeméis. A nora, Ana Mesquita, é professora em Oliveira de Azeméis. O genro, Manuel Esteves é professor em Braga. Os netos: Cátia Esteves, médica no Hospital de S. João, Porto, Filipa Esteves, Engenheira na Bosh em Braga, Nuno Coelho,



Beatriz Coelho e Inês Coelho são estudantes.

A sua vida foi um bom exemplo de trabalho e de rigor; por isso, lembrá-lo-emos sempre.

**Joaquim Rocha**

**N.R.** A família agradece o apoio e o carinho manifestados aquando do falecimento do seu ente querido.

# Centro de Apoio ao Doente Oncológico organizou fim-de-semana para apresentar as potencialidades das Termas na área da saúde

*O Centro de Apoio ao Doente Oncológico (CADO), em parceria com a associação espanhola ADICAM – Asociación de Diagnosticad@s de Cancer de Mama, realizou um fim-de-semana de actividades, palestras sessões de relaxamento e concertos musicais nas Termas de Melgaço.*

Aquele complexo foi, nos dias 17 e 18 de Setembro, o epicentro de uma iniciativa que pretende fomentar as potencialidades dos espaços de relaxamento e tratamento como factores importantes no tratamento da doença oncológica.

‘O cancro não tem fronteiras’ deu o mote ao encontro de de mais de duas dezenas de mulheres diagnosticadas com cancro de mama, que começaram por conhecer as instalações e os serviços prestados pela associação sediada em Melgaço e que tem algumas das salas do complexo termal como consultório para os profissionais da área da saúde que voluntariamente colaboram com o projecto.

Aprender a lidar e a viver da melhor forma com o diagnóstico foram algumas das principais preocupações das temáticas abordadas nas palestras que na manhã e tarde de 17 de Setembro tiveram lugar em plena fonte principal das Termas de Melgaço.

Moderadores de renome e representantes de alguns serviços fundamentais ao quotidiano do doente foram a missão da asso-



ciação, que trouxe até Melgaço os melhores de cada sector para responder às questões da assistência.

No primeiro evento de dimensão do CADO e primeiro programa de âmbito transfronteiriço, houve lugar para sessões de Yoga, Reiki, massagens de relaxamento com velas, aulas de hidroterapia, entre outras, e ainda partilha de experiências e conhecimento entre os que venceram o cancro, os que se encontram a lutar e os amigos e familiares que os apoiam.

“É um orgulho enorme e sinto-o em cada poro, receber estas vinte e duas mulheres, proporcionar-lhes tudo o que é possível neste período e perceber que elas próprias se emocionam ao ver o que temos”, ressaltou Catarina Malheiro, mentora do projecto. “Sai-nos da pele, porque é um trabalho contínuo de pesquisas, contactos. É como se fosse um trabalho para nós”, revela ainda.

Desde a primeira apresentação à comunidade Melgacense, em Julho último, a associação já reforçou o número de enfermeiros e intensificou o horário de consultas de psicologia. Por cá, tem desenvolvido relações de proximidade e serviços com associações de doentes e outras.



Além dos serviços, alguns com condições exclusivas pelo usufruto que é possível do balneário termal, a mentora do projecto nota que a procura de alguns produtos exclusivos, conseguidos a preços “de fábrica” através de parcerias com as empresas, chegam a suscitar interesses junto de doentes em Espanha e Portugal, um pouco por todo o país”.

**“É um luxo usar as águas termais só para relaxamento”**

Salvador Ramos, médico, director de um centro de hidroterapia na Corunha e de um centro de talasoterapia em Pontevedra, um dos oradores convidados a palestrar, realçou a importância dos momentos de cidadãos que, pela necessidade, criam os instrumentos de apoio ao doente crónico antes da fase crítica do processo.

“Todas as unidades de saúde estão focadas para a parte aguda da doença, para o diagnóstico e tratamento e está a fracassar nos cuidados aos pacientes crónicos. Em Espanha começam a surgir movimentos em que os pacientes, vendo as carências que há, estão organizar-se para oferecer esses

serviços. Quem está a marcar a mudança são as associações. A assistência sanitária está tão centrada no hospital, que o cuidar é uma tarefa menor e este é um tratamento diferente, mas fundamental”, critica.

Sobre o projecto do CADO, Salvador Ramos confessa-se “admirado com a trajectória da associação, por ver o que fizeram em tão pouco tempo. A ADICAM é uma associação pioneira em Espanha, mas não conseguiram isto”.

“É um luxo usar as águas termais só para relaxamento. É bom, mas é importante juntar-lhe esta valência terapêutica. E, neste cenário epidemia de patologias crónicas, são os sítios ideais” considera o médico espanhol, indicando a janela de oportunidade que pode alavancar a economia termal: “Há muito dinheiro para projectos transfronteiriços que se podem aproveitar para isto”.

O autarca de Melgaço, Manoel Batista, sublinha também as novas abordagens que se podem fazer à



utilização das termas. No caso de Melgaço, as águas são tradicionalmente vocacionadas para o tratamento da diabetes, mas diz que há muitas outras possibilidades na área da saúde.

“Olhamos com bons olhos a actividade que a associação está a ter porque está a pensar no apoio aos utentes locais, mas também um outro trabalho, que é a articulação da vizinha Espanha, procurando aprofundar relações com outras instituições, metodologias, conhecimento”, refere.

“As Termas de Melgaço podem vir a ser uma estrutura de turismo de saúde bem alicerçada, em articulação com a hotelaria, outras áreas de saúde e organizações, é um bom horizonte de trabalho e ganhamos todos” remata.

João Martinho

## Espumante

### Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em  
**LONDRES**

# AGRADECIMENTOS

## AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

### Hortênci Rosa Alves

S. Paio | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Aida da Glória Alves

S. Paio | 84 Anos

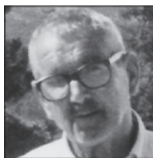
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### José Maria de Oliveira

Prado | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### António Marques

S. Paio | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## AGÊNCIA FUNERÁRIA ARLINDO CASTRO

### Gilberto Gonçalves

Eiriz - Gave | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

### Pureza Maria Fernandes

Soengas - Chaviães | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Almerindo Domingues

C. Laboreiro - Melgaço | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Rosa Esteves

Ribeira Baixo - C. Laboreiro | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



### Manuel António Domingues

Ladronqueira - Fiães | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## Nos hospitais lida-se com pessoas. Deve imperar o respeito e a compreensão

Dois casos que me chocaram. Uma senhora está no quarto do hospital de Viana e entra o médico a perguntar: -onde está o doente? . Responde a pessoa: - qual? (pois há 3 camas). Fulano! - Foi à casa de banho. Entretanto, a mãe do tal senhor, diz ao médico: -'senhor doutor, o meu filho está aqui há seis horas e ainda nada nos disseram. Diga-me boas palavras', ou seja, diga-me que as coisas estão a correr bem. Nada. Em vez disso, insultou a senhora, chamou-lhe malcriada, interpretou mal a atitude de quem, para não responder na mesma moeda, foi até à janela da enfermaria para olhar para fora, e continuou amuado com as pessoas, sem informar a mãe sobre o estado de saúde do filho.

O outro caso passou-se em Monção. O doente veio no INEM, chamado pela enfermeira que observava o doente na visita de rotina a casa e era de parecer de que ele precisava de ser melhor avaliado para ver o que se passava, dados os sinais que ele emitia. Aparece o médico e diz à esposa: pode levar o doente embora, que ele não tem nada. Não sei o que vêm para aqui fazer! - Senhor doutor, desculpe, mas foi a própria enfermeira que sentiu necessidade de chamar o INEM. - Não importa, pode-o levar daqui. - Mas como senhor doutor? Não conduzo, vim a acompanhá-lo e nem telemóvel aqui tenho para comunicar com alguém. - Não importa, leve-o daqui! - Não, senhor doutor, então fica aqui aos cuidados do Centro de Saúde e eu vou de camioneta para minha casa, e depois se vê. Passada a raiva e os insultos do primeiro momento, lá aparece, chamada pelo Centro de Saúde, a ambulância para levar de novo a casa o doente.

Carlos Nuno

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/10/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 8 de setembro de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 58 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **MANUEL AFONSO**, NIF 131 658 689, e mulher **SÍLVIA ENES**, NIF 131 658 697, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Parada do Monte; ela da freguesia de Gave, residentes no lugar de Costa, da atual união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, deste mesmo concelho, titular dos cartões de cidadão respectivamente números, 03473852 5ZZ8 válido até 04/04/2017 e 08379132 9ZZ6, válido até 07/03/2018, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos** e **legítimos possuidores** com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, denominado "Sudro", sito no lugar de Costa, da união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, composto de terreno de lameiro, com a área de mil seiscientos metros quadrados, a confrontar a norte com Manuel Rodrigues, sul e nascente Manuel Afonso e poente com caminho público, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 3513, o qual corresponde ao artigo 1716 da freguesia de Parada do Monte (extinta), com o valor patrimonial tributário de cento e cinquenta e um euros e vinte e sete cêntimos e o de igual valor **atribuído**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome de Justino Esteves.

Que o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa, quando, Justino Esteves e mulher Isaura Rodrigues, residentes no lugar de Aldeia Grande, da indicada freguesia de Parada do Monte, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de toda as suas utilidades, utilizando-o na pastorícia do gado, suportando a despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribuem** a este acto o valor de **cento e cinquenta e um euros e vinte e sete cêntimos** igual ao valor patrimonial do prédio.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 8 de setembro de 2016.

A Escriturária Superior,

Catarina Maria Vilas

## Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/10/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 8 de setembro de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 60 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **ARTUR MARCELO DE CARVALHO**, NIF 224 550 578, e mulher **ÂNGELA DANIELA PIRES DE CARVALHO**, NIF 233 453 903, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Cubalhão; ela da freguesia de Parada do Monte, residentes na Rua Cruzeiro Garcia Pires, Bloco 4, 1.º Esqº, freguesia de Nogueira, Fraião e Lamações, concelho de Braga, titulares dos cartões de cidadão respectivamente números, 11466459 5ZY1 válido

Continua na pág. seguinte



### MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp n.º 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre - Com certeza ficará satisfeito

Escritórios:  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel : 251402903 Fax : 251402907  
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax : 251 656232  
Tlm 966747834

#### Protocolos de Seguros

Forças Militares (GNR, PSP, etc)  
Professores, Função Pública  
Médicos, Dentistas, Veterinários

#### Legalizações automóveis

Regime Geral  
Regime de emigrante  
Pergunte sobre o seu caso em especial

**Continuação da pág. anterior**

até 17/04/2021 e 12493147 2ZZ7, válido até 06/01/2017, fizeram as seguintes declarações:

Que, é **dono e legítimo possuidor** com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, denominado "Codeceda", sito no lugar de Costa, da união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultura, com a área de seiscentos e noventa metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com José Esteves do Cabo, sul com Joaquim Esteves e poente com Manuel José Esteves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 973, o qual corresponde ao artigo 424 da freguesia de Parada do Monte (extinta), com o valor patrimonial tributário de **cinquenta euros e cinquenta e quatro cêntimos** e o de igual valor **atribuído**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome de Justino Esteves.

Que o mencionado prédio veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e seis, quando, ainda no estado de solteiro e menor, Justino Esteves e mulher Isaura Rodrigues, residentes no lugar de Aldeia Grande, freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de toda as suas utilidades, colhendo os seus frutos e utilizando-o na pastorícia do gado, suportando as despesas de fruição.

Que tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribui** a este acto o valor de **cinquenta euros e cinquenta e quatro cêntimos** igual valor patrimonial do prédio.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de

trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 8 de setembro de 2016.  
A Escriturária Superior,  
**Catarina Maria Vilas**

**Notariado Português  
CARTÓRIO NOTARIAL  
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/10/2016

**A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira**

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia vinte e seis de setembro de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas sessenta e duas e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **Jaime Alves Esteves**, casado, natural da freguesia de Riba de Mouro, concelho de Monção, onde reside no lugar de Portela, titular do cartão de cidadão número 03734872 8ZY5, válido até 23/04/2019, que outorgou na qualidade de **procurador**, em representação de:

**ANDRÉ MONTEIRO**, NIF 195 071 328 e mulher **LEONOR DOMINGUES MONTEIRO**, NIF 221 511 814, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residentes em França, em Tap de Bayle, 82600 Mas Grenier, fez as seguintes declarações:

Que, os seus representados são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, denominado "Cruz", sito no lugar de Cainheiras, da união de freguesias de Castro Laboreiro e Lamas de Mouro, concelho de Melgaço, composto por terreno de pastagem, com a área de mil novecentos e setenta metros quadrados, a confrontar a norte com Rosalina Esteves, sul e nascente com Maria Amélia Gonçalves e poente com estrada, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 10690, o qual corresponde ao artigo 9626 da freguesia de Castro Laboreiro (extinta), ignorando o artigo da antiga matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **13,89€**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na matriz em nome da herança

de Rosa Rodrigues (NIF 702 064 351)

Que o prédio veio à posse do seu representado varão, ainda no estado de solteiro, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e dois, quando, António José Domingues e mulher Rosa Rodrigues Alves, residentes que foram no lugar de Bico, da indicada freguesia de Castro Laboreiro, entretanto já falecidos, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, contudo, desde essa data, o seu representado e mais tarde o casal, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, utilizando-o na pastorícia do gado, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica, em seu nome, a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 26 de setembro de 2016.  
A Escriturária Superior,  
**Maria Duarte Alves Dantas**

**Notariado Português  
CARTÓRIO NOTARIAL  
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/10/2016

**A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira**

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compra e venda lavrada no dia vinte e sete de setembro de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas sessenta e quatro e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **Júlio Celestino Coelho**, divorciado, natural da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residente na Rua Dr. Afonso Costa, n.º 54, da união de freguesias de Vila e Roussas, deste mesmo concelho, titular do cartão de cidadão número 03854691 4ZZ7, válido até 16/12/2019, que outorgou na qualidade de **procurador**, em representação de:

**CARLOS JOSÉ PEREIRA**, NIF 139 717 242 casado com **NATÁLIA ARMINDA FERNANDES**, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, residente em 4 Rue Jules Ferry Villetaneuse, 93430 Villetaneuse, França, fez as seguintes declarações:

Que o seu representado é **dono e legítimo possuidor**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio rústico**, denominado "Campo do Reguengo", sito no lugar de Reguengo, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de mil e cem metros quadrados, a confrontar a norte com ribeiro, sul com Raimundo José Gonçalves, nascente Abel Augusto Pinto Ribeiro e poente Raimundo José Gonçalves e outro, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5595, ignorando o anterior artigo matricial, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **cento e cinquenta e um euros e vinte e sete cêntimos**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, e encontra-se inscrito na matriz em nome do justificante.

Que, o indicado bem veio à posse do seu representado, em data correta que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta, quando, seus pais, José Amaro Pereira e mulher Sara Alves, residentes que foram no lugar de Carpinteira, da indicada freguesia de São Paio, entretanto já falecidos, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, o seu representado entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seu dono por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, uma **posse** pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica, em nome do seu representado, a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 27 de setembro de 2016.  
A Escriturária Superior,  
**Maria Duarte Alves Dantas**

**Notariado Português  
CARTÓRIO NOTARIAL  
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/10/2016

**A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira**

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia 29 de setembro de 2016, neste Cartório Nota-

rial, exarada a folhas 67 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 131-E, **JUSTINO AFONSO**, NIF 136 260 942, e mulher **ROSA LOURENÇO DOMINGUES**, NIF 136 260 934, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais da freguesia de Parada do Monte, concelho de Melgaço, residentes no lugar de Coto Santo, n.º 23, da atual união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, titulares dos bilhetes de identidade respectivamente números, 3221385 de 22/01/1999 e 3099618 de 05/05/2003, emitidos pelos S.I.C. em Viana do Castelo, fizeram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel:

**Prédio urbano**, sito no lugar de Coto Santo, da atual união de freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, composto por casa de dois pavimentos, com a área coberta de quarenta metros quadrados e rossios de trinta metros quadrados, a confrontar a norte com José Pereira, sul e poente com caminho e nascente com Caetano Esteves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 9107, o qual corresponde ao artigo 82 da freguesia de Parada do Monte (extinta), com o valor patrimonial tributário de **13.960,00€**.

Que, o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da herança de Manuel Lourenço Domingues (NIF 742 705 234).

Que o indicado imóvel veio à posse dos justificantes em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta, quando, os pais da justificante mulher, Manuel Lourenço Domingues e Albina Domingues, residentes que foram no lugar de Coto Santo, da citada freguesia de Parada do Monte, entretanto já falecidos, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, habitando-o, fazendo-lhe regularmente obras de conservação e limpeza, suportando as respectivas despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião** que invocam para fins de Registo Predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

Que **atribuem** a este ato o valor de **treze mil novecentos e sessenta euros**, igual ao valor patrimonial do prédio.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 101º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.  
Cartório Notarial de Melgaço, 29 de setembro de 2016.  
A Escriturária Superior,  
**Catarina Maria Vilas**

**Agência Funerária Mira**  
DISTINGUIMO-NOS PELA LONGA EXPERIÊNCIA,  
COMPETÊNCIA E ACOMPANHAMENTO  
**TODOS OS SERVIÇOS FUNERÁRIOS  
E DE ARRANJOS PARA OS CEMITÉRIOS,  
BEM COMO DESLOCAÇÃO  
NOS CASOS DE CREMAÇÃO**  
RUA DR. AFONSO COSTA, 42 · MELGAÇO  
Tels: **963 095 087 · 251 404 014 · 251 416 237**

## FLASHS DO CICLO

### Jerónimo de Sousa corrige Marcelo de Sousa

Durante a instrução do curso de militares dos Comandos, conhecidos como tropa da elite, muitos instruídos, não aguentando os exercícios a que foram obrigados, encontraram-se mal, pelo que foram conduzidos ao Hospital. Dois faleceram e outros ainda se encontram internados. São casos que não deviam acontecer. Mas, infelizmente acontecem. Porque muitas vezes os instrutores não tomam as devidas precauções ou pior ainda, abusam nos seus desejos, obrigando a sacrifícios desnecessários. Depois o Bloco de Esquerda que não perde pitada de factos, onde julga ganhar votos, veio logo propor acabar com os Comandos. O governo suspendeu o curso. O que levou o Presidente da República que também não quer perder as oportunidades do seu frenesim afectuoso, em prol da geringonça, a elogiar o governo, dizendo que: "Era preciso ser um governo de coragem para tomar a medida que tomou, a suspensão do curso". Curiosamente, foi o Secretário Geral do PCP o único político que pôs os pontos nos is. Efectivamente, como disse, as instituições não têm culpa de muitas vezes não serem bem escolhidas as pessoas que as dirigem e que o curso devia continuar, pois Portugal precisa de tropa de ELITE. Quem diria que alguma vez este conceito vinha do PCP, levando no dia seguinte o Presidente a fazer dele as observações de Jerónimo de Sousa? É certo que Jerónimo de Sousa foi militar de elite, foi tropa no quartel onde eu fui, RL2, foi Polícia Militar como eu. Assim, ele sabe o que era nesse tempo a disciplina. Era vertical. Era quase impossível acontecerem casos como agora acontecem. Há pouco tempo, uma rapariga num exercício de deslizamento faleceu porque o cabo de aço falhou. No meu tempo, se isso acontecesse, o que montou o cabo e o que dirigia o exercício só podiam contar com prisão. Assim, neste caso recente, o que devia ter sido feito era: o director da instrução imediatamente substituído. Depois, um rigoroso inquérito aos instrutores, mas o curso continuava. Mas o governo optou pelo mais fácil. Julgo que só para o Presidente é que pode ser coragem. Para mim, foi cobardia ou subserviência a Catarina Martins. Este caso foi muito grave, porque não foi um militar que sofreu, foram vários. Faleceram dois mas ainda estão alguns internados. É de crer ter havido excesso de sacrifícios, sob um calor de 42 graus. Também deve ser tomado em conta, que hoje, os que vão para a tropa só são os necessitados, ou seja, os que precisam de emprego para viver, o que os leva a sujeitarem-se a todos os sacrifícios que porventura os instrutores gostam de aplicar. Faz lembrar a praxe dos Estudantes, entreterem-se com os sacrifícios dos instruídos. Há dias, a uma comentadora num canal de TV, foi-lhe perguntado o que ela achava do populismo do Presidente na sua relação com o Governo. A resposta foi que: dado os últimos seis meses do anterior Presidente, o actual está a fazer bem. É jornalismo que jornalistas entrevistem apresentadores? Que de honestidade intelectual! Efectivamente, fazer a comparação do fim de um com o início de outro, não é honesto porque a comentadora conhece bem o que foi o anterior Presidente, nos primeiros anos, nas suas relações com o então governo PS.

E só quando viu o caminho da Bancarrota é que as coisas se agravaram. Principalmente, quando viu a chover de todos os lados as denúncias da corrupção com o primeiro ministro à frente.

*Arménio Melo*

## "Habemus vinum" IX (IIIª série) Fomos à vindimas

Mais uma viagem ao continente e a possibilidade na altura das vindimas de uma deslocação ao Douro.

Tive um amável convite do produtor Alexandre Gomes, para ir conhecer a Quinta de Santa Teresa, em Mesão Frio a qual adquiriu recentemente.

Conheci este produtor, numa entronização da Confraria dos Vinhos Verdes, em Viana do Castelo, no dia 25 de Junho de 2011.

Uns anos mais tarde, encontrei-o a dar a conhecer os seus vinhos "Casa de Arrabalde", "Espinhoso" e também o "Liv", na "Essência do Vinho", no Palácio da Bolsa, onde comparece cheio de entusiasmo todos os anos, com a sua mulher (ver foto). Temos mantido uma amizade, a que não é alheio a sua simpatia e afabilidade. Tenho-me também empenhado em dar a conhecer os seus vinhos em Ponta Delgada, num ambiente sempre hostil para os vinhos brancos do continente, já que a ilha do Pico, apresenta vinhos de boa qualidade em brancos. Mas, continuaremos a insistir...

Já produzia os vinhos "Casa de Arrabalde" e "Espinhoso", de duas quintas localizadas na zona de Baião, os quais surgiram no mercado em 2007 e 2009.

Tinha formado a empresa "A&D Wines", (a junção de Alexandre e Dialina, sua mulher) a qual colocou no mercado, vinhos verdes brancos, da zona de Gôve e Baião, com características muito próprias de uma zona de transição como é a passagem dos vinhos verdes para o Douro.

Trata-se de vinhos com características dessa transição, com castas que se adaptam bem no terreno, proporcionando vinhos diferentes, ao mesmo tempo que desafiam o produtor a apresentar vinhos, onde outras castas, podem ditar a inovação e a diferença.

Se o início da "Casa de Arrabalde", com 5 hectares, ao que se seguiu a "Quinta do Espinhoso",



com 7 hectares, o que levou a um projecto de montagem de uma adega, devido às solicitações do mercado, a aquisição da "Quinta de Santa Teresa", em Mesão Frio, com um total de 33 hectares de vinha, coloca-o num patamar bem diferente.

Esta quinta, encontra-se situada mesmo no limite onde acaba a região dos Vinhos Verdes e onde começa a região dos vinhos do Douro, conforme "um marco" assinalado na propriedade.

Trata-se de uma belíssima propriedade, com jardins, uma pequena mata, pequenas casas de apoio, com esculturas em granito, onde não faltam até piscinas com uma prancha de saltos para uma piscina de seis metros de profundidade!

O "projecto" ambicioso de Alexandre Gomes, para a Quinta de Santa Teresa, é ter já no mercado a colheita de 2015, da primeira vindima da quinta com a marca "Monólogo" (arinto), um "Monólogo" (casta avesso), "Monólogo" (casta Chardonnay) e um "Singular", no fundo um blend das castas produzidas e da responsável do enólogo da casa, Fernando Moura.

No dia em que estivemos na quinta, encontravam-se a fazer a vindima de uvas brancas, com a selecção manual das uvas, e com

a preocupação do desengace e maceração pelicular, mantendo dessa forma uma vontade e tradição por um processo cuidado e minucioso da selecção das uvas recolhidas.

Para além da preocupação de ter uma elevada qualidade das uvas recolhidas, importa referir o clima favorável da exposição da quinta, aliado a um acompanhamento muito atento que o produtor faz das vinhas.

Todo esse trabalho acaba por dar frutos, como os prémios que os vinhos deste produtor tem angariado no estrangeiro, como no Diamond Trophy, no Japão para a marca "Espinhoso" e o "LIV", com a casta arinto e avesso. Também Robert Parker, atribui aos seus recentes "Monólogo" e "Singular", 90 pontos e 91 pontos, respectivamente.

Registe-se que com as dificuldades existentes no mercado nacional, Alexandre Gomes e sua mulher, registam com satisfação um bom acolhimento para os seus vinhos, no Reino Unido, Holanda, Alemanha, Suíça, Dinamarca e Áustria, onde recentemente ganharam no "AWC-International Wine Challenge" daquele país sete medalhas: uma de ouro, cinco de prata e uma de bronze.

É obra, assim como é também, uma obra de arte, o "design" exclusivo dos rótulos das garrafas.

*António Jorge Tavares*

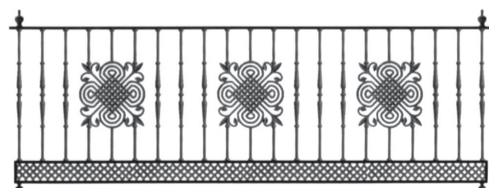
*Jornalista*

*(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)*

Nota: Para além da excelente visita à Quinta de Santa Teresa, em Mesão Frio, tive ainda oportunidade de ouvir alguns produtores, como o Filipe Brás, Júlio Coelho, João Nápoles a darem-me conta de que este ano a qualidade do vinho é muito boa, embora com menor produção. Tive oportunidade de fazer a bonita viagem de comboio da Régua até Freixo-de-Numão e ver o "monstro" da barragem do Tua a estragar irremediavelmente aquela paisagem. Isso, ficará para próximo artigo.

## SERRALHARIA BOAVISTA

### DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista - Rouças | Telefone 251 403 567  
4960 MELGAÇO



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net

**PROCURA COLABORADOR(A)  
A TEMPO INTEIRO**  
**Tempo indeterminado**  
**URGENTE**  
Contactar: **965 584 853**

**PIZZARIA**  
*Du Michelys*  
**RESTAURANTE**

**INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!**

**T. 251 403 058** Av. Capitão Salgueiro Maia  
**EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA**

**Clínica OSTEO+**

**CONSULTAS DE OSTEOPATIA**  
estrutural, craneal, visceral, pediátrica e obstetrícia  
Dra Cátia Afonso (directora técnica)

**CONSULTAS de ORTOPEDIA**  
Dr José Ratola Teixeira (director clínico)

PSICOLOGIA CLÍNICA | FISIOTERAPIA | ENFERMAGEM  
TERAPIA DA FALA | CINESIOTERAPIA RESPIRATÓRIA  
ESTÉTICA AVANÇADA | MASSAGEM TERAPÊUTICA  
NATUROPATIA | HIPNOTERAPIA | REIKI

**VENDA de MATERIAL ORTOPÉDICO**

**Clínica Osteo+ Melgaço**  
Av. Cap. Salgueiro Maia nº540  
4960-570 Melgaço

telefone:  
**251 401 078**

**TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA**

TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE  
 PORTUGAL  
 FRANÇA

**CONTACTOS:** e-mail: [t.s.carpinteiro@gmail.com](mailto:t.s.carpinteiro@gmail.com)

<b>FRANÇA</b>	<b>PORTUGAL</b>	<b>MORADA:</b>
Tlm: 06 08 07 18 61	Tlf: 251 418 046 Tlm: 967 559 270 Tlm: 914 827 484	Lugar da Igreja Roussas 4960 MELGAÇO

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

# As Cordilheiras do Cáucaso: ENTRE A EUROPA E A ÁSIA (II)

*Nesta viagem de reconhecimento de uma parte da enorme região do Cáucaso serpenteamos por estradas aos SS que seguem as curvas de nível das encostas ou longos vales entalados entre montanhas enormes e sem fim. Como é infundável esta cordilheira onde se instalaram ou abrigaram ao longo dos séculos muitos grupos humanos que mantiveram as suas diferenças.*

*Ao percorrer este território pelas vias principais existentes não conseguimos avistar e perceber a diversidade dessas diferentes comunidades que através dos séculos aí se protegeram e isolaram. As suas línguas e processos de adaptação ganharam muitas variantes, cuja surpreendente constatação foi realizada por viajantes que percorreram os seus meandros nesta zona imensa. Como já referimos previamente ficou tradicionalmente apelidada como a cordilheira das mil línguas.*

*A aparente homogeneidade que se viveu no tempo da URSS provocada pela uniformidade imposta por regime político rígido e uniforme, mascarou a consciência de todas estas diversidades que se reergueram em força quando o império soviético colapsou. Aí as identidades reencontraram-se, manifestaram-se e agitaram-se. Surgiram conflitos armados, zonas com independências não reconhecidas e alguns, em tréguas prolongadas, continuam por resolver, por exemplo, no território do Nagorno Karabakh, entre a Arménia e o Azerbaijão.*



Fig. 5. Nagorno- Karabakh- Alojamento numa casa que nos proporcionou um jantar de churrasco no quintal!



Fig. 1. Entrada no Nagorno Karabakh. A bandeira é idêntica à da Arménia mas com uma lista branca em escada.



Fig. 3. Plátano com mais de 2000 anos



Fig. 2. Ministério dos Negócios Estrangeiros num país que não existe!



Fig. 4. A longa varanda que acompanha toda a casa, muito acolhedora

## NAGORNO - KARABAKH Um país que não existe

Ao aproximarmo-nos da fronteira uma sensação estranha começou-se a instalar... Como será entrar num país que não existe?

A paisagem manteve-se caucasiana, sem surpresas, nós rolávamos entre cadeias de montanhas, em geral recobertas de florestas, e sem haver quase interrupção. A entrada foi simples, com o mínimo de formalismos, no nosso caso, pois vínhamos da Arménia: atravessámos a fronteira do Nagorno-Karabakh de forma pacífica para

encontrar a flutuar ao vento uma bandeira do país, quase igual à da Arménia, apenas com um traço branco em linha quebrada sobreposto, como se pode ver na foto (Fig. 1). Com uma língua oficial que continua a ser o arménio. Internacionalmente só a Arménia o reconheceu e, por isso, não existe no concerto das nações.

A nossa carrinha seguiu de modo pacífico a atravessar um país ordenado e calmo, até à capital-Stepanakert. Muito curiosa foi a nossa passagem pelo respectivo Ministério dos Negócios Estrangeiros – não é engano, é tal qual –

para deixar os passaportes e preencher minuciosa documentação que, quando fomos buscar, traziam um visto imponente que ocupou uma página inteira!

Irresistível fotografar a placa bem visível junto à porta de entrada do ministério (Fig. 2). Original e inesperado! A área deste país que não existe é de 11.000 km<sup>2</sup>, o dobro do Algarve.

Tudo muito bem cuidado, mais que pacífico. O alojamento foi numa grande casa particular, desafogada em espaço, com largas varandas corridas e cobertas (Fig. 3). E quintal. Uma anfitriã muito

gentil. Até houve churrasco ao ar livre e tudo com a colaboração do marido (Fig. 4).

Um dos locais visitados, Artsakh, tornou-se inesquecível. Lugar de visita e peregrinação obrigatória por ser uma floresta que inclui um plátano venerável, com mais de 2000 anos de idade e 54 m de altura (equivalente a um prédio de 15 andares) era considerada a árvore mais antiga da antiga União Soviética.. Impressionante o enorme tronco já oco onde cabem mais de 20 pessoas (Fig. 5). E extraordinária a sensação de olhar para cima quando estamos dentro do tronco. Uma árvore do tempo de Cristo!

Outra inesquecível experiência foi percorrer a pé as encostas de um vale estreito e profundo entre os cumes altíssimos do Cáucaso para alcançar cascatas em forma de guarda-chuva. Seguimos um longo, profundo e sombrio percurso entalado num fundíssimo vale, entre as impressionantes montanhas que retinham o sol lá nas alturas! Cruzávamo-nos, não com turistas, mas com muitos locais que em fim de semana iam e vinham das cascatas com material às costas para piqueniques e churrascos perto das quedas de água. Sentimo-nos integrados na dinâmica local que aprecia e absorve as belezas naturais que possui. Uma grandiosidade na vertical, onde o sol quase não tinha espaço para descer. A água que corria sempre lá em baixo aparecia no local mais concorrido a descer pela vertente da montanha com um curioso efeito de guarda-chuva.

## A caminho da Geórgia

O caminho para a Geórgia não podia passar no Afeganistão, por causa dos conflitos latentes que obrigam a manter fechada a fronteira com o Nagorno-Karabakh.

E assim seguimos para Norte, pela Arménia, mas por um novo

percurso, à beira do belo e enorme Lago Sevan, (Fig. 6), o maior de todos na Cordilheira do Cáucaso, com 940 km<sup>2</sup> e a 1990m de altitude, a altura da Serra da Estrela.

Era fim de semana, imensos arménios faziam piqueniques em família à beira do Lago. Paramos para apreciar. Éramos os únicos turistas. Só locais. Muito afáveis. Choveram convites para petiscar e curiosidades para perguntar. Marisco, peixe, carne, enfim... O peixe é na verdade delicioso (Fig. 7).

Um belo fim de tarde.

O texto já vai longo. Continuaremos no próximo texto a descobrir um pouco deste mundo do Cáucaso, onde as identidades que se moldaram isoladas entre as montanhas, e se continuam a querer afirmar na sua grande complexidade étnica, nacional, religiosa e lingüística.

M. J. Lobo  
Setembro 2016



Fig. 6. O enorme lago Sevan quase a 2000m de altitude.



Fig. 7. O delicioso peixe do Lago



# Apresentação do Livro "História de uma Vida" de Carlos Pereira de Lemos



**HISTÓRIA DE  
UMA VIDA**  
Carlos Pereira de Lemos

**LANÇAMENTO DO LIVRO**  
14 de Outubro | 18H00

Oradores: Presidente da Câmara Manoel Batista  
Pe. Carlos Nuno Vaz, Diretor do Jornal A Voz de Melgaço.

**SALÃO NOBRE DA CÂMARA MUNICIPAL**

CHIADO EDITORA  
www.chiadoeditora.com  
info@chiadoeditora.com

Depois do sucesso que foi o lançamento do livro em Espinho, Lisboa e Solar do Vinho do Porto, no Porto, haverá também apresentação da obra em Melgaço, com sessão marcada para o

dia 14 deste mês de Outubro, no Salão Nobre da Câmara Municipal, às 18 horas.

A apresentação será feita pelo Dr. Joaquim Rocha, P.º Carlos Nuno e o próprio autor.

É uma história de vida que honra e dignifica a gente da nossa terra, pelos feitos que é capaz de realizar. É um testemunho e um incentivo a nunca desistir de lutar pelos nobres ideais.

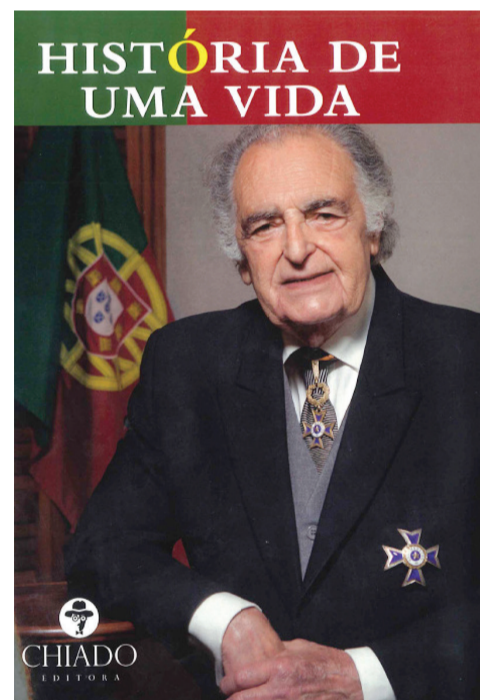


Foto da capa e foto do Dr. Carlos Lemos, esposa Doutora Molly e P.º Carlos Nuno em visita ao Bom Jesus

## Ferramentas de apoio do Quadro Comunitário com "valores irrisórios" para sectores chave da região **Renegociação só deverá acontecer em 2018**

**PDR** PROGRAMA DE  
**2020** DESENVOLVIMENTO  
RURAL 2014·2020

São cerca de três dezenas os projectos susceptíveis de candidatura às ferramentas de apoio da Comunidade Europeia, só no concelho de Melgaço.

No caso das candidaturas particulares, respeitantes aos empresários que querem fazer investimentos em alguns sectores chave do concelho, o Programa de Desenvolvimento Rural 2020 poderá não responder, nesta primeira fase, às necessidades dos candidatos.

O esmagamento das verbas para valores simbólicos nas linhas de financiamento em importantes sectores com o turismo rural, a produção/transformação ou a agricultura, poderão deixar fora muitas das intenções de negócio. No total universo dos instrumentos de apoio geridos pela ADRIMINHO, relativo a estes sectores, o montante somado não ultrapassa o meio milhão de euros.

No entanto, o autarca de Melgaço e presidente da Adriminho, Manoel Batista, diz que será possível renegociar algumas das atribuições do Quadro Comunitário mas não acontecerá antes de 2018.

"Estamos muito limitados. Este volume de candidaturas para as ferramentas de apoio geridas pela ADRIMINHO, uma de 200 mil euros e outra de 300 mil euros, é claramente reduzido, mas é com agrado que registamos este volume de candidaturas, o que dá prova de que as pessoas estão interessadas em investir no território, nas potencialidades e acreditam nele", ressalva.

"O futuro do nosso território passará muito por aquilo que ele tem para oferecer, embora seja importante a captação de outro investimento, das áreas empresarial ou industrial, mas é muito mais importante perceber que temos um capital fabuloso, são fileiras importantíssimas que poderão dar um contributo importante à nossa economia".

Sobre o Quadro vigente, o autarca replica o entendimento de quem acha que "a forma como foi 'cozinhado' este quadro é

quase uma ciência oculta" e mantém a esperança de que, nesta linha de apoios, assim como outros sectores entretanto fragilizados, haverá "renegociação do quadro a meio da sua vigência, adaptando-o às necessidades do país".

Para já, isto é, até 2018, não há margem para mais: "Estamos completamente esmagados, são valores irrisórios em relação ao Quadro anterior. Esperemos que as coisas mudem", conclui o autarca.

João Martinho

## MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437  
rui.malheiro.seguros@gmail.com

Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437  
malheiro.seguros@gmail.com

AGENTE PRINCIPAL



AGENTE PRINCIPAL




**Encontro de  
Tocadores de Concertina**  
*Casa do Vinho em Lisboa*

**9 de Outubro de 2016 – 15h**  
**Auditório Orlando Ribeiro –  
Telheiras**

Com o Apoio de toda a imprensa Minhoto

Folclore FOLCLORE POPULAR INATEL CORREIO

# Viagem à Noruega

## 28 de Junho a 05 de Julho

Oslo, Bergen, Tromso,  
Alta, Hammerfest,  
Honningsvag, Cabo Norte

1



### OSLO – PARQUE VIGELAND E MUSEU DOS BARCOS VIKINGS

A Noruega, associada ao gelo, ao frio, ao povo identificado com a natureza do rigor do seu clima, nunca fora para mim um encontro desejado, viagem de sonho maior. De facto não substanciava argumentos para tal saída, mas a oportunidade de vivenciar o sol da meia-noite no Cabo Norte, ali mesmo, onde acaba a Europa Setentrional, pesou na decisão.

Na madrugada do dia vinte e oito de Junho, começou a viagem em Braga de autocarro até ao Porto. Daqui partimos de avião até Lisboa, e às 08.20h, prosseguimos, num voo da TAP, até Oslo, capital da Noruega. Chegámos às 13. 20, horas locais (mais uma hora que em Portugal).

A refeição a bordo de tão ligeira exigiu paragem numa estação de serviço, entre o aeroporto e o centro da Cidade. Foram aproximadamente trinta quilómetros a rolar sobre auto-estrada, viadutos, a acarinhar vegetação com os olhos, que escondia, inclinados e escuros, os telhados dos edifícios.

Chegávamos entretanto ao Parque Vigeland. A temperatura estava agradável e havia sol. Era Verão! A guia local, anfitriã de Oslo, falava Português bem como a guia brasileira, que nos acompanhou durante toda a viagem.

Iniciámos então a visita ao Parque Vigeland, com o nome do escultor, norueguês, Gustav Vigeland, o qual viveu de 1869 a 1943. Trabalhou com vários mestres em Copenhaga, Paris e Itália, mas o seu principal inspirador foi o escultor francês Auguste Rodin. Instalado no centro do Parque Frogner, onde pessoas fruem do seu vasto espaço verde, do rio, da sombra das árvores frondosas, alinhadas, o Parque Vigeland é sua peça integrante e fundamental. “Museu” ao ar livre, estruturado para expor as 212 estátuas de granito, de bronze e de ferro forjado, em tamanho natural que o escultor, ao longo de vinte anos, concebeu assim como o desenho do Parque, da sua arquitectura: jardins, pontes, fontes e seus recantos. As estatísticas indicam-no como uma das maiores atracções turísticas da Noruega, salientando a sua peça de bronze

mais famosa *Sinnataggen*, criança numa atitude de mau humor.

Ao entrar, estendendo o olhar em frente, vislumbra-se a dimensão do Parque, que vai crescendo em comprimento, até ao lindíssimo Obelisco ou Monólito com catorze metros de altura, a coroar a parte superior e luminosa do Parque. Nele estão esculpidas 121 pessoas, contorcidas, que, desesperadamente, procuram chegar ao topo, numa luta frenética, querendo atingir o transcendente ou lutando pela existência. Caminhando, são muitas as estátuas humanas, que nos acolhem em diversas posturas, ora curvadas, ora de pé, outras lutando contra dragões... Prosseguindo, surge a Fonte que homens pujantes sustentam; depois a ponte sobre o rio numa profusão de esculturas; por fim a Roda da Vida, lindíssimo trabalho, a simbolizar o ciclo da existência humana.

A realização artística do Parque retrata o ser humano nas três fases da vida (criança, adulto e velhice), que Vigeland sabiamente explorou, em todas elas, o limite das suas emoções e actividades, manifestado no cinismo da fâcias, dos gestos e das poses.

Sempre de visita em visita, caminhámos para o Museu dos Barcos Vikings. Carregados de mistério por via da cor escura, do aspecto lustroso, os três barcos de madeira de carvalho ali expostos - Oseberg, Gokstad e Tune -, construídos no século IX, encantam não só pelo que representam para os Noruegueses, causa identitária, mas também pelas histórias associadas aos Vikings dos livros de aventuras. O estado de conservação dos dois primeiros supera os melhores do mundo, mas não se pode dizer o mesmo do terceiro, Tune, reduzido a alguns fragmentos. Os Barcos Vikings são o resultado de escavações realizadas algures no fiorde de Oslo, nos fins do século XIX e início do século XX.

Interessa salientar a importância destes Barcos na morte da nobreza daquele tempo, porque os usaram como tumbas, na expectativa de assegurarem o futuro além morte. Levaram alimentos, jóias, servos, carruagens com intrincadas esculturas, trenós, uma série de utensílios, alguns dos quais se vêem nos expositores, excepto as jóias, resultado dos saques; ao lado dos barcos

estão também os esqueletos encontrados.

O dragão, dominador, da proa do Oseberg, manifesta-se nos 22m de extensão do Barco, onde não faltam serpentes, aterradoras, esculpadas no casco! Fora construído à volta de 843 e talvez tivesse sido um barco real. Os artefactos, sob a sua câmara funerária, revelaram a maior colecção da era dos Vikings da Escandinávia.

O Barco mais resistente e mais longo é o Gokstad, cuja construção remonta a 890, e mede 24m de comprimento. Sendo o melhor exemplo de conservação de Barcos Vikings, a sua câmara funerária foi objecto de saque, pelo que são poucos os artefactos expostos.

Durante horas testemunhámos dois símbolos noruegueses: Vigeland a potencialidade de um criador na escultura; e os Barcos Vikings, herança do passado, a enriquecerem o espírito de todos. Entrámos no autocarro em direcção ao hotel, olhando o centro da Cidade, particularmente o Castelo Real, os Edifícios do Parlamento e da Câmara Municipal.

Texto: M. Nadalete da Costa Lopes  
Fotografias: Eduarda Braga

# Histórias de Emigrantes

## O AGOSTINHO | CAPÍTULO I

Jacinto, conceituado mestre de obras desposou a Adélia, uma jeitosa cachopa, com quem teve seis filhos: Manuel, Arminda, Albertino, Alice, Agostinho e Cidália. Manter dignamente a família naquele tempo e naquele lugar, era bastante difícil. Era 1947 em Portugal eram nenhuma as perspectivas, ainda resultado da guerra mundial que obrigara a muitos sacrifícios, então a solução seria emigrar deixando o seu Cinfães com destino ao Brasil. Naquele mesmo ano chegou ao Rio de Janeiro e logo conseguiu trabalho. Como era exímio profissional e dedicando-se com afinco às obras que empreitava, conseguiu amealhar o suficiente para trazer toda a família. Não lhe passava pela cabeça apenas trazer a esposa e os filhos mais velhos, tinha de vir a família completa, mesmo porque não aguentava de tanta saudade.

Em 1959 chegaram os sete membros da família Santos. O mais novo dos homens com apenas 14 anos era o Agostinho que muito queria a seu pai. Ninguém ficou parado, todos arrumaram trabalho, a dona Adélia, então, quase não saía de casa pois era quem mais trabalhava. Não era

fácil cuidar dos filhos e do marido.

O Agostinho num arroubo de querer ser homem como os irmãos, quis trabalhar com o pai. Este não concordou, tinha de estudar mais um pouco pois apenas fizera o fundamental na sua terra. Frequentou uma escola na rua Uruguiana. A casa onde o Sr. Jacinto recebeu a família era muito pequena e logo alugou uma maior na rua Barão de São Félix. O Agostinho após algum tempo aprimorando os estudos resolveu trabalhar pois achava que tinha obrigação de ajudar a manter a casa. Empregou-se num armazém com a função de entregar as mercadorias na casa dos fregueses. Naquele tempo as compras eram entregues a domicílio por vezes bem distantes e com mercadorias pesadas. Aos domingos, após ajudar a arrumar o Armazém, à tarde o Agostinho tinha folga. Um primo da mesma idade convidou-o a irem à Casa do Minho na rua Conselheiro Josino, na Cruz Vermelha, a uma festa onde se exibia o Rancho Folclórico Maria da Fonte que era muito comentado na comunidade portuguesa pelo ineditismo nas associações. Lá foram. Viram o Rancho bailar e ficaram

empolgados pelos bailados e pelos trajes garridos de Viana do Castelo. Decidido a melhorar a situação largou o emprego no armazém e foi trabalhar com o pai. Os contratos para obras era muitos, os profissionais portugueses eram muito requisitados pela sua eficiência. Com o fins de semana livres ele e o primo engajaram-se no Rancho da Casa do Minho e de tal modo se sobressaiu que em pouco tempo passou a ensaiador. No trabalho com seu pai tornou-se eficiente mestre de obras em pouco tempo. No fulgor da mocidade, bem apessoado tornou-se atraente entre os muitos colegas com que ia para as farras. Na Casa do Minho o Alberto Camilo, exímio acordeonista e professor organizou um grupo de aprendizado de acordeão. O Agostinho, jovem habilidoso e metido a fazer ou participar de tudo, inscreveu-se no curso. E não é que levou jeito? No mesmo curso também já arranhando as teclas, uma garota bonita e muito jeitosa despertou tremenda atração no Agostinho. Era a Rosinha, patricinha desenvolta e boa de conversa.

CONTINUA

Manuel Félix Igrejas

# A Obsessão do Défice

Um comentador que não sabia ler as entrelinhas de Marcelo, os monólogos da Catarina, os segredos de Jerónimo, as preces da Cristas e qualquer fanfarronice de Coelho, não merece crédito. Nós compreendemos a aflição de Coelho pelo não crescimento do consumo interno. Fazia parte do programa do PS um grande aumento do consumo, pondo dinheiro nos bolsos dos portugueses e eles continuavam de bolsos vazios e a consumirem de cada vez menos. Coelho está muito preocupado por dois motivos. O primeiro por o PS não estar a cumprir o programa. O segundo por os portugueses não terem dinheiro. Entendemos a alegria de Costa por o défice ficar abaixo dos 2,5 por cento, mesmo que o país não cresça. Afinal, havia no PSD/CDS a obsessão do défice e é sempre bom cumprir os sonhos do governo anterior para mostrar que o PS consegue fazer o que Coelho não conseguiu. Além de que cumpre uma meta importante para a União Europeia. Assim, Costa inverteu os papéis, ao cumprir a obsessão do défice, mas esse objectivo tão magnífico foi à custa dos impostos, pagos pela



classe média. No entanto, Portugal não pode ser um país a fazer num dia uma coisa e no outro outra diferente. Deve ter uma política coerente. Pensamos que essa política foi encontrada. Trata-se de gastar dinheiro do Estado, colocando-o na banca e compensando essa despesa com aumento de impostos. Costa está a conseguir levar a bom porto o défice, com o apoio da esquerda. Finalmente, o PS realiza o programa do PSD/CDS, de Schauble e de Merkel. Ficamos na penúria, mas o défice fica baixo. Não tem razão Coelho com as suas preocupações e em vez de atacar o PS e toda a esquerda devia elogiá-los por cobrarem mais impostos de modo o défice não derrapar e ainda por recuperarem empresas como a TAP, que ele tinha vendido por 10 reis

de mel coado. Vendeu, desenfreadamente, ao desbarato quase todo o país ao estrangeiro: os CTT, a PT, a EDP, a REN, a ANA, a Caixa Seguros, o Meo Arena, etc. Triste memória desse governo PSD/CDS.

PS: O endividamento do Estado, das empresas e das famílias equivale a 392 por cento do Produto Interno Bruto. São 703 mil milhões de euros. Tudo começou com o mau exemplo do Estado. O "monstro insaciável" da despesa pública levou ao endividamento do próprio Estado. As despesas com pessoal e as prestações sociais são as com maior peso. Desde 1999 têm sido superiores a 66 por cento. Leia o livro "Crise e Castigo" a chegar às livrarias o dia 18. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Setembro 2016  
Abílio Francisco Conde

# PASSATEMPO

## PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

**Horizontais:** 1. Ave de rapina, tomada; 2. Acolá, cólera; 3. Alto aí, Quadra da proa, preposição; 4. Interjeição, governanta, elo; 5. Visceira dupla, que não está estragado, chefe etíope; 7. Estar, intensidão, sorrir; 8. Conjunção, interjeição, medida agrária; 9. Ruim, fio de latão, Antes de Cristo; 10. Buraco, medida agrária; 11. Afeição profunda, rasteiro.

**Verticais:** 1. Agente, adição; 2. Acolá, época; 3. Aqui, fruto silvestre, pedra moinho (inv.); 4. Painel, ferro combinado; 5. Fendas, habitar; 6. Primeira, fileira; 7. Aprendiz, mover os remos; 8. Conjunção, época; 9. Ruim, mentira, estás; 10. Época, furor; 11. Profeta, porco.

## SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra em todas as direções a expressão: "Enquanto fores feliz terás muitos amigos"

S	D	F	G	S	E	R	O	F	D
A	S	R	Z	A	N	Q	A	E	C
M	E	S	X	S	Q	W	S	M	V
I	R	A	C	D	U	E	D	U	T
G	U	R	V	F	A	R	F	I	Y
O	Y	E	B	G	N	T	G	T	U
S	C	T	N	H	T	Y	H	O	I
S	V	E	M	J	O	U	C	S	O
D	B	D	J	K	Z	I	V	E	P
X	N	F	E	L	I	Z	B	D	Z

## PROBLEMA

No tracejado indicar nomes de Cidades Portuguesas

C \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ I \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ D \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ A \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ D \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ E \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ S \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ D \_ \_  
 \_ \_ \_ E \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ P \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ O \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ R \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ T \_ \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ U \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ G \_ \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ A \_ \_ \_ \_  
 \_ \_ \_ L \_ \_ \_ \_

## CHARADAS

### Combinadas

- \_\_\_ + DA = Banquete
- \_\_\_ + MO = Lôdo
- \_\_\_ + GA = Trave
- \_\_\_ + MO = Patrão

Conceito: Pais da América do Sul

- \_\_\_ + LO = Dureza
- \_\_\_ + CA = Peça de Madeira
- \_\_\_ + RA = Ramada
- \_\_\_ + CA = Troféu

Conceito: Cachoeira

### Saltitantes

- 12345 = Cidade Portuguesa
- 32514 = Defunta
- 15432 = Doença
- 34512 = Nome próprio

### Quadrado


= Buscar  
 = Cidade Portuguesa  
 = Cidade Portuguesa  
 = Ave de rapina  
 = Pouco vulgares

Colaboração: Alcídio da Silva Figueiredo

**PROBLEMA**  
 Carminha - Oeiras - Fundão - Lamego - Anadia - Faro - Guarda - Matosinhos - Albufeira  
 Almada - Fafe - Espinho - Freamunde - Espoende  
 Felgueiras - Chaves - Olhão

**Quadrado**  
 Catar - Amora - Tomar - Arara - Tomar - Raras  
 Saltitantes: Tomar - Marto - Morta - Tramo

**CHARADAS Combinadas:** CA+TA+RA+TA = CATARATA B+O+LI+VI+A = BOLÍVIA

Z	D	B	Z	F	E	L	I	Z	X
D	B	D	J	K	Z	I	V	E	P
O	S	O	U	C	S	O	V	E	S
O	H	O	H	T	H	N	T	C	S
U	T	G	T	G	N	G	B	E	O
Y	F	I	F	V	A	R	V	G	U
T	U	D	U	E	D	U	C	D	I
V	M	S	W	S	O	S	X	S	E
C	A	E	C	A	N	A	Z	A	A
D	F	O	F	S	E	G	S	E	R

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

S O L U C I O E S

# Diferenciação do Alvarinho da sub-região em estudo de mestrado

## "Houve telefonemas para a minha entidade patronal a pedir o meu despedimento"

"Locais de produção como critério de diferenciação da casta Alvarinho: Um estudo exploratório" foi o título da dissertação de mestrado de Márcio Teixeira Ferreira, que tem o Alvarinho e a sua ligação ao território da sub-região de Monção e Melgaço como preocupação.

O jovem de 25 anos, natural de Monção, apresentou a tese na Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a propósito do mestrado em Marketing, que lhe valeu 18 valores, no final do mês de Setembro.

Em entrevista a este jornal sobre as conclusões deste estudo, que se apoia em cerca de 800 inquéritos realizados a nível nacional para aquilatar da percepção que a população portuguesa – essencialmente mais jovem, no universo deste estudo – tem da região de origem dos vinhos Alvarinho.

Confessa-se "uma pessoa ligada à terra" e o seu gosto por Monção – que diz ter sido tema frequente dos seus trabalhos académicos e nas conversas com colegas – no entanto, garante que a defesa de uma das mais valias do seu território já lhe valeu alguns dissabores, nomeadamente a quase perda do emprego que tinha à altura, por ter participado numa manifestação realizada no Porto, onde se juntaram vozes discordantes do alargamento da Denominação de Origem Alvarinho a toda a região dos Vinhos Verdes. "Particpei porque não gostei dos moldes, mas houve telefonemas para a minha entidade patronal a pedir o meu despedimento".

Ainda assim, embora hoje já noutro trabalho, a ameaça não ditou o despedimento nem o abandono da causa e a análise agora exposta é uma ideia amadurecida iniciada há mais de dois anos.

Os números base para o exercício exploratório são fruto de cerca de oitocentos inquéritos online, lançados em várias plataformas a nível nacional e divulgado em universidades, escolas superiores e redes sociais, resultando numa análise que o autor considera terem uma margem de erro de apenas 3,5 por cento. As

conclusões indicam que mais de 70 por cento da população associa a origem do Alvarinho a Monção e Melgaço, terroir considerado ideal para as potencialidades da casta, seguido de Amarante e a região do Cávado e Ave em terceiro lugar, embora esta última "com valores residuais".

## "A APA toda a gente sabe que existe e o que é, mas ninguém sabe o que faz"

Considerando ser essencial comunicar o território, Márcio Ferreira tece críticas a algumas associações e organismos criados para defender a honra e valor do alvarinho enquanto motor da região, "mas ninguém sabe o que fazem".

"O que temos de fazer é associar o território à casta e dizer que Monção e Melgaço é a terra do Alvarinho. Tem de haver um projecto de comunicação a sério. Mas se falamos na APA [Associação de Produtores de Alvarinho] toda a gente sabe que existe e o que é, mas ninguém sabe o que ela faz... Temos trinta e oito produtores de Alvarinho de marca registada, muitos mais a trabalhar, mas qual é o apoio e a consonância entre eles? Nenhuma".

Alvo de crítica, por inoperância na promoção do território, são também a A Entidade Regional de Turismo do Porto e Norte de Portugal, porque "só promove o Douro como terra de vindima e não promove Monção e Melgaço", a Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes (CVRVV) ou mesmo a Real Confraria do Vinho Alvarinho (RCVA) que Márcio Ferreira considera ter o dever de fazer mais do que "vestir o traje na Festa do Alvarinho de Melgaço e na Feira do Alvarinho de Monção".

"Porque é que o presidente da CVRVV veio cá na altura da Feira do Alvarinho (Monção) e foi-se logo embora, não quis saber mais da região? Onde está a estratégia trabalhada com os municípios e os produtores para aplicar os três milhões de euros?", questiona, preocupado com o tempo dado para a transição e aplicação da estratégia da sub-região.

"2021 (ano em que se aplicará a Portaria que determina o alargamento da DO a toda a região dos Vinhos Verdes) é já ali, e os três milhões

são para quem? Ninguém sabe. Esta negociação do alargamento tem por trás questões políticas e questões pessoais, ambição de pessoas. Nunca ninguém chegou a saber concretamente o que é que a União Europeia pedia ou o que estava em causa na negociação. Possivelmente os que negociaram e aceitaram acordo agora estão arrependidos".

Ainda sobre a associação do alvarinho de excelência ao território, Márcio Ferreira diz que há um trabalho que precisa de ser intensificado, mas considera insuficiente, quer em tempo, quer em financiamento. "Hoje não dizemos que a alheira é do Porto, a Francesinha é do Algarve ou a tripa é de Trás-os-Montes, e este é o tipo de trabalho que temos de fazer com o Alvarinho. E precisamos de tempo. Não podemos esperar conseguir, em seis anos, transmitir a mensagem eficaz de que Monção e Melgaço é a terra do Alvarinho. Ou há um investimento de milhões que envolva os municípios, os produtores e a CVRVV, ou isto vai por água abaixo".

## "O Alvarinho é a mesma coisa que a Educação. Ninguém protege os pequenos"

O estudante monçanense diz acreditar que o alargamento da denominação de origem, mais do que um propósito que serve grandes empresas, é também uma questão política e que o actual cenário político e contexto, poderá ser favorável à sub-região. "Na emissão dos dez anos do Porto Canal, que fez uma emissão a partir de Melgaço, fiquei confuso com a declarações do Presidente da CVRVV [Manuel Pinheiro], até parecia que era o advogado de defesa do Alvarinho da sub-região. Começa a confundir-me um bocadinho. Agora mudou. Entretanto o Governo mudou e há autárquicas à porta. Agora, tirem conclusões...", atira.

Sobre a "máquina" eficiente de outras marcas e empresas interessadas nos vinhos desta casta nobre da região dos Vinhos Verdes, o estudante de Marketing assegura que é fácil a qualquer dos interessados em "dar cartas" aos intentos da sub-região.

Temos grandes distribuidores interessados no assunto e são em-



presas que facturam milhões, se não tivermos uma resposta eficaz, se não tivermos uma associação (de produtores) a trabalhar como deve ser, se não tivermos uma confraria a trabalhar, em vez de vestir só a vestimenta na Festa do Alvarinho de Melgaço e na Feira do Alvarinho de Monção, teremos sérios problemas. Não basta apenas irmos a Lisboa dizer que temos o Alvarinho, temos de trazer cá as pessoas e mostrar-lhes o território", observa.

"Há pouco estive em viagem e, num hipermercado, vi uma garrafa que tinha Alvarinho escrito no rótulo. Se eu não conhecesse a zona de origem do Alvarinho, ficaria confuso. A Aveleda conseguiu em menos tempo impor a marca porque a sub-região não tem estratégia, os produtores trabalham cada um por si, não temos ninguém que os agregue para fazer força. Por outro lado a Aveleda quer aproveitar os dividendos da massificação. Tem a máquina da comunicação montada, e só comunicar".

Sobre a gestão dos conflitos na região, originados por uma negociação que não traduziu resultados consensuais na sub-região, Márcio Ferreira faz uma comparação com um exemplo não isento de polémicas no seu concelho: "No Alvarinho acontece a mesma coisa que na Educação. Na Educação, quem acaba por sofrer são as crianças, neste caso, quem sofre são os produtores. Os pequenos ninguém os protege", reforça.

"Se há uma associação que supostamente representa os produtores, um presidente que representa essa associação e a negociação não é do acordo deles, que são uma das

partes interessadas, a associação tem de mudar de presidente. Temos que chegar a alguém que seja consensual e na própria direcção englobar pessoas de ambos os municípios, grandes e pequenos produtores de ambos os concelhos", considera.

Relativamente a uma estratégia para promover o alvarinho na sua origem, o estudante diz ser imperial abrir e promover a região a visitas e ao produto nas suas diferentes vertentes, desde "abrir visitas do enoturismo, dar provas, agregar o fumeiro, os folhados de Alvarinho, as natas de Alvarinho, os biscoitos, tudo o que seja ligado ao Alvarinho".

Não minorando algum do esforço da entidade Porto e Norte enquanto entidade promotora do turismo na região, Márcio Ferreira confessa que, no tempo da extinta entidade promotora do turismo do distrito, a Região de Turismo do Alto Minho (RTAM), "havia proximidade e talvez mais ligação aos municípios. Não estou contra a criação destas lojas [interactivas] e mupis, agora não podemos é numa coisa descentralizar e noutras centralizar".

Disponibilizando-se para discutir as conclusões deste trabalho junto das entidades que manifestem interesse em conhecer mais sobre esta pesquisa e conclusões, ainda que com dados reservados, a serem trabalhados em abordagens futuras, Márcio Ferreira acredita ser possível reverter cenários que possam desvalorizar o produto motor da economia da sub-região "se as pessoas estiverem nos lugares correctos e preocupadas com o que possa acontecer".

João Martinho

## VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, zona da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

**89.500 euros**

Tlm 939 449 182

## SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TUDO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

## MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

AUTOMATISMOS PARA PORTÕES

PORTAS SECCIONADAS

VIDEOS PORTEIROS

AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

# Padre Júlio Vaz

## Compêndio de vida agraciada por Deus

*Em 21 de Outubro deste ano 2016 ocorre o centésimo aniversário de nascimento do padre Júlio Hilarião Vaz, falecido em 17 de Janeiro de 2009.*

Originário da freguesia de Fiães, do concelho de Melgaço, filho de Júlio Vaz e Angelina Alves Salgado, era sobrinho de dois sacerdotes por parte do pai, os padres Matias e João Vaz. Teve dois irmãos sacerdotes, o padre Carlos Vaz, falecido em 1 de Junho de 1972, e o cónego António Luís Vaz, falecido em 2 de Agosto de 2008. Era ainda irmão de João Baptista Vaz, falecido em 24 de Janeiro de 1990, pai dos padres Carlos Nuno e Júlio Vaz, e da d.ra Maria do Rosário Vaz, dr. António Luís Vaz e o eng. Manuel Luís Vergara Vaz.

foi ordenado sacerdote, pois já em 8 de Outubro de 1939 aparece um artigo assinado por ele. Um ano depois figurará o seu nome como 'Administrador', embora se veja que é ele quem dirige e orienta o semanário. Foi um dos fundadores e director do jornal «A Voz de Melgaço» desde Junho de 1946 até 2006. Colaborou com o jornal «Novidades» durante vários anos. O mesmo aconteceu com o «Jornal de Notícias», com uma rubrica de 'Actualidade Religiosa'. Foi o principal obreiro da Revista «Presença e Diálogo», fundada em 1970 e publicada até 1983. Colaborou activamente com o semanário «O Cávado» desde 1972 a 1994. Foi capelão da comunidade de religiosas «Servas de Jesus» durante 54 anos e sempre de maneira gratuita. Foi dirigente da Acção Católica de Braga e da Juventude Agrária Católica para a qual, aliás, escreveu o seu primeiro livro: «O Caminho do Apostolado», em 1949. Escreveu ainda, em colaboração com o Engenheiro

Papa Paulo VI. No ano seguinte, em 1969, «A Última Lição». Em 1970: «Associações Mutualistas do Clero»; em 1975: «Bernardo Chousal»; em 1993: «Na Terra de Inês Negra». Editou ainda textos que um colaborador de «A Voz de Melgaço», Aldomar Rodrigues, que se denominava de «Mário», escreveu sobre personagens importantes da terra, casas senhoriais, capelas, igrejas e outros monumentos. Intitulou-o «Padre Júlio apresenta Mário».

pelos seus escritos, nos irá falar.

Na sua biblioteca encontrei, já encardidos, alguns volumes da revista «Lumen», sendo o mais antigo de 1942, e que traz uma colaboração do padre Júlio, que contava apenas três anos de sacerdote. O facto de ter bem guardados esses volumes da revista, mostra como tinham significado para ele. São transcritos no livro que vai sair ainda este ano, porque nos ajudam a fixar o retrato da alma que o habitava e das inque-



Padre João Vaz

Tio e padrinho e também professor primário do P.º Júlio. Faleceu em 30 de Janeiro de 1939, estando o P.º Júlio no último ano de seminário



Os pais, o P.º João e os quatro irmãos. No primeiro plano, P.º Carlos e P.º António. Ao lado do P.º João, o sobrinho João Baptista e o futuro P.º Júlio (à sua esquerda)

colaboradores, sobretudo por causa da publicação dos livros «Actualização», «Última Lição» e «Associações Mutualistas do Clero». No mencionado livro: «Padre Júlio Vaz – compêndio de vida agraciada por Deus» transcreveremos o essencial do que ele mesmo escreveu sobre esses diferendos. Para memória futura, para ajuda à descoberta da verdade e para que melhor se descubra a riqueza da sua alma, pois em tais controvérsias nunca perdeu a clarividência dos argumentos e a procura de uma obediência esclarecida, unida pelo perfume do perdão que lhe brotava do mais fundo do seu coração humano e sacerdotal. Afinal, hoje, não haveria qualquer conflito, tal a liberdade de que felizmente, gozam os cristãos e os sacerdotes em relação à opinião que manifestem. Mas poucos lutaram como ele na diocese de Braga para que esse dom de Deus, que é a liberdade responsável de tomar posição e ter opinião, não fosse cerceado aos seus filhos. Quando falta o pão da liberdade, falta o essencial da dignidade humana e da condição de filhos de Deus. É a esta luz que devem ser lidos os textos que se referem às tomadas de posição em relação à censura prévia dos livros e também à imposição de tirar do cabeçalho do jornal «A Voz de Melgaço» o subtítulo de 'Quinzenário católico e regionalista'.

O padre Júlio adoptou como lema: «sempre mais e melhor». Damos-lhe uma versão mais adequada ao que a sua vida manifestou: «Servir por amor, sempre mais e melhor».

É esta paixão de servir por amor, sem desfalecimentos, buscando sempre mais e melhor, que aqui deixamos como singela homenagem no centenário do seu nascimento.

O Dr. José Rodrigues Lima e o Dr. Manuel Domingos C. Silva, seus antigos alunos, descrevem bem algumas outras das facetas do padre Júlio.

Carlos Nuno

Foi muito requisitado como pregador, percorrendo toda a então diocese de Braga e algumas paróquias de outras dioceses, incluindo a de Évora. Dirigiu retiros e recolções do clero, sobretudo ao de Vila Nova de Cerveira.

Como seu sobrinho, tive a feliz sorte de com ele conviver diariamente, desde a minha vinda de Roma, em Junho de 1971, até ao dia da sua morte, na madrugada de Sábado, 17 de Janeiro de 2009. Foi uma carícia de Deus tê-lo acompanhado na véspera, ao pequeno almoço, almoço e jantar; tê-lo acompanhado na recitação do terço que ele dinamizou pouco antes do jantar; tê-lo ajudado a deitar pelas 22 horas; ter por ele sido chamado por 4 vezes durante a madrugada para, por fim, de maneira enternecida, me adormecer docemente nos braços pelas 5 horas da madrugada, e passar para a morada da Luz e da Paz em Deus e com Deus para todo o sempre.

38 anos de convivência diária permitem-me falar sobre ele com conhecimento de causa e sem paixão, passados mais de 7 anos sobre o seu falecimento.

Meu irmão, Padre Júlio Vaz, sobrinho e afilhado, corrobora tudo quanto aqui se escreve, sobretudo porque será o tio quem,

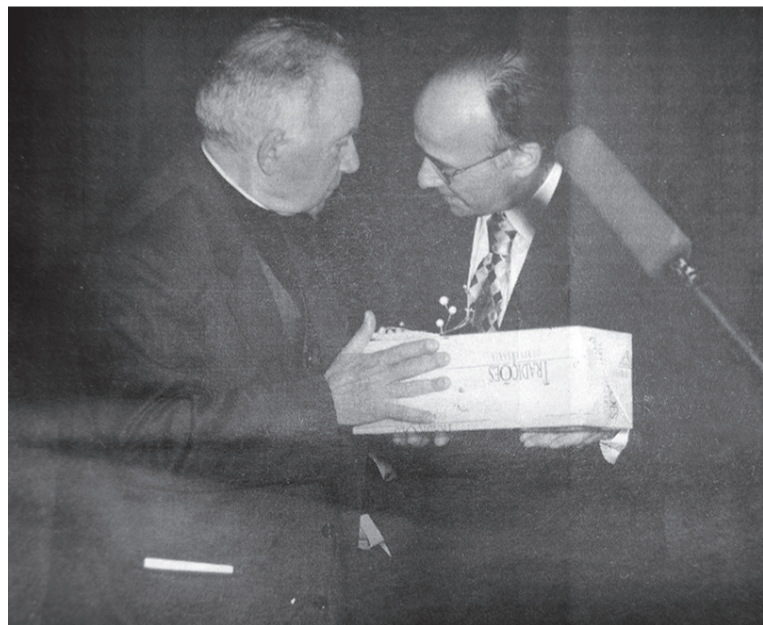
tações que mais o questionavam e o acompanharam durante toda a vida.

O primeiro livro «O Caminho do Apostolado» mostra bem o que ele era e o que sempre foi. Ajuda a compreender o seu carácter de homem inteiro e de sacerdote esclarecido, humilde e servidor, como sempre foi seu apanágio. Transcreveremos várias passagens que ilustram bem a sua alma de apóstolo e explicam a plêiade de leigos cristãos que soube cativar para a causa de Deus e dos homens.

Em Maio de 1974, no livro «O Compromisso Temporal Liberta o Cristão – A Teologia do Mundo de Marie Dominique Chenu», – súmula da tese de doutoramento em Teologia Dogmática apresentada e defendida em Junho de 1971 na Universidade Gregoriana de Roma –, escrevi-lhe esta dedicatória: «Ao Tio Júlio, em homenagem à nobreza de carácter, respeito pela pessoa, ajuda desinteressada, fulgurância de inteligência, serenidade e justiça das decisões, empenho de renovação eclesial e modelo de luta libertadora num sacerdócio do Vaticano II, com toda a amizade, agradecimento e estima do sobrinho Carlos Nuno».

Teve de enfrentar as incompreensões do arcebispo Dom Francisco e de alguns dos seus

Armando António Correia, o livro: «À Luz das Encíclicas – Ordem e Bem Estar», em 1963. O livro que mais o entusiasmou e lhe causou grandes problemas por falta de compreensão do arcebispo de então foi «Actualização», de 1965, em que se debruça sobre os seminários e as reformas que o ensino e formação dos alunos exigia. Era a reflexão de quem leccionava há 25 anos e via que muitas das suas inquietações tinham sido corroboradas pelo Vaticano II que estava a entrar na sua última sessão. Três anos depois, em 1968, publicou «À Margem da 'Humanae Vitae'» sobre a controvertida encíclica do



Na homenagem pública de 1995

Ordenado sacerdote em 23 Setembro de 1939, celebrou Missa Nova no dia seguinte, dia 24, na Igreja Matriz de Melgaço, sem qualquer aparato festivo exterior, pois estava marcado pelo luto, dado o falecimento de seu querido tio e padrinho, padre João Vaz, em 30 de Janeiro desse mesmo ano.

Foi redactor e chefe de redacção do jornal «Diário do Minho» durante mais de 30 anos, e professor do Seminário de Nossa Senhora da Conceição até 1966, durante 26 anos. Dirigiu durante 25 anos o quinzenário «A Cruzada», mas começou a colaborar efectivamente nela desde que

# P.º Júlio Hilarião Vaz

## Vida e pensamento para o nosso tempo

Homem duma personalidade impar e bem vincada, de temperamento dócil e afável, mas simultaneamente de "antes quebrar que torcer" bem o sintetizou Fernando Pessoa in 'Mensagem' de forma lapidar

*"... fiel à palavra dada e à ideia tida,*

*Claro no pensar e claro no sentir*

*E claro no querer*

*Indiferente ao que há em conseguir*

*Que seja só obter"*

Costuma dizer-se que "as Instituições são realidades abstratas que se reveem nas pessoas que as servem

Fui como muitos, "inter pares", aluno de História do P.º Júlio no meu já longínquo quarto ano de Humanidades, no Seminário de Nossa Senhora da Conceição. Recuso-me convictamente a falar dele em termos de passado, porque na realidade, para nós ele está vivo e bem vivo, seja no seu acervo bibliográfico, seja no seu pensamento e vida de padre por opção, pensamento pastoral e estratégico, visão e vivências. A ele se aplica com extraordinária propriedade o provérbio japonês: "visão sem ação, não é mais que fantasia; ação sem visão é apenas um pesadelo". Enquanto historiador sempre nos ensinou ao definir a História como "narração ordenada dos acontecimentos do passado que tiveram influência no desenvolvimento da civilização.

Para logo complementar a definição com uma outra pergunta:

– "E o que é a civilização?"

– *A civilização é o maior ou menor grau de cultura de um povo."*

Enquanto historiador, dizia, era dum rigor total na análise dos fatos e respetivas consequências dos atos que não nos restavam quaisquer dúvidas na abordagem que fazia dos acontecimentos do passado e a sua correlação com as realidades do presente.

Enquanto padre é-lhe reconhecida a sua preocupação e visão da intervenção pastoral da Igreja e seus ministros ao serviço do povo de Deus.

De fato estamos em presença duma personalidade impar, duma cultura abrangente e sistematizada, duma vida de doação vocacional digna de oportuno e aprofundado estudo.

Sábio, sendo simples e despedido de preconceitos; puro e trans-

parente. Agia sempre com elevado pragmatismo, aprendendo também e sempre com os seus próprios erros e os dos demais.

A sua vida é um manancial de lições de simplicidade para o futuro que se adivinha.

Da sua vasta e atualizada obra literária elegi e enquanto seu antigo aluno e membro da Associação dos Antigos Alunos dos Seminários de Braga o seu livro "ACTUALIZAÇÃO" publicado em 1965, a propósito e como contributo e agradecimento pelas "bodas de prata enquanto professor do Seminário Menor".

Estamos em plena época pós-conciliar do Vaticano II.

A oportunidade, significado e necessidade duma reflexão e orientações como o livro em apreço compaginam são por demais claras e evidentes.

Algumas das qualidades presentes e desenvolvidas pelo P.º Júlio Vaz são:

*"... fiel à palavra dada e à ideia tida,*

*Claro no pensar e claro no sentir*

*E claro no querer*

*Indiferente ao que há em conseguir*

*Que seja só obter"*

O mesmo P.º Júlio, no seu livro "Na terra de Inês Negra", publicado em 1993, faz questão de se referir às reações e críticas à publicação que serve de base a este trabalho para referir, com naturalidade, que não se espantou com o teor das mesmas, na sua quase totalidade favoráveis e considerando a obra oportuna, pecando apenas por tardia no tempo, dada a necessidade duma renovação, ou como melhor designou o P.º Júlio de "ACTUALIZAÇÃO"

Ora, não tendo o P.º Júlio participado nos trabalhos conciliares facilmente se pode aquilatar da visão pastoral do mesmo que é referida em praticamente todas as reações: cardeal patriarca, bispos da Conferência Episcopal Portuguesa, sacerdotes e outros a quem o P.º Júlio pediu opinião e parecer crítico.

Conclui o P.º Júlio e cito "dos documentos apresentados não consta o juízo crítico ou de autoridade de D.º Francisco Maria da Silva. O então Arcebispo de Braga expressou o seu temperamento, que não o seu juízo, no documento que o padre Júlio insere no livro "Na Terra de Inês Negra". E fê-lo porque "expressa ou melhor di-



zendo expressava o estilo vigente, então, no governo da arquidiocese.

É que "só se serve e prestigia a autoridade, respeitando a verdade, defendendo a justiça, e ouvindo todos"

Depois de nos deliciar na leitura e reflexão sobre a tão desejada e necessária "atualização" dos seminários o P.º Júlio no seu inquestionável estilo e prática pedagógica a que junta oportuníssima visão pastoral, termina com uma não menos oportuna citação do que muitos anos antes havia sido reitor do Seminário do Patriarcado, o P.º José Caetano de Mesquita ("Instruções

de Rhetorica e Eloquência" – 25 Abril de 1793), recomendando "que todos os superiores de Seminário meditem estas palavras" (o estilo apreendeu-o o P.º Júlio com o próprio Jesus Cristo, que nunca impôs o que quer que fosse, antes PROPÓS SEMPRE, no respeito inultrapassável pela liberdade e pela dignidade humana de todos e cada um, o que nem sempre aconteceu em relação à sua pessoa!...):

*"Tenho mostrado, segundo entendo, quanto é o meu interesse pelo bem público e do seminário; quanto me empenho porque saiam dele, não só ministros que*

*conheçam a religião e de piedade sólida; mas também sábios e capazes de cumprir todas as obrigações do seu estado. É bem verdade que procuro mais que tudo quanto está da minha parte fazê-los cristãos e mestres de cristãos católicos, encaminhando-os a estudarem sempre por Jesus Cristo; a começarem e continuarem e acabarem o dia com Deus e diante de Deus"*

Seja-me permitido concluir que o "triunfo da força, não é jamais uma vitória".

Continua na pág. seguinte

*Continuação da pág. anterior*

Se é verdade que "O que a gente leva da vida é a vida que a gente leva" então o P.º Júlio fez-se acompanhar dum manancial inesgotável de reflexões e orientações pastorais que vão para além do seu tempo e se mantêm atuais.

O nosso trabalho e reflexão bem poderia terminar por aqui. Somos aquilo que fazemos consistentemente (Aristóteles); assim a excelência não é um ato, mas sim um hábito. No caso concreto do P.º Júlio, ele soube, como ninguém, transferir-nos o que sabia de tal forma que soubéssemos aprender aquilo que nos ensinou.

"Não sendo por as coisas serem difíceis que não temos ousadia, mas sim por não ousarmos, que as mesmas se tornam difíceis". O P.º Júlio soube, com mestria, conjugar este pensamento do escritor romano Séneca, agindo rapidamente mas pensado segura e lentamente.

- Como exímio historiador, e a si mesmo obrigado ao rigor e estudo aprofundado e abrangente de autores especialistas, cita na sua obra trinta e seis autores, quer dos tempos clássicos, quer do magistério da Igreja ao longo dos tempos, mas com principal incidência desde Pio XI até ao papa João XXIII, não esquecendo os textos avulsos que iam saindo das sessões do Concílio Vaticano II e que acompanhava, a par-e-passo, adivinhando-lhe as conclusões (como que percussor atento, por um lado à realidade e necessidades do seu tempo, mas também como profeta dos tempos modernos, apresentando soluções diversas e oportunas, devidamente fundamentadas no pensar dos últimos papas e orientações da Igreja, mas que custavam a entrar no quotidiano da arquidiocese de Braga, sedenta de atualização, não apenas no pensamento, mas também na ação concreta do dia-a-dia.

Seja-me permitido citá-lo quando, a páginas 85/86 do seu livro, e depois de falar sobre "os superiores dos seminários e suas qualidades", refere e defende:

- "Só aprendemos com quem amamos" (Gothe);
- É melhor fazer penitentes pela doçura do que hipócritas pela severidade (S. Francisco de Sales)
- Depois do Céu, é o amor quem faz os milagres mais pasmosos;
- No regime das almas, é necessário uma taça de ciência, um barril de prudência e um oceano de paciência (S. Francisco de Sales e Lelotte)

- É necessário juntar a decisão á compreensão (Carlos Magno);
- A virtude não consiste em ser severo com os outros;
- Para ser bom conselheiro, deve-se saber escutar o próximo com caridade, deve-se respeitar escrupulosamente a honra e a reputação dos demais; deve-se ter a coragem e a audácia de defender a verdade (Bispo de Bruges).

E conclui o P.º Júlio dizendo: "Parece-nos que os depoimentos feitos excluem do Seminário dois "tipos de homem": o déspota e o efeminado - porque o primeiro deforma o caráter e o segundo deforma as características do sexo, e, conseqüentemente as do caráter"

O P.º Júlio abraçou incondicionalmente a sua vocação, avançando sempre, ainda que por vezes sozinho; desbravou horizontes, aspirou sempre à excelência; CRIOU VALOR; partilhou vivências que se têm vindo a repetir em tempos e lugares diferentes e que marcam profundamente o nosso presente e haverão de continuar para além dele.

Há por aí quem diga que o tempo muda as coisas; mas, na realidade, somos nós próprios quem tem de mudar para depois as mudarmos.

Do P.º Júlio se pode dizer com a propósito:

- Foi capaz de ver para além do óbvio;
- Soube reconhecer oportunidades;
- Adaptou-se à mudança;
- Sempre agiu com ponderação e decisão.

Estes foram os **GRANDES PILARES** da sua vida

A nós seus alunos e herdeiros do seu testamento cabe-nos **provar que a verdadeira sabedoria, é SABER APLICÁL-A.**

Na "Exortação Apostólica - *Evangelii gaudium*" (A Alegria do Evangelho) o Papa Francisco realça que "o tempo é superior ao espaço, porque ele inicia processos... ordena os espaços, ilumina-os e transforma-os em anéis de uma corrente em constante crescimento; o tempo gera novos dinamismos e, conseqüentemente, permite verdadeiras transformações. Contudo, elas exigem a capacidade de considerar em que horizonte devem operar as decisões e quais as vias praticáveis e os ideais realizáveis. Frequentemente deve-se lutar contra a tentação do imediato ou do fascínio da utopia. Por isso nenhuma das verdadeiras mudanças tem origem nas escolhas apressadas, mesmo quando nascem de impulso do coração. Ao contrário pressupõe um tempo de discernimento, de paciência, para não se passar imediatamente

ao ato, e a coragem de percorrer a longa estrada da procura, antes de chegar à escolha e à atuação"

**CONCLUINDO**

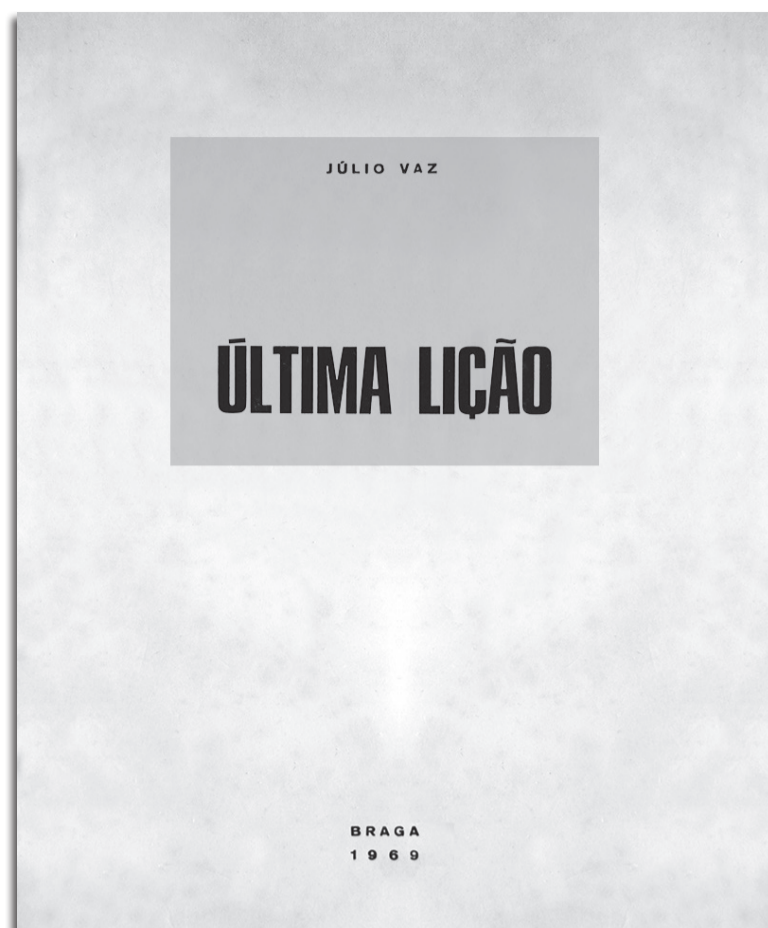
Ter sucesso é gostar daquilo que se faz; e quem gosta daquilo que faz nunca se cansa de trabalhar.

Eis, em conclusão, e duma forma simples, clara e objetiva o "perfil" do P.º Júlio Vaz, dotado de uma ímpar capacidade empreendedora, estudo e pesquisa constante, aturado e rigoroso; enquanto professor, dotado dum profissionalismo e qualidade nos serviços inultrapassável. "Ecce Homo"

Mas afinal que Seminário nos propõe; que sacerdote deve este preparar?

**Um SEMINÁRIO que:**

- Contrariando o "Seminário tradicional", seja capaz de lançar os educandos na busca de melhor motivação vocacional e crítica sobre a mesma;
- Que mostre aos seus educandos as imensas, quase infinitas possibilidades que terão, associando-se a Deus, na "empresa redentora";
- Que mostre aos educandos como as suas capacidades e tendências se podem desenvolver plenamente ao serviço de Jesus Cristo;
- Que apresente o sacerdócio não como limitando o indivíduo, mas rasgando-lhe imensas possibilidades de realização pessoal;
- Que permita e estimule a comparação entre a vocação sacerdotal e outras vocações e profissões, sem desprezar estas, levando o candidato a concluir por si mesmo, para a especificidade e/ou superioridade da vocação sacerdotal: - "*um dom absoluto de si mesmo a Deus e ao próximo* -";
- Que leve a que os jovens se convençam de que o sacerdócio lhes garante uma amizade especial com Jesus Cristo;
- O Seminário deve ser espaço e oportunidade para que se cultivem as virtudes naturais como "fator decisivo para o diálogo com o Homem atual", porque "uma doutrina, mesmo que seja a mais formosa, a mais delicada, a mais divina, como é a nossa, encarnada numa pessoa descortês e sem urbanidade perde cinquenta por cento da sua beleza e do seu encanto", porquanto e conclui o P.º Júlio "*a experiência confirma todos os dias esta verdade: ordinariamente são mais apreciados e conseguem mais fruto no seu apostolado os sacerdotes de*



*uma virtude ordinária e de um talento medíocre (veja-se o Santo Cura d'Arts acrescentamos nós), que sabem ganhar a simpatia das almas pela delicadeza e pela sua educação do que os grandes luminares da ciência;*

- Que promova e desenvolva, como recomenda S.S. Pio XII, entre outras, as virtudes de ordem natural: "sentido de responsabilidade, espírito de iniciativa, personalidade e carácter, conhecimento do dever, independência no agir, decisão consciente e formal";
- Que promova um diálogo sincero e sereno entre Superiores e alunos.

**QUE SACERDOTE NOS RECOMENDA O P.º JÚLIO VAZ?**

O P.º Júlio, apoiando-se fortemente nas palavras de S.S. Pio XI: "Os povos serão o que forem os seus sacerdotes, e estes o que for o seu Seminário", propõe que os seminários formem sacerdotes

- SANTOS
- APÓSTOLOS
- MISSIONÁRIOS

Uma linguagem e desiderato intemporais que os últimos Papas têm vindo a desenvolver, mormente o papa Francisco.

Duma forma particularmente oportuna o P.º Júlio Vaz serve-se duma "Carta enviada aos Seminaristas" da autoria de Tristão de Athayde em 1932, inserta na "Revista eclesiástica Brasileira", que cito e transcrevo:

"... É dum clero vivo, ardente, informado, atual, com alma jovem e a consciência clara dos problemas e da mentalidade da sua época, de que **PRECISAMOS**. Nada

pior do que padres anacrónicos... Quanto mais integralmente católicos, isto é, intemporais e universais em seu espírito, tanto mais vivos e atuantes. Quanto mais puros moral e doutrinariamente, em seu cerne, tanto mais contemporâneos, em sua aparência.

... Quando vos digo que saiais das sacristias para os confessionários, para os altares, para os jornais, ou para as ruas (as periferias de que tanto fala o papa Francisco - é que vos quero membros ativos de um clero que só pela luta conseguirá defender o tesouro que lhe foi confiado e só por ela se rejuvenesce continuamente. É portanto grave a responsabilidade que vos cabe, meus jovens seminaristas. Nós, os leigos, esperamos tudo de vós. Pois sem vós nada se fará. Sois o sal da terra..."

"Meus jovens seminaristas, o mundo, acima de tudo, **precisa de VIDA SOBRENATURAL**. E é de vossas mãos, meus jovens amigos, que amanhã poderemos recebê-la. **PENSAI NISSO E BASTA**"

S.S. o Papa João XXIII, no cinquentenário do Seminário Regional Campanente reafirma isto mesmo: "sim, queridos filhos seminaristas. A isto tende a vossa educação, à espera da missão que vos será confiada para a glória de Deus e para a salvação das almas. **FORMAR A MENTE, SANTIFICAR A VONTADE**. O mundo espera santos.: **ISTO SOBRETUDO**. Ainda mais do que sacerdotes cultos, eloquentes, em dia, **ESPERAM-SE SACERDOTES SANTOS E SANTIFICADORES.**"

**Manuel Domingos C. Silva**  
Vila Nova de Anha  
2016.09.04  
"Canonização de Madre Teresa de Calcutá"

# CENTENÁRIO - Padre Júlio Vaz

## Pedagogo, escritor e jornalista

Somos "memória e projecto".

Sim, registamos os acontecimentos que marcaram a nossa vida.

Há personalidades humanistas que fixamos através do tempo, pois contribuíram para o enriquecimento da nossa caminhada pelos diversos roteiros existenciais.

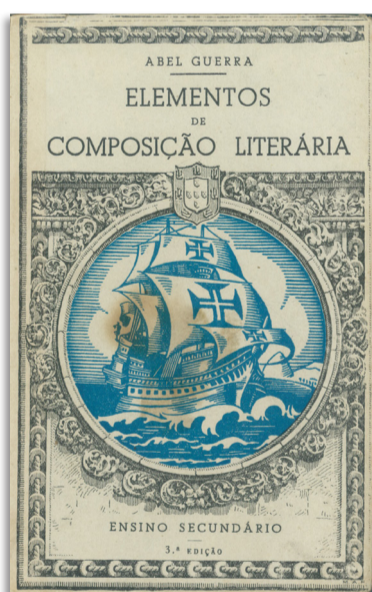
Falamos da "memória singular e admirável", e recordamos o P.º Júlio Vaz que foi nosso professor na disciplina de Português e História de Portugal, no Curso de Humanidades, concretizado no Seminário de Nossa Senhora da Conceição, em Braga.

Estávamos no início dos anos cinquenta do século passado.

Surge-nos na sala de aula o nosso professor de Português, e ficamos a conhecer o Senhor P.º Júlio Vaz.

Saúda-nos com palavra amigas e humanistas, ajudando "os meninos do Seminário Menor" a mitigar as saudades da família, da casa da aldeia minhota.

Apreciávamos as aulas, mas ainda, de modo especial, os seus concelhos de padre amigo, abrindo a pouco a pouco, horizontes para a vida nova que se iniciava.



### AULAS E AUTORES CLASSICOS

As lições eram cuidadosas.

Seguindo os livros "Elementos de Composição Literária" e "Seleção Portuguesa Explicada", ambos de Abel Guerra (1954), fomos aprendendo a ler bem, analisar os textos e a redigir.

Sim, escrever com correção.

P.º Júlio Vaz explicava: "A correção consiste em falar e escrever segunda as regras da gramática". Outra qualidade da linguagem é a clareza: "A clareza há-de ser o primeiro cuidado de quem escreve".

E as aulas iam continuando: "A concisão é aquela justa economia

da linguagem que limita o número de palavras ao necessário e suficiente, nem mais nem menos".

Íamos analisando textos de António Vieira, Bernardes, Antero Figueiredo, Aquilino Ribeiro, Frei Luís de Sousa, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Ramalho Ortigão, Correia de Oliveira e outros autores consagrados.

### LIÇÕES DE HISTÓRIA DE PORTUGAL

Já no final no Curso de Humanidades tínhamos a disciplina de História de Portugal.

Era aulas brilhantes.

O P.º Júlio trazia um livro manuscrito de sua autoria, encadernado. A marcação dos conteúdos a lecionar era feita por uma fita.

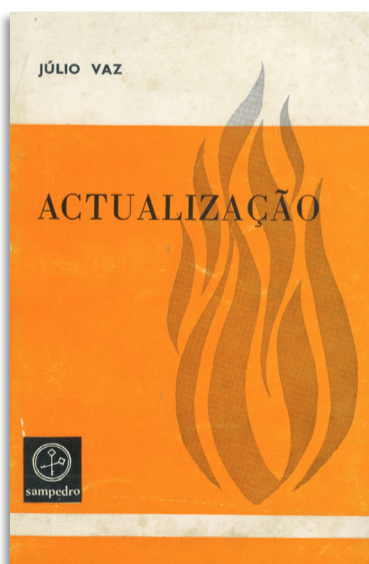
Ficávamos fascinados pela sua comunicação e no final da aula conversávamos.

Recordámos que mais de que uma vez, dissemos ao Senhor P.º Júlio que devia publicar o livro, pois até estudávamos melhor...

Amavelmente respondia que tinha que aprofundar mais alguns acontecimentos da História de Portugal. A sua imagem de pedagogo amigo e bom conselheiro perduraram.

Através do tempo apreciamos a sua actividade de jornalista no Diário do Minho, de modo especial os relatos de viagens e as crónicas sempre actual, intituladas: "Ao fechar da página".

Cruzamos-nos muitas vezes, e a saudação era sempre de estima, mesmo cordial.



### O LIVRO "ACTUALIZAÇÃO"

Em 1965 os ares da primavera do Concílio Vaticano II estendiam – se pelo mundo.

O P.º Júlio Vaz redige o livro "ACTUALIZAÇÃO" respeitante à formação nos seminários.

Ainda hoje há conteúdos e reflexões na citada publicação a merecer interesse.

Assim podemos ler nas páginas 110 e 111:

"A adolescência caracteriza-se, também, por atitudes bruscas e desrespeitosas para com os mais velhos ou pelos responsáveis. E a irreverência da idade... Ainda, neste assunto, os seminários de tipo tradicional, contentam-se com recomendações de ordem geral, com a defesa intransigente das normas disciplinares, com uma confiança absoluta na vida espiritual.

Esquecem frequentemente, um elemento humano, aliás indispensável: "o culto das boas maneiras". (...)

O autor refere o que o Arcebispo Reims disse na Terceira Sessão Conciliar: "Que era necessário cultivar as virtudes naturais como factor decisivo com o diálogo com o mundo".

Cita ainda D. Vicente Enrique y Tarancon, na data Arcebispo de Oviedo: "Uma doutrina mesmo que seja mais formosa a mais delicada, a mais divina como é a nossa, encarnada pessoa descortês e sem urbanidade, perde cinquenta por cento da sua beleza e do seu encanto".

Nesse período de tempo surge "O Pacto das Catacumbas" (A Missão dos Pobres na Igreja), que é assumido e divulgado numa iniciativa de bispos do Brasil, Colômbia, Argentina, França, e outros países da Europa Africa, Asia e América do Norte.

Não podemos omitir a referência D. Hélder Câmara e a D. António Fragoso pelo seu compromisso evangélico com as populações mais fragilizadas.

D. Hélder Câmara afirmava que: "Ninguém nasceu para ser pobre".

### REGIONALISTA E MELGACENSE

São várias as publicações do P.º Júlio Vaz, e entre elas registamos a comunicação apresentada ao I Encontro Luso-Galaico realizado em Janeiro de 1985, intitulado "A Gastronomia Melgacense".

Desfilando a cozinha tradicional de Melgaço, com as suas ementas de dias de festa e de trabalho, refere-se ao apreciado presunto de aroma e paladar único.



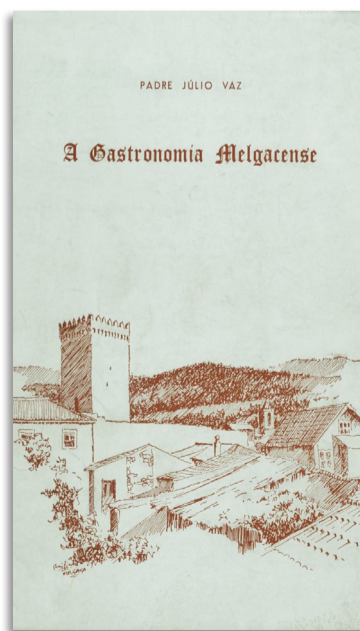
Finalistas de Teologia – 1964 – Ex. Alunos de P.º Júlio Vaz

Sublinhamos do autor melgacense: "Mantem-se o presunto como o REI da gastronomia local: ele é o ingrediente forte e bem apaladado da cozinha melgacense; ele é o ocupante primeiro da escolhida certa do merendeiro nas festas e romarias; ele é o colorido rubi das merendas caseiras a receber as visitas sobre a toalha de linho, nascida no campo da aldeia e herdada de gerações, com o seu corte de circunstância: o chouriço fidalgo, a broa caseira e o vinho, o melhor vinho da casa, ele é o bife sem igual, presunto de Melgaço o amigo fiel, a solução gastronómica sendo oportuna, dádiva singular para os paladares mais exigentes"

(...)

José Augusto Vieira confirma-o com estas palavras: "O presunto, aquele magnífico presunto de Melgaço, cujas deliciosas qualidade te descrevo leitor amigo é, especialmente, curado em Fiães".

Recordo-me bem que no começo dos anos trinta e na missa nova de meu irmão mais velho, P.º Carlos, na Capela de Coração de



Jesus da Adedela, Fiães e na qual tomou parte cor e orquestra, por músicos vindos do Porto, finda a rejeição – fora o clássico jantar melgacense – com respeitosa e expressiva timidez pediram a minha querida mãe, se houvesse sobrado uns nacos de presunto, para dar às suas mulheres. "Que nunca comeram presunto igual, disseram."

Gostosamente e generosamente foram atendidas com um obrigado sincero de minha mãe.

É, pois, necessário, preservar, manter e divulgar a cozinha melgacense"

### DIGNIDADE E SERENIDADE

O P.º Júlio Vaz que faria 100 anos no dia 21 de Outubro, vestia de cor escura, usava cabeção largo e chapéu.

Quando passava na Avenida Central de Braga, em frente ao Café da Brasileira ou na Arcada, ia cumprimentando as pessoas tirando o chapéu, caminhando sempre com passo firme.

Um dia, o Prof. Doutor Abílio Lima de Carvalho, da Universidade do Minho, e posteriormente Presidente do Instituto Politécnico de Viana do Castelo comentou: "O P.º Júlio Vaz impressiona pela sua personalidade rica e radiante".

Tão amigo era da sua terra, quer da ribeira ou da montanha melgacense, que em 1996 na comemoração do "DIA DO BRANDEIRO" marcou presença com grande satisfação e amizade, valorizando o acontecimento cultural.

Na celebração do CENTENÁRIO DO PADRE JÚLIO VAZ, pedagogo, escritor e jornalista, de quem guardamos boas memórias, a nossa sentida homenagem.

José Rodrigues Lima